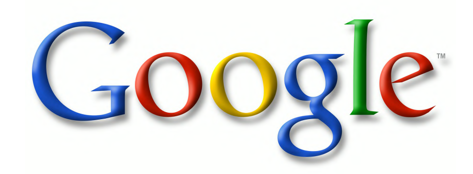
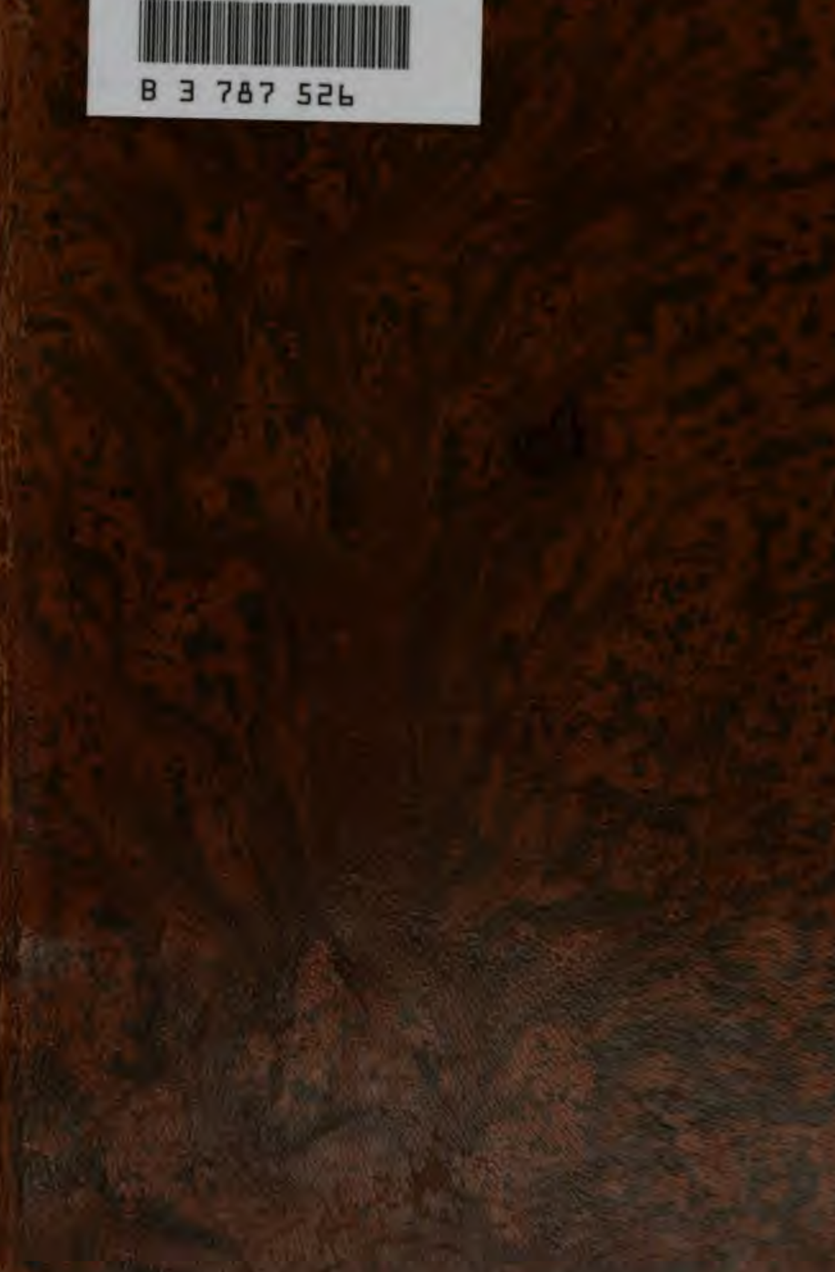
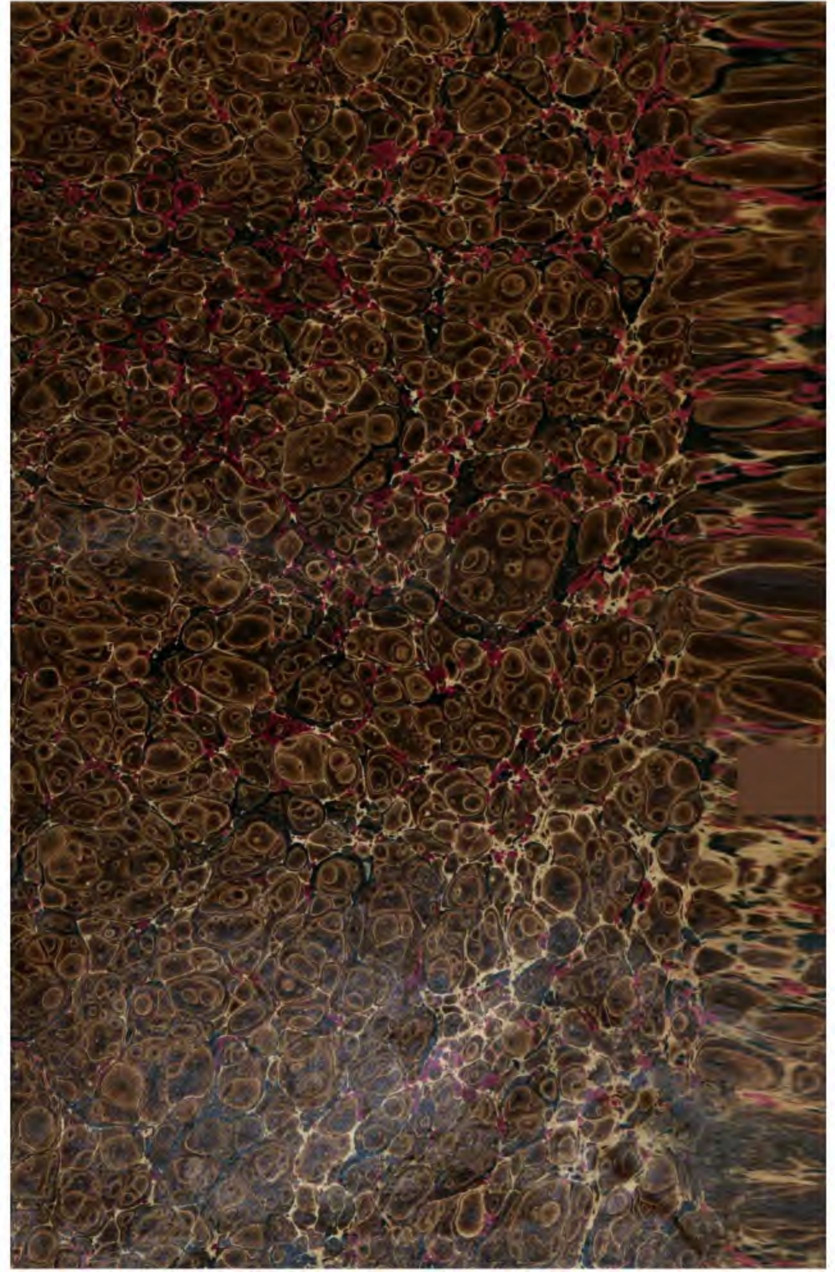

Google


B 3 787 526


SOUZA DA CAMARA
EX-LIBRIS



E. Gama.

Lisboa = 11/4/83.

CLASSICOS PORTUGUEZES.

OBRAS COMPLETAS

DO DOUTOR

ANTONIO FERREIRA

Paris — Typographia de Ad. Lainé e J. Havard, rua dos Santos Padres, 19

OBRAS COMPLETAS

DO DOUTOR

ANTONIO FERREIRA

QUARTA EDIÇÃO

ANNOTADA E PRECEDIDA DE UM ESTUDO

SOBRE A VIDA E OBRAS DO POETA

PELO

CONEGO DOUTOR J.-C. FERNANDES PINHEIRO

Professor do Imperial Collegio de Pedro II
Membro do Instituto Historico e Geographico do Brasil, da Academia Real das Sciencias
de Lisboa e da Sociedade Geographica e Estatistica de Nova-York, etc.

TOMO PRIMEIRO



RIO DE JANEIRO
B.-L. GARNIER, EDITOR
69, RUA DO OUVIDOR.

PARIS
AUGUSTO DURAND, EDITOR,
RUA DES GRÈS, 7.

1865.

DEDICATORIA.

A' Academia Real das Sciencias de Lisboa.

A quem melhor do que a vós, em cujo recinto se guarda o tabernaculo da lingua portugueza, poderia eu dedicar esta nova e acurada edição das obras do Dr. Antonio Ferreira, que tanto illustrou e ennobreceu o patrio idioma? Dignai-vos pois de aceital-a como mesquinha oblação do mais profundo acatamento que vos consagra

JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO.

PREFACIO

Sensivel e lamentavel é o pouco estudo que da lingua portugueza hoje se faz, contentando-se a mór parte das pessoas com as rudimentaes noções que nas aulas primarias recebemos. Ao passo que com tanto esmero busca a juventude adquirir conhecimento do grego, do latim e dos modernos idiomas da culta Europa, menospreza o patrio, e descuida-se de informar-se da indole e qualidades caracteristicas d'esse mesmo idioma.

Sobeja-nos talento e aptidão para as sciencias, lettras e artes; infelizmente porém falta-nos gosto para as cousas patrias, carecendo entre nós a instrucção publica do cunho verdadeiramente nacional. Pelos livros estrangei-

ros aprendemos, por elles alimentamos o sagrado fogo da intelligencia, e nas bibliothecas do sabio e do litterato raras obras em vulgar se encontrão.

Diversas causas hão contribuido para tão funesto resultado : a assidua leitura de livros estranhos, que somos forçados de consultar para acompanhar os progressos do espirito humano; a deficiencia, de que já fallámos, dos estudos elementares, que sós poderião servir de correctivo ao mal; a raridade das obras reputadas classicas, e o seu consequente excessivo preço, concorrem poderosamente para a corrupção da lingua e o desapparecimento d'aquella elegancia no fallar e escrever que tanto distingue os nossos classicos.

Cumpre plantar balisas diante do abysmo em que corre a despenhar-se a bella lingua que fallava Cabral, e que pelos vinculos de sangue e de educação tão nossa é como dos habitadores das ribas do Tejo, Douro, ou Mondego. Emulemos com os nossos irmãos d'além-mar no nobre empenho de restaurar-lhe as priscas

galas, imprimir-lhe novas e elegantes fórmas, respeitadas as leis d'analogia, e arrojemos para bem longe de nós a cruel censura de desbaratarmos a opulenta herança que de nossos pais recebêmos.

Anhelando, obscuro alvanel, concorrer com mal faceada pedra para o monumento que deixamos delineado, propuzemo-nos dar nova edição aos *Poemas Lusitanos* do Dr. Antonio Ferreira, que escassos se ião tornando em nosso mercado; mas havendo-nos mostrado a experiencia que a falta de cabal conhecimento de muitos vocabulos antiquados, de muitas allusões e referencias a usos e costumes obsoletos, afastava não poucos leitores da frequencia dos classicos, pensámos que prestariamos algum serviço á mocidade estudiosa se, á guiza do que se tem praticado em outros paizes, lhe addicionassemos notas explicativas, fazendo-as preceder de um ligeiro estudo sobre a vida e obras do eximio poeta que só

. . . . . a sua terra amou e a sua gente.

Servindo-nos da edição de 1771, como a mais completa, cuidadosamente a collacionámos com a de 1598, hoje rarissima, e cuja consulta foi-nos facultada por um amigo nosso, distincto bibliophilo, a quem folgamos de render os nossos agradecimentos. Respeitamos a orthographia das primeiras edições, convencido de que muito perderia a veneração que taes obras inspirão se a trajassemos com modernas vestes.

Tal foi o pensamento que presidio á nova edição dos *Poemas Lusitanos* que ora apresentamos ao publico, solicitando seus suffragios. Se, como esperamos, favoraveis nos fôrem, servir-nos-ha isso de incentivo para novos, e quiçá maiores commettimentos.

———

ESTUDO

SOBRE

A VIDA E OBRAS

DO DOUTOR

ANTONIO FERREIRA.

Cercado de gloriosas tradições é o berço da monarchia portugueza : a raça vigorosa que tenaz resistencia oppôz ás intrepidas legiões de Roma não degenerou caldeando o sangue com o de differentes povos que successivamente domináräo na Hespanha. É um povo de heróes esse a quem a Providencia collocou, como de atalaia, n'um angulo da peninsula para vislumbrar o inimigo nas immensuraveis planicies do oceano. Nos marmores da historia entalhou seu nome, e, arrojando os Arabes para além do estreito, conteve o colosso iberico nas infran-

queaveis barreiras do Tejo, Douro e Guadiana. Legendarios, por estupendos, parecem os seus annaes, que se não assemelhão aos de nenhuma outra nação, antiga ou moderna.

Entre as numerosas singularidades da sua historia ha uma sobremodo caracteristica; queremos fallar do phenomenal consorcio das lettras com as armas. Conhecido e averiguado é que espavoridas fogem as musas ao ruido das batalhas, e que os periodos de maximo ardor marcial correspondem na vida das nações a certa rudeza nos costumes, certo menospreço pelas producções do engenho humano. Cerrado estava o templo de Jano quando no horizonte de Roma despontou o seculo de Augusto.

Feliz excepção d'esta regra offerece Portugal: seus primeiros reis, seus mais esforçados guerreiros, forão ao mesmo tempo os primeiros poetas; guerrear e trovar parecião misteres igualmente proprios ao seu bellicoso e enamorado animo. Gonçalo Hermiques, o fidelissimo Egas Moniz, o rei lavrador, o conde de Barcellos, o amante de Ignez de Castro, e o malaventurado duque de Coimbra, refocillavão-se dos combates tangendo o arrabil.

Ardua foi a tarefa commettida aos trovadores; á semelhança de Dante devêrão crear a lingua em que

modulárão seus cantos; de heterogeneos e repugnantes elementos fazer sahir um sonoro, energico e expressivo idioma, invejado pelos mais cultos da Europa. Pouco a pouco adelgaçou-se o dialecto gallego, fallado pelos companheiros de Affonso Henriques; pelo contacto com o italiano e provençal adquirio novos torneos, e no saudoso alaúde de Bernardim Ribeiro tocou ao zenith do esplendor a que devêrão chegar as linguas da Europa meridional antes d'essa revolução litteraria a que se deu o nome, talvez improprio, de *renascimento*.

Sem negar a vantagem dos estudos classicos, sem desconhecer que preciosos thesouros encerrão as litteraturas grega e latina, pertencemos ao numero dos que pensão que a servil imitação dos antigos grandemente prejudicou ao espontaneo desenvolvimento que na Europa latina ião tendo as lettras, que no christianismo, nos novos habitos adquiridos na diversa phase em que entrára a sociedade, encontrava outros elementos de vida, outros germens de expansão. Descobrimos muito mais poesia na *Divina Comedia*, ou no *Orlando Furioso*, do que na *Jerusalém Libertada*, primor da supposta regeneração.

Estava porém fadado que a Italia, irmã da Gre-

cia pelo seu clima, pelo genio dos seus habitantes, devêra dar o signal da reacção, abrindo os sumptuosos salões de Florença e de Roma aos foragidos de Constantinopla, evocando os manes dos Homeros, Virgilios, Aristoteles e Quintilianos.

Com que açodamento quebravão-se os idolos da vespera! Com que afan se retrogradava, dando as cartas ao futuro, que tão rico de esperanças ia surgindo!!... Os romances e villancetes dos trovadores, que ainda ha pouco fazião as delicias das damas e cavalleiros, perfumavão os saráos com o olor de uma patriotica e christã poesia, forão esquecidos, acoimados de barbaros, e com o febril alvoroço dos apostatas, homens, mulheres, velhos e meninos se puzerão a parodiar Gregos e Romanos, arrojados pelo sopro divino do scenario da historia.

Encravado na Europa, e intimamente ligado ao movimento que capitaneavão os Medicis, não tardou Portugal em ceder ao poderoso impulso reaccionario.

Dous varões recommendaveis pelo seu caracter e vasta erudição puzerão-se á frente da restauração classica, e supplantárão a escola dos trovadores, cujo ultimo representante finava-se de saudades no melancolico retiro de Cintra.

Escolhêmos para objecto do nosso estudo o Dr. Antonio Ferreira, um d'esses *legisladores do Parnaso Portuguez*, como os denomina o Sr. Ferdinand Denis, e, como de razão, começaremos por esboçar-lhe a vida antes de estudar-lhe as obras.

Corria o anno de 1528 quando na muito antiga e muito heroica cidade de Lisboa vio a luz do dia uma criança que na pia baptismal devêra receber o nome de Antonio. Forão seus progenitores Martim Ferreira, cavalleiro da ordem de S. Thiago e escrivão da fazenda do duque de Coimbra, e D. Mecia Fróes Varella, senhora de nobre ascendeneia, e ainda mais nobre coração.

Despindo as faixas infantis revelou-se-lhe singular perspicacia e grande vocação para as lettras. O tempo que os meninos malbaratão em brincos e folguedos consagrava-o o pequeno Antonio á assidua leitura de bons livros; assim tambem era elle o discipulo querido de seus mestres, sempre o primeiro da sua classe.

Recebida a primeira e elementar instrucção partio para Coimbra, cuja celebre universidade derramava brilhante luz por todo o reino e conquistas. Destinado á carreira das lettras, que não quizera abraçar seu irmão Garcia Fróes, preferindo a das armas,

cedo mostrou que bem fundadas erão as esperanças que n'elle depositavão seus pais. Ouvio com grande proveito as lições dos Gouvêas, Teives, e Buchanans, amestrou-se nas linguas classicas, com gosto cursou as aulas de philosophia e mathematicas, e pôz remate aos estudos dando-se á sciencia dos Ulpianos e Bartholos.

Intima e duradoura amizade contrahíra (não sabemos quando) com o Dr. Francisco de Sá de Miranda, que entre os contemporaneos gozava de grandes creditos, podendo-se sem exageração affirmar que empunhava o sceptro das lettras lusitanas. Sabido é que foi elle quem hasteou o pendão da revolta contra a escola latinista, dirigida pelo celebre Diogo de Teive, cuja escola reputava pouco digna de assumptos graves e *romance vulgar*, apezar dos fóros que lhe outorgára o heróe de Aljubarrota. Ferreira, a quem solidos estudos da antiguidade grega e romana, e sobretudo a influencia de seu venerando mestre, têl-o-hião lançado n'essa litteratura hybrida, formada dos elementos desconnexos do passado e do presente, escapou, por graça da amizade, ao perigo que imminente se antolhava.

N'essa aurea quadra da existencia que, como doce penumbra, separa a juventude da mocidade, forão

compostas a mór parte das poesias do primeiro volume, dedicadas em sua grande totalidade a amorosos assumptos.

Collige-se da leitura dos seus sonetos que algumas paixões se lhe ateárão no sensivel peito; porquanto ora vemo-lo enviando saudosos versos a uma nympha do Tejo, ora pranteando o passamento de uma beldade que das margens do Almonda fôra transplantada para as do Douro; ora finalmente rendendo-se á fascinação que sobre os mancebos estudantes exercem as formosas Conimbricenses. Conseguio uma d'ellas, por nome D. Maria Pimentel, tornar-se unico e exclusivo objecto do amor do poeta, que em face dos altares jurou-lhe perpetua fidelidade.

Sabemos que dos bancos universitarios subíra á cadeira magistral, ignorando porém qual a disciplina que leccionára, nem por quanto tempo exercêra tão arduo mister. Por falta de vocação, ou porque mais risonho futuro lhe acenasse a magistratura, deixou o magisterio e encaminhou-se para Lisboa, afim de exercer o honroso cargo de desembargador da casa da supplicação.

A rectidão dos seus juizos, a nobre independencia, os profundos e variados conhecimentos que mos-

trára, attrahírão-lhe a geral estima e a particular consideração do monarcha, que agraciou-o com o titulo de fidalgo da sua casa. E essa estima, essa consideração, nunca as desmereceu Ferreira, através das vicissitudes politicas por que passou Portugal em seu tempo. Vemo-lo prezado por D. João III, pela rainha D. Catharina, pelo cardeal-infante, e pelo cavalleiroso mancebo que só de armas curava.

Dava á poesia os poucos ocios que da sua trabalhosa profissão sobravão; á poesia, essa amiga da infancia, que engolphando-o na contemplação do passado, ou nas magas intuições do porvir, abstrahia-o da realidade da vida, fazendo-o respirar o puro oxygenio do idealismo.

Não faltou porém quem lh'o exprobrasse, quem achasse inconvinhavel á gravidade do magistrado a composição de versos, esquecendo d'est'arte que nos alcaçares da realeza hospedára-se a musa lusitana no primeiro periodo da sua historia. A esses *ruins* respondeu Ferreira n'uma epistola endereçada ao cardeal-regente, onde o vigor dialectico porfia com as graças do estylo.

Semelhante á piroga do indio nas frementes aguas do Amazonas corria a vida do eximio poeta

para as empinadas ribas do sepulcro. Sobre os tectos da cidade d'Ulysses pousava o anjo da morte no torvo aspecto de assoladora peste. Em negregada hora perdeu Portugal o cidadão benemerito que tantos e tão bons serviços lhe prestára, o abalisado escriptor que em castiça linguagem trasladava os primores da Grecia e do Lacio, o arbitro do bom gosto que nas verdadeiras maximas de poetar doutrinava os mancebos. Sobre o firmamento da patria passou como fatal meteoro o anno de 1569. A morte do Dr. Antonio Ferreira foi uma calamidade publica: todos o pranteárão; e das plangentes lyras de Bernardes, Caminha e Sá de Menezes sahírão sentidas endechas. Depositados seus ossos no cruzeiro do convento do Carmo da sua cidade natal, ainda aguardão, como por largos annos os de Camões, condigno e duradouro moimento.

Consta o espolio litterario de Ferreira de uma collecção de poesias com o titulo de *Poemas Lusitanos*, que vírão o lume publico em 1598 por industria de Estevão Lopes, sendo dedicadas por Miguel Leite Ferreira, filho do poeta, ao principe D. Philippe, herdeiro da vasta monarchia hespanhola. Mais tarde (em 1622) publicou o impressor Antonio Alvares as suas comedias conjuntamente com as de Sá

de Miranda. Houve mais duas edições dos referidos *Poemas :* a de 1771 em dous tomos de 8º, precedida da vida do autor, escripta por Pedro José da Fonseca, professor de rhetorica em Lisboa, e a de 1829, em dous pequenos volumes de 16º.

Cento e dous sonetos formão outras tantas columnas que sustentão o portico das obras poeticas de Ferreira. Ainda que nova não fosse esta especie, havendo d'ella usado o infante D. Pedro Vasco de Lobeira, e ainda recentemente Sá de Miranda, é todavia incontestavel que contribuio grandemente para pôl-a em voga.

Posto que a idéa mais do que a fórma merecesse do nosso autor particular attenção, recommendão-se ainda por este ultimo predicado alguns dos seus sonetos, como os XII, XIX, XXIV do livro I, e o XXVIII do livro II.

Póde outrosim ser considerado de creador da poesia descriptiva em Portugal; porque ninguem antes d'elle pensára que por mais primoroso que seja um quadro muito perde do seu valor se por ventura lhe falta rica e elegante moldura.

Pede porém a justiça que confessemos que os sonetos de Ferreira muito longe estão de emparelhar com o do cantor dos *Luziadas*. Isento não é o

distincto quinhentista de certo prosaismo, certa rudeza de dicção que gravemente prejudicão a fórma que pela sua elegancia e fluidez tanto apraz aos amigos das musas.

Extremado admirador dos Gregos, buscou naturalisar o epigramma. Tomando-o na primitiva acepção, escreveu alguns que se pela originalidade não se singularisão, estimaveis se fazem pela delicadeza de imagens e propriedade de expressão. Destaca-se d'esse gracioso grupo o que tem por titulo *Marte Namorado*, considerado como um primor de composição.

A ode, desconhecida dos trovadores, que pela canção substituião-a, deveu a Ferreira seus foraes no Parnaso portuguez. Discipulo de Horacio, empenhou-se em trasfolear-lhe os relevos, debuxar-lhe os contornos, e não raro degenerou a imitação em cópia. Os inspirados arroubos do rei-propheta, o vigoroso estro do vate thebano, ou ainda o enthusiasmo, por vezes ficticio, do conviva de Mecenas, não dictava os versos do nosso poeta. Censura-lhe a critica o emprego de expressões pouco adequadas á magestade da ode, e sobretudo o funesto habito de enlaçar as estrophes, em damno da melodia da phrase e da sublimidade do pensamento. A despeito d'estas ma-

culas avultão em suas odes bellezas de raro quilate; e n'este genero, bem como em muitos outros, cabe-lhe sem duvida o titulo de *padre da poesia portugueza*.

Mais conforme ainda á sua indole reflexiva e merencoria era a elegia. Ora dando-lhe a intelligencia que algumas vezes lhe derão os Gregos e Romanos, compunha com tal denominação o formosissimo idyllio consagrado ao mez de Maio; ora tomando-a na mais generica accepção, panteava a morte do principe D. João, ceifado pela segure da morte na alvorada da existencia, ou lastimava o passamento de Bittencourt, a quem prendião-o estreitos laços de fraternal amizade.

Levado pelo impulso que arrastava os bardos portuguezes para a poesia bucolica, legou-nos Ferreira lindas eclogas, sobresahindo entre todas a denominada *Os segadores*, dedicada ao infante D. Duarte. Remio ahi a mór parte dos peccados que commettêra quando nas aras de Bercan e Sannazaro immolára o *nativismo*, e, desdenhando as côres tão pittorescas do patrio torrão, aprazia-se em descrever os outeiros da Arcadia, ou os amenos valles de Tempe. Quasi original tornou-se na ecloga a que alludimos, traçando com perfeição os costumes

pastoris, e conseguindo, através de congenita difficuldade, attingir ás raias da melodia.

Como todos os epithalamios, não passa de um tecido de louvaminhas e de hyperboles o que compôz por occasião do consorcio da infanta D. Maria com o principe de Parma, Alexandre Farnese. Semelhante a um precipitado chimico despenhar-se-hia no olvido se o não salvasse o donaire do estylo, e a graça de algumas mythologicas pinturas.

Passa pela menos importante das producções de Ferreira a legenda rimada com o titulo de *Historia de S. Comba.* « Esta legenda (diz Costa e Silva) poderia dar um lindo poema se fosse tratada por um poeta allemão. Elle faria do mouro um gentil mancebo, animado de todo o fogo e impetuosidade de um amor africano, e pintaria na pastora os combates entre o amor que a inclinava ao rei, e a virtude que a obrigava a fugir d'elle, ajudada dos soccorros sobrenaturaes. Porém não estava no caracter de Ferreira, nem no estado em que então se achava a arte, o encarar o assumpto debaixo d'esse ponto de vista [1]. »

Como na precedente composição, é tambem a opulencia da dicção que resgata a pobreza das

[1] *Ensaio Crit. e Biogr.*, t. II, cap. III.

imagens e a completa ausencia de interesse dramatico.

Servem as cartas de portico ao secundo volume dos *Poemas Lusitanos*, composto em provecta idade e quando já trajava a toga de magistrado. Sempre enthusiasta do vate venusino, imitou-lhe as fórmas, inspirou-se até de suas idéas applicando-as com maïs ou menos fortuna aos mais nacionaes assumptos.

Como dissemos, era Ferreira varão recommendavel pela integridade e honradez, e se novas provas d'isso precisassemos, fornecer-nos-hião suas cartas endereçadas a diversas personagens. Causa hoje certa estranheza o contemplar o modo livre, sem deixar de ser respeitoso, com que fallava aos reis, ou aos que mais junto do solio se sentavão.

Lhano com os amigos, nunca lhes recusava conselhos e consolações; como oraculo ouvido pelos contemporaneos, jámais abusou do seu predominio; jámais cegou-lhe a vaidade fazendo-o suppôr demasiadamente de si. Com que ingenuidade expõe a Diogo Bernardes as suas idéas ácerca da poesia! E no em tanto é essa carta verdadeiro codigo do bom gosto, emulando com a epistola aos Pisões, e com a Arte Poetica de Boileau.

No bulicio da côrte, circumdado de distincções e homenagens, não se esquecia dos seus velhos amigos, nem do saudoso tempo que folgára nas ribeiras do Mondego. Particularmente revelão-se tão puros sentimentos na mui conhecida epistola mandada a seu douto mestre Diogo de Teive, onde a candida alma do poeta expande-se aos beneficos raios do sol da amizade.

Nos epitaphios que seguem-se ás cartas descobre-se alguma monotonia, inherente a taes composições. Avantajão-se entre elles o consagrado á memoria d'el-rei D. Diniz, e os dous que dedicára á saudosa recordação de sua esposa D. Maria Pimentel.

O maior pregão porém da gloria litteraria de Ferreira é por sem duvida a tragedia *Castro*. Vazada nos moldes gregos, observando com escrupulo os lineamentos de Sophocles e de Euripides, causou verdadeira revolução na scena portugueza, apenas inaugurada pela musa faceta de Gil-Vicente. Razões ha para acreditar que desconhecia o nosso autor a *Rosmonda* e o *Orestes* de Ruccelai e a *Sophinisba* de Trissini, que na Europa moderna renovárão as classicas tradições; mas ainda quando houvesse manuseado semelhantes peças, reconhe-

cida é por estranhos e naturaes juizes a superioridade do tragico lusitano.

Não pretendemos apresentar a *Castro* como estreme de defeitos, nascidos uns da demasiada simplicidade do enredo, procedentes outros da deficiencia de lances dramaticos, da extensão dos córos, e da quasi que constante frouxidão do verso. Não falta quem busque attenuar-lhe o principal defeito allegando que nos fastos nacionaes haurira elle o assumpto da sua peça, que nas laudas de Fernão Lopes, tão imponentes em sua simplicidade, achava-se já registado o lamentavel caso

« . . . . . . *Da misera e mesquinha,*
« *Que depois de ser morta foi rainha*[1]. »

Mas por ventura respeitárão Maffei e Voltaire a fabula de Merope?

Mal entendida fidelidade historica, supersticioso culto das tradições dictárão a Ferreira a fraqueza com que desenhou os seus caracteres, os quaes, com excepção do de Ignez, e quiçá do do secretario do infante, são de glacial frieza e inverosimilhança. Ha mesmo um (o d'el-rei D. Affonso) com razão denominado *de ignobil* pelo distincto critico Martinez de

[1] Camões, *Lusiadas*.

la Rosa. Nem sequer occorreu ao poeta proporcionar uma entrevista entre D. Pedro e sua afflicta esposa, onde a eminencia do perigo, mesclada ás reminiscencias do passado, originassem scenas de commovedora impressão.

Pago o tributo á imparcialidade que nos guia a penna, procedamos ao rapido inventario das bellezas que n'esta composição se encontrão.

Admiravelmente traçado pareceu-nos o dialogo entre D. Affonso e os seus conselheiros. A hesitação do rei, a luta travada entre seu coração, accessivel aos sentimentos de piedade, e a cabeça, assaz fraca para deixar-se vencer por insidiosos argumentos, fazem honra á musa de Ferreira.

Nem menos bello é o monologo que se lhe segue, onde em relevo se divisão os encontrados sentimentos que agitavão o animo do vencedor do Salado, o pungente espinho do remorso que lhe lacerava os seios d'alma, e a falsa segurança de consciencia que na alheia responsabilidade procurava.

Apezar de declamatoria e extemporanea a falla com que estrêa D. Pedro o ultimo acto, ha n'ella valentia de expressão e assomos de apaixonado amor.

Quasi como um acontecimento politico fastoso para o paiz foi festejada a apparição d'esta peça

pelos amigos das lettras: a inveja porém suscitou-lhe logo contradictores, que, á guiza do escravo que acompanhava o triumphador romano, lhe mangrassem a gloria. Nada menos do que a vergonhosa accusação de *plagiario* pretendêrão arrojar ás faces do eximio poeta. Vejamos em que se fundavão.

Vinte e um annos antes que dos prelos ulysiponenses sahisse a *Castro* de Ferreira publicára em Madrid o dominicano hespanhol Jeronymo Bermudez uma tragedia intitulada *Nise Lacrymosa*. A extrema parecença que entre ambas existe autorisou a suspeita de que o autor dos *Poemas Lusitanos* se houvesse apropriado do trabalho do religioso forasteiro. Contra tal arguição debalde protestava a lealdade e nobreza, nunca desmentidas, do magistrado portuguez, e os elogios que em sua vida lhe endereçárão por este motivo illustres contemporaneos, e nomeadamente Bernardes, no soneto XCIV das *Flôres do Lima;* exigião-se provas e não inducções; convinha derribar o colosso da calumnia, cotejando as duas obras, e marcar a fronte do falsario com o ferrete da ignominia. D'este trabalho incumbio-se um illustre conterraneo de Bermudez, o estimavel e nunca assaz pranteado litterato Martinez de la Rosa, demonstrando com cabal

evidencia que, apezar de havêl-a precedido no dominio da publicidade, era a *Nise* traducção da *Castro*, mui seguramente consultada em manuscripto pelo discipulo de S. Domingos de Gusmão, que por largos annos residíra em Portugal, convivendo talvez com o mesmo homem cuja reputação litteraria procurou defraudar.

A tão autorisada sentença oppôz Costa e Silva embargos, que esperamos ver desprezados no supremo tribunal da imparcial critica. A duas categorias podem elles se reduzir: de só apparecerem nos córos da tragedia *Castro* odes saphicas que se não encontrão nas demais poesias de Ferreira; e da existencia de certo frescor nativo na *Nise* de Bermudez, que revela não ser ella traduzida de lingua alguma. Quanto á primeira objecção, responderemos que nada impedia ao distincto poeta portuguez o reservar a manifestação de uma nova especie lyrica para a obra que sobre todas prezava; como mais tarde praticou Garção, abrindo espaço na comedia *Assembléa, ou Partida*, para a magnifica *cantata de Dido*. Ácerca da allegada naturalidade dos pensamentos e das galas do estylo, que imprimem á tragedia de Bermudez o cunho da originalidade, diremos que para quem,

como elle, conhecia o genio dos dous idiomas, e a proxima analogia que entre elles existe, difficil não era apossar-se do pensamento de Ferreira e exprimir com fidelidade até os mais imperceptiveis cambiantes da dicção.

Duas comedias, de *Bristo* e do *Cioso,* completão as obras dramaticas do Dr. Antonio Ferreira; a primeira *escripta,* como elle proprio nôl-o diz, *durante umas férias da universidade,* e a segunda em época mais adiantada.

Inferior na arte de dialogar a Sá de Miranda, lhe leva decidida vantagem na pintura dos caracteres e no desenvolvimento da acção. Se pelo gosto moderno as quizermos porém aferir, ou ainda submettêl-as ás rispidas regras de Aristoteles e de Horacio, incorrerãõ na mesma censura que Voltaire fulminava contra as de Lopo da Vega e Calderon de la Barca. Injusto porém será sempre aquilitar qualquer producção do engenho humano sem que nos transportemos pela imaginação á época em que fôra composta, e estudemos cuidadosamente o gráo de apreço que dos contemporaneos merecêra.

Assim procedendo menos desagradavel impressão sentiremos ao ler as maximas de relaxada moral, as situações pouco decorosas, e a, por vezes,

deshonesta linguagem que nas comedias de Miranda e Ferreira abundão. Nada exigentes erão os antigos a semelhante respeito; e dos autores comicos só exigião que lhes provocassem perenne hilaridade. Para explicar como Sá de Miranda ousava representar perante o cardeal D. Henrique as comedias *Vilhalpandos* e *os Estrangeiros*, como Ferreira dedicava a *Bristo* ao principe D. João, e levava-a á scena da universidade de Coimbra, convem que nos recordemos que nos paços de Leão X, e na sua presença, representárão-se, com fastosa decoração, as peças de Bibiena e de Ariosto, infinitamente mais livres do que as dos dramaturgos portuguezes.

Bem que somenos á do *Cioso*, offerece a de *Bristo* situações interessantes, scenas espirituosas, como a da pratica do commendador Annibal com o soldado Mont'alvão, e a d'este com Bristo. Os papeis de Calidonio, Roberto e Leandro são com arte sustentados; frágil porém nos pareceu a tela para os recamos com que a quiz ornar o poeta.

O Cioso, considerada como a primeira comedia de caracter que possuio a Europa depois do *renascimento*, leva ás lampas a precedente, não só pela urdidura do enredo, como pela maior perfeição dos caracteres. Posto que exagerado, é o papel de Julio

perfeitamente comico; a constante anxiedade e o perpetuo desasocego a que seus infundados zelos o condemnão, despertão mais de um malicioso sorriso. Digna das satyricas pennas de Menandro e Terencio é a personagem de Bromia, abstrahindo o que n'ella ha de immoral.

Renova Costa e Silva a accusação de *plagio* tratando das comedias de Ferreira; e estribando-se na semelhança que offerecem ellas com algumas italianas, muito em voga em seu tempo, não duvida affirmar que as peças do illustre poeta não passão de traducções, cujos originaes se perdêrão.

Havemos por vezes reconhecido que faltava á escola petrarchista o sentimento da originalidade, que preferia importar estranhos thesouros a buscal-os nas minas da inspiração; contestamos porém que um homem do jaez de Ferreira se rebaixasse ao triste papel que lhe empresta o critico a quem respondemos. Nenhum peso tem, quanto a nós, o argumento tirado da rapidez com que foi composta a *Bristo*, d'onde pretendeu Costa e Silva deduzir que só uma traducção poderia ser feita em tão curto lapso de tempo; porquanto, ninguem ignora que o que mais custa ao escriptor é a escolha do assumpto, a disposição das diversas partes da sua obra, e não a

redacção, que podemos qualificar de operação quasi que mecanica. Ora, ninguem nos informa do tempo que gastou Ferreira em pensar no assumpto da sua comedia e na disposição das suas scenas, e apenas sabemos (pelo seu proprio testemunho) que a escrevêra em *certos dias de férias,* nada nos autorisando para tirar a conclusão a que chegou Costa e Silva. Façamos uma ultima reflexão : seria possivel que Ferreira tivesse a petulancia de dedicar ao herdeiro do throno uma obra espuria, atrever-se-hia a fazer representar diante da maliciosa mocidade de Coimbra uma comedia alheia, dando-a como propria? — Não o cremos.

Pensamos que o leitor benevolo, que nos houver honrado com a sua attenção, pensará comnosco que o Dr. Antonio Ferreira foi um dos maiores engenhos nascidos na terra de Portugal, um dos luminares do seu seculo, e o homem que, depois de Camões, maiores serviços prestou á lingua e litteratura patrias.

J. C. FERNANDES PINHEIRO.

PRIMEIRA PARTE

DOS VERSOS

DE ANTONIO FERREIRA

Aos bons Ingenhos.

A vós só canto spritos bem nascidos,
A vós, e ás Musas offereço a Lira :
Ao Amor meus ays, e meus gemidos,
Compostos do seu fogo, e da sua ira,
Em vossos peitos sãos, limpos ouvidos,
Cayaõ meus versos, quaes me Phebo inspira.
Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.

DOS SONETOS.

LIVRO I.

I.

Livro, se luz desejas, mal t'enganas.
Quanto melhor será dentro em teu muro
Quieto, e humilde estar, indaque escuro,
Onde ninguem t'empece [1], a ninguem danas

Sugeitas sempre ao tempo obras humanas
Co' a novidade aprazem, logo em duro
Odio, e desprezo ficam : ama o seguro
Silencio; fuge [2] o povo, e mãos profanas.

[1] Impede.
[2] Foge.

Ah não te posso ter! deixa yr comprindo
Primeiro tua idade; quem te move
Te defenda do tempo, e de seus danos.

Dirás que a pezar meu foste fugindo,
Reynando Sebastião, Rey de quatro annos:
Anno cincoenta e sete: eu vinte e nove.

II.

Aquella, cujo nome a meus escritos
Que a meu amor dará melhor ventura,
Toda virtude, toda fermosura,
Qu'apôs si leva os olhos, e os spritos,

Aquella branda em tudo, só aos gritos
Meus surda, aspera[1] ôs rogos, a Amor dura
Podia c'um surriso, huma brandura
D'olhos curar meu mal, ornar meus ditos.

Mas que dará de si hũa esteril vea?
Hum desprezado amor? hũa cruel chãma?
Senão desconcertado, e triste pranto?

Quem de tristezas vive, só me lea:
Cante a quem inspira Amor mais doce canto:
Busco piedade só, não gloria, ou fama.

[1] Aos.

III.

Eu não canto, mas choro; e vai chorando
Comigo Amor, de ter-me assi[1] obrigado
Em parte tal, que nem a elle he dado
Valerm'em mais, que de yr-me consolando.

Vay-me sempre ante os olhos figurando
Aquella fermosura, em que enlevado
Ha tanto que ando, e assi com meu cuidado
Me vou trás ella em fim triste enganando.

Mas não póde sofrer tamanho engano
Amor, que nos conhece, e de tal ver-me
Foge, e me deixa só de pura mágoa.

Olho-me então, e vejo o desengano:
Afronta a alma cansada, e por valer-me,
Desabafo desfeito em fogo, e em agoa.

IV.

Se eu podesse igualmente mostrar fóra,
Ao menos do meu fogo hum rayo claro,
Naquelle sprito aceso, puro, e raro,
Que a escura terra aclara, os Ceos namora;

[1] Assim.

Se as saudosas lagrymas, que chora
Minh'alma após hum bem seu, que tão caro
A fortuna lhe faz, e o tempo avaro,
Em que já bem nenhum, nem razão mora.

Sofreria, ó Amor, mais brandamente
A força do teu vivo, e doce fogo,
Que novamente em mim s'esconde, e cria.

Choraria meu mal comigo a gente,
E de pura piedade esperaria
Ouvirem-me inda os Ceos meu santo rogo.

V.

Dos mais fermosos olhos, mais fermoso
Rosto, qu'entre nós ha, do mais divino
Lume, mais branca neve, ouro mais fino,
Mais doce fala, riso mais gracioso:

D'um Angelico ar, de hum amoroso
Meneo, de hum sprito peregrino
S'acendeo em mim o fogo, de qu'indino
Me sinto, e tanto mais assi ditoso.

Não cabe em mim tal bemaventurança.
He pouco hũa alma só, pouco hũa vida,
Quem tivesse que dar mais a tal fogo!

Contente a alma dos olhos agoa lança
Polo[1] em si mais deter, mas he vencida
Do doce ardor, que não obedece a rogo.

VI.

Não he minha tenção louvar aquella,
Que entre todas na terra tal parece,
Qual a fermosa Lua resplandece
Junto da mais escura, e baixa estrella.

Estes meus olhos, que poderão vella
Guiados só do Amor, que a só conhece,
(Que sem Amor ninguem vela merece)
Dão verdadeira fé de quanto ha nella.

Outro alto estado, outr'honra, outras riquezas,
Outras graças em tudo differentes
Das que vemos lhe deu quem tudo cria.

Esta venham correndo ver as gentes,
Nella veram dos Ceos novas grandezas
E nella pera os Ceos caminho, e guia.

VII.

Lagrymas costumadas a correr-me
Quem vos póde deter? sahi correndo

[1] Pelo.

Doces, e tristes : vão-vos todos vendo,
Huns riam, outros chorem de tal ver-me.

Onde poderei eu de mim esconder-me?
Se quanto mais resisto, e me defendo,
Então me venço mais, e vay crescendo
A força, como posso defender-me?

Quem meus olhos olhar, rindo, ou chorando,
Sentirá nelles logo hum movimento
D'algum sprito, que os lá rege, e manda.

Este chorar me faz, este cantando
Me leva após meu mal, sem hum momento
Esta alma livre ter do estado, em que anda.

VIII.

S'erra minh'alma, em contemplar-vos tanto,
E estes meus olhos tristes, em vos ver,
S'erra meu amor grande, em não querer
Crer que outra cousa ha hi de mor espanto,

S'erra meu esprito, em levantar seu canto
Em vós, e em vosso nome só escrever,
S'erra minha vida, em assi viver
Por vós continuamente em dor, e pranto.

S'erra minha esperança, em se enganar
Já tantas vezes, e assi enganada
Tornar-se a seus enganos conhecidos,

S'erra meu bom desejo, em confiar
Que algũ'hora seram meus males cridos,
Vós em meus erros só sereis culpada.

IX.

Não Tejo, Douro, Zezer, Minho, Odiana,
Mondego, Tua, Avia, Vouga, Neiva, e Lima,
Nem os que correm lá no Oriental clima
Nilo, Indo, Gange, Eufrate, Hydaspe, e Tana:

Não Pinho, Faya, Enzinho, Ulmo, Hera, ou Cana
Nem doce suspirar em prosa, ou rima
O fogo apagarão, qu'em mim de cima
Do terceiro Ceo cae, e dos olhos mana.

Qu'o Ceo outra vez s'abra, e o Mundo alague,
Sopre de toda parte bravo vento,
Ardendo m'estará meu fogo em meo[1].

E eu morrerei, porque se não apague;
Então de mór prazer, mór gloria cheo,
Quanto mór parecer o meu tormento.

X.

Parecerá, senhora, em outra idade
Milagre grande, o que hoje todos vemos.

[1] Meio.

Quem averá, que crea taes estremos
D'amor, de fermosura, e crueldade?

Algũs dirão : Se não fora verdade,
Quem podera inventar isto, que lemos?
E se tal foy, já agora não teremos
Pagar-se bom amor mal, por novidade.

Cada hum dará juizo sobre mim,
Todos condenarão vossa aspereza
Chorando minhas magoas, quando as lerem.

Mas esta gloria só terey em fim,
Que juntos nos lerão, e os que as crerem,
Dirão : Igual ao amor foy a dureza.

XI.

Mondego, tão soberbo vás da vista
Da tua fermosa Nimpha, que parece
Que quanto achas diante, se offerece
Recolher-te, sem aver quem te resista.

Que té o Oceano grande (que a conquista
Nossa tem feito humilde) te obedece,
D'ali te leva ao Indo, e s'engrandece
O Gange, e Nilo, de que tua agoa he vista.

Thetys com suas Nimphas t'acompanham,
Por honra desta Nimpha em ti criada,
E por todo seu reyno a vão cantando.

Estas tuas agoas rogo, em que se banham
Os seus cabellos d'ouro, que cantada
Seja por lá tambem a pena, em que ando.

XII.

Quando entoar começo com voz branda
Vosso nome d'amor, doce, e suave,
A terra, o mar, vento, agoa, flor, folha, ave
Ao brando som s'alegra, move, e abranda.

Nem nuvem cobre o Ceo, nem na gente anda
Trabalhoso cuidado, ou peso grave,
Nova cor toma o Sol, ou se erga, ou lave
No claro Tejo, e nova luz nos manda.

Tudo se ri, se alegra, e reverdece.
Todo Mundo parece que renova.
Nem ha triste planeta, ou dura sorte.

A minh'alma só chora, e se entristece.
Maravilha d'Amor cruel, e nova!
O que a todos traz vida, a mim traz morte.

XIII.

Não aparece o Sol, triste está a terra:
As nuvẽs carregadas, os Ceos tristes,
Estes sinaes, que vós meus olhos vistes,
O que mal vos promettem, ó que guerra!

Aquelle Sol fermoso, que na Serra
Nos sóe amanhecer, vós o encobristes :
Parece que sentio que não dormistes,
Esperando sua luz, quem vo-la encerra.

E por fazer-nos mal, o fez ao dia,
Que queixando-se está deste mal nosso
Em tempo, que tão mal lho merecia.

Eu não me queixarey, porque não posso,
Nem doutro mayor mal me queixaria :
Mas vós olhos choray, que isto he mais vosso.

XIV.

O olhos, donde Amor suas frechas tira
Contra mim, cuja luz m'espanta, e cega,
O olhos, onde Amor s'esconde, e prega
As almas, e em pregando-as, se retira!

O olhos, onde Amor amor inspira,
E amor promette a todos, e amor nega,
O olhos, onde Amor tambem s'emprega,
Por quem tambem se chora, e se suspira!

O olhos, cujo fogo a neve fria
Acende, e queima; ó olhos poderosos
De dar á noite luz, e vida á morte!

Olhos por quem mais claro nasce o dia,
Por quem são os meus olhos tão ditosos,
Que de chorar por vós lhes coube em sorte!

XV.

Onde está aquella imagem pura, e bella
Artificio divino entre nós raro?
Onde aquelle olhar brando, que tão caro
Me foy? e o resplandor de hũa, e outra estrella?

Quem a doce voz ouve? ah quem aquella
Divina graça vê? onde o tão claro
Fogo, que cá m'inflamma? onde o seu charo
Thesouro esconde Amor, que só tem nella.

Fazer poderá ausencia que eu não veja
Aquella viva imagem : não fará
Que d'alma, onde anda escrita, se m'aparte.

Mas qual estrella, ou sorte me dará,
Que pois em vão dali sair deseja,
Abrande da dureza já algũa parte?

XVI.

Bem podeis vós, senhora, ajuntar fogo
A este, que n'alma ardendo, aos olhos corre,
Bem me podeis trazer em riso, e em jogo,
Pois Amor contra vós ninguem socorre :

Bem vos podeis fazer surda a meu rogo,
E a esta alma, que ante vós de si se corre,
Bem me podeis tornar em cinza logo,
Mas ficará o sprito, que não morre.

Este vos chama, e vê, e suspira, e chora,
Este irá dando a vosso nome fama,
Qu'Amor me ajudará, que eu só não posso.

Não apagueis a luz da clara chama,
Que de vós nasce, que virá algũ'hora,
Qu'em minha morte choreis dano vosso.

XVII.

Se vós podesseis com desprezo, ou ira,
Com abaixar os olhos, volver rosto,
Crendo danar a gloria, e doce gosto
Dest'alma, que vos vê, e em vão suspira,

Quebrar aquella força, que me tira
De mim mesmo, e me faz estar lá posto
Onde vos vejo sempre, já desposto [1]
Sofrer Amor, que em vão contra mim se ira,

Desculparia eu vossa crueldade,
S'algũa dura estrella, ou triste sorte
Mudar podesse minha grã firmeza;

[1] Disposto.

Mas já que em vão, senhora, he tal dureza,
E qu'em mim estareis sempr'em vida, e em morte,
Ao menos não estejais contra vontade.

XVIII.

Huns olhos, que ao Sol claro, á Lua, ao Norte,
Seu lume tiram, e onde resplandece
Huma divina luz, que ós qu'aparece,
Faz no perigo não temer a morte:

Hũs crespos laços de ouro, que o mais forte
Atam, e prendem, de que se enriquece
Amor, e foge, porque não empece
Nelles, temendo algũa dura sorte;

Riso, que em riso converte meu pranto,
Sprito, que em mim todo bem inspira
Fermosura no Mundo nunca achada

São a só causa, porque assi suspira
Minha alma em vão, e porque em doce canto
Antes será desfeita, que cansada.

XIX.

Donde tomou Amor, e de qual vea
O ouro tam fino, e puro para aquellas
Tranças louras? de que esphera, ou estrellas
A luz, e o fogo que assi em mim se atea?

Donde as perlas? a voz de que serea?
Os brancos lyrios donde, e as rosas bellas,
Aquelle vivo sprito pondo nellas,
De que formou hũa nova ao Mundo idea?

Antes a neve, a alvura, a cor as rosas
Do seu rosto tomaram, e a harmonia
As aves da voz doce, suave, e branda.

Não são ante ella as estrellas mais fermosas.
Nem mais sereno o Ceo, ou claro dia.
Nem mais fermoso o Sol na sua esphera anda.

XX.

Sae minha alma as vezes a buscar-vos
Tão apressadamente, que aparece
Que algũa estrella a força, e se offerece
Encaminhala lá, onde possa achar-vos.

Mas quando vos não vê, e vê que deixar-vos
De buscar lhe he forçado, assi esmorece,
Que quando Amor já acode, a não conhece,
Senão pelos sinaes, que traz de amar-vos.

E no tempo, em que está mais descuidada
No perigo inda, em que se vio, cuidando,
Então subitamente a salteais.

Quereila andar, senhora, assi enganando,
Para que viva; e assi vive enganada:
Assi entre morte, e vida a sustentais.

XXI.

Quem vio neve queimar? quem vio tão frio
Hum fogo, de que eu arço [1]? quem chegando
A morte vivo, e ledo estar cantando?
Parece quanto digo desvario.

Dize-o tu Mondego manso rio,
Que m'ouves, qu'o vês, e o vás chorando:
Digam-no tuas Nimphas, qu'escuitando
Meus segredos estão, qu'eu dellas fio.

E Amor, que aqui está, sabe a verdade,
Que nesta agoa tam fria está acendendo
O fogo de meus olhos distilado.

Tristes lagrymas minhas, que correndo,
Mais o peito arde, quando piedade
Terão hũs olhos deste triste stado?

XXII.

Sol, que já tantas voltas aos Ceos déste,
E de todas me viste estar chorando,

[1] Ardo.

Faze que este teu lume, que tomando
Vas d'outra luz, qual nunca cá tiveste.

Minhas lagrymas seque; se soubeste
Algũ'hora ser triste, e chorar, quando
Aquelle amado teu Louro abraçando,
Tornar-lhe sua fórma não podeste.

Ah Phebo, qu'inda tu da dura terra
Abrandar tua planta a ti podias,
Inda com doces lagrymas regala.

Eu como abrandarey hũa dura Serra,
Por quem as noites choro, choro os dias,
E não m'ouve, nem vê, nem crê, nem fala?

XXIII.

Quantas vezes Amor comigo, cheo
De nova maravilha já de hum posto
Se poem a olhar aquella, em cujo rosto,
Em cujos olhos o que escrevo, leo!

Vês, diz, que fermosura? que meneo?
Que doce riso? que estar tão composto?
Qu'ouro, que neve, e lume, ante quem posto
Do Sol o rayo fica escuro, e feo?

Olha com que brandura os olhos vira!
Com que graça os abaixa, e os levanta
Ricos de mil despojos, mil victorias!

Que effeitos faz! que sprito não aspira
A deixar cá de si claras historias
Movido só de fermosura tanta?

XXIV.

Em quanto solto ao Sol brando ar movia
O ouro, que Amor de sua mão fia, e tece,
D'amorosos spritos o ar se enchia,
De que amor doce em toda a parte crece.

Hum lhe dava o nó crespo, outro tecia
Laços, em que toda alma livre empece,
Outro o soltava ao vento, e parecia
Decer então o Sol mais do que dece.

Namorava-se o claro Sol da terra,
Hia crescendo o dia mais fermoso,
Minh'alma de si mesma estava fóra.

Mas recolhendo o Amor, eis que se cerra
Triste o Ceo, escuro o dia, o Sol queixoso,
E minh'alma dali sempre em vão chora.

XXV.

O Cabellos d'Amor rico thesouro,
De que s'arma, guerrea, vence, e mata,
Cabellos, com que Amor, os que vence, ata,
E triumphando vay com palma, e louro.

O Cabellos, com que seu arco d'ouro
O Amor encordoa, e desbarata
Quanto acha diante, e se o vento os desata
Dá nova vida ao Mundo, e eu arço, e mouro[1].

Cabellos, em que Amor nasceo, e se cria,
De que mil redes tece, laços mil,
E almas mil em cada laço prende:

Cabellos, que o ouro fazem baixo, e vil,
Com que inda o Sol mais clara luz daria,
De cada hum de vós minha alma pende.

XXVI.

Ah porque não posso eu em prosa, ou rima
Tão alto levantar o brando nome,
Que em toda praya estranha, estranho clima
Brandura a fera gente delle tome?

Com que eu batendo as asas vá por cima
Da baixa inveja, e assi a vença, e dome,
Que em vão seus dentes quebre, e dura lima,
Em vão louvor esconda, erros assome?

Mas pois não basta o 'sprito a empresa tanta,
Bastar devia ao menos aqueixar-se[2]
Esta lingua em meu mal só fria, e muda.

[1] Morro.
[2] Queixar-se.

Assi a clara vista me ata, e espanta,
Que quando della espero mór ajuda,
Então a vejo em dano meu calar-se.

XXVII.

Muitas vezes quisera (tal me vejo)
Não ser nascido, ou não ter visto aquella,
Porque assi mouro, quando espero vella,
Como de a não ver, quando desejo.

Mas logo torno, e m'envergonho, e pejo
Do meu mesmo erro; a culpa he tua, ou della
Amor cruel, que em amalla, e temella
Se converte em fim sempre alma, e desejo.

Mais quero assi viver, que qual vivêra
Sem ter visto, o que vi; ditosa sorte,
Quando olhos meus tão altamente olhastes!

Perdido fora, se me não perdêra,
Que inda que mouro, bem comprada morte,
Por esta gloria, que me vós mostrastes.

XXVIII.

O fogo, qu'em meu seo guardo, e crio,
Hora [1] tam docemente a alma m'inflãma,

[1] Ora.

Que co a brandura da sua doce châma
O seu mais vivo ardor se me faz frio.

Hora de tristes lagrymas hum rio
Dos olhos, porque entrou o Amor, derrama,
Ao som das quaes a lingua canta, e chama
Aquella por quem choro, e por quem rio.

Cresce o fogo no peito, crescem' agoa
Nos olhos; a voz cansa, o sprito voa
Apôs quem traz em só fugir-me o tento.

Ella me vê; eu de fogo hũa viva fragoa.
Chora Amor, e fortuna meu tormento,
E em vão meu grito em seus ouvidos soa.

XXIX.

Onde quer qu'eu esteja, onde me vire,
Ou dia, ou noite, ou só, ou entre a gente,
Aquella fermosura [1] me he presente,
Por quem me manda Amor, qu'em vão suspire;

Ou corra agoa, bulla herva, ar brando espire
Na flor, no Ceo, na Lua, no Oriente,
Sol roxo na alva aurora, e na luzente
Branda estrella de Amor, qu'amor lh'inspire.

[1] Formosura.

Ali a vejo, ali se me affigura:
Mas mais em neve, ou fogo, ou na aspereza
De hũa rocha, ou nũa onda furiosa.

No rosto amor, no peito traz dureza:
Não sey se mais fermosa, se mais dura;
Ah bem dura he, porém bem he fermosa.

XXX.

Este peito, que está de fogo cheo,
Como aos olhos me vay tanta agoa dando?
Ou como a não pod'ella yr apagando?
Que segredo d'Amor, que novo enleo?

Eu que o padeço só, o entendo, e creo.
Está Amor com agoa o fogo temperando,
Hum contrario com outro sustentando,
E entre duas mortes huma vida em meo.

Desta arte usa Amor com quem está quedo,
Vendo o bem, que deseja; mas quem parte
A alma, partindo donde deixa a vida,

Ou em cinza o fará o fogo cedo,
Ou em lagrymas a alma derretida
Vencerá sua pena, e do Amor arte.

XXXI.

Em dia escuro, e triste fui lançado
Dos Ceos na terra tam pesadamente,
Que vendo ao longe o sprito o mal presente,
Eu logo de mim mesmo fuy chorado.

Em lagrymas nasci, a ellas fui dado:
Nellas passei minha idade innocente.
Tanto ha, que historia triste sou a gente!
Tanto ha, qu'o Ceo espero ver mudado!

Hum grande bem a quem não custou muito?
A quem foy dada tão ditosa sorte,
A que o mal não coubesse por medida?

Não eram minhas lagrymas sem fruito [1],
Pois por vós eram, nem o será a morte,
Que mais doce he por vós, que sem vós vida.

XXXII.

Se meu desejo só he sempre ver-vos,
Que causará, senhora, qu'em vos vendo,
Assi m'encolho logo, e arrependo,
Que folgaria então poder esquecer-vos?

[1] Fructo.

Se minha gloria só he sempre ter-vos
No pensamento meu, porque em querendo
Cuidar em vós, se vay entristecendo?
Nem ousa meu sprito em si deter-vos?

Se por vós só a vida estimo, e quero,
Como por vós a morte só desejo?
Quem achará em taes contrarios meo?

Não sey entender o que em mim mesmo vejo.
Mas que tudo he amor, entendo, e creo,
E no qu'entendo, e creo, nisso espero.

XXXIII.

Eu vi em vossos olhos novo lume,
Qu'apartando dos meus a nevoa escura,
Víram outra escondida fermosura,
Fóra da sorte, e do geral costume.

Em vão seu arco Amor armar presume:
Que esse alto sprito, essa constancia dura
A outro mais alto Amor guarda a fé pura,
Em mais divino fogo se consume [1].

Nesta desconfiança inda s'acende,
Em mim hum vão desejo de aprazer-vos,
E pera isso só busco ingenho, e arte.

Senhora que al[1] fará quem chega a ver-vos
(Ja qu'o desejo a mais senão estende)
Que dar-vos de su'alma toda parte?

XXXIV.

Doce Amor novo meu tambem tomado,
Quando será o tam ditoso dia,
Que dos enganos livre em que vivia,
Me veja em ti de todo sossegado?

Quando será, que tendo triumphado
Do que tam cegamente me vencia,
O mal, que tanto d'antes me aprazia,
Em verdadeiro bem veja mudado?

Amor doce, qu'em mim de novo crias
Novo desejo, novo sprito, e santo
Illustrado de hum novo lume raro;

Guia-me áquelle fim, que m'escondias,
Muda esta minha noite em dia claro,
Levantarey em teu nome alegre canto.

XXXV.

Não lagrymas fingidas, não de cores
Falsas o rosto tinto, não cortadas

[1]. Outra cousa.

As palavras por arte, nem pintadas
Em versos ingenhosos falsas dores,

Nem nomes vaõs do Amor, e dos Amores,
Nem mágoas da só boca bem choradas,
Nem leves esperanças mal tomadas,
Nem apos fogos vaõs, mil vaõs tremores,

Mas verdadeiro, puro, casto, e santo
Amor cantando vou, qual n'alma escondo,
Qual o Mundo terá por seu exemplo.

E aquelle raro sprito, qu'eu contemplo,
Levantando me irá meu baixo canto,
Limando o rude, e no que falta, pondo.

XXXVI.

Quando vos vi, senhora, vi tão alto
Estar meu bem, que logo ali em vos vendo,
O achey juntamente, e fuy perdendo,
Ficando num momento rico, e falto.

E tal foy de vos ver o sobresalto,
Qu'os olhos outra vez a vós erguendo,
Senti a vista, e sprito yr falecendo,
Quando me olhei, e vi posto tão alto.

Ficou de sua prisão a alma tão leda,
E os olhos de vos verem tão soberbos,
Que toda outra cousa desprezárão.

Não os tenho já mais, que pera[1] ver-vos.
Tudo mais lhes defende Amor, e veda.
E elles que al verão, pois vos olháram?

XXXVII.

Valles, serras, e montes, bosques, prados,
Arvores, hervas, sombras, folhas, flores,
Aves, agoas, e Nimphas, e Pastores,
Que do meu claro Sol sois illustrados,

Em meus versos sereis sempre cantados.
Sempre das Musas, sempre dos amores
Ouvireis o som doce nos louvores
D'aquella, que venceo estrellas, e fados.

Eu digo aquella ao Mundo dos Ceos dada,
Exemplo de sanctissimos costumes,
Rara em saber, e rara em fermosura,

Que com a luz dos seus dous claros lumes
Minh'alma me illustrou, dantes escura,
Dina de em toda lingua ser cantada.

XXXVIII.

Quando eu vejo sair a menham[2] clara
Nos olhos dia, as faces neve, e rosas,

[1] Para.
[2] Manhã.

Afugentando a sombra, qu'as fermosas
Cores do campo, e Céo d'antes roubára;

E quando a branca Delia a noite aclara,
E traz nos brancos cornos as lumiosas
Estrellas, serenando as tempestosas
Nuvẽs, qu'o grosso humor nos Ceos juntára;

Tal he, digo comigo, a clara estrella,
Que minh'alma me encheo doutra luz nova,
E meus olhos abrio ao que não viam.

Assi me leva a vida, e ma renova,
Assi as vãs sombras, que antes m'escondiam
O claro Ceo, fugindo vão ante ella.

XXXIX.

Vay minh'alma cansada a vós, buscando,
Como de tempestade, hum porto manso,
E acha em vossos olhos seu descanso,
Onde está ardendo em fogo doce, e brando.

Ali todo meu bem se me está dando,
Ali vivo, me estendo, ali descanso,
Nem me doe dor, nem no trabalho canso.
Ali meus dias lédo estou contando.

Cantada seja sempre a ditosa hora,
Que se acendeo em mim tam doce fogo,
Que então deleita mais, quando mais arde.

Ouvido foi dos Ceos meu sancto rogo :
Mais pois mais piedade inda lá mora,
Dure est'amor, e junto acabe tarde.

XL.

Tem m'Amor preso em hũas redes d'ouro,
Mais que as de Vulcano artificiosas,
Que quanto mais estreitas, mais forçosas,
Mais docemente nellas vivo, e mouro.

Achei, onde perdi me, o meu thesouro;
E vi minhas cadêas tão fermosas,
Que inveja estão fazendo ás gloriosas
Coroas triumphaes de Palma, e Louro.

Triumphem lá os grandes vencedores,
Mostrem imigos mortos, outros vivos,
Cheos soberbamente de sua fama :

Eu os meus olhos de vós só cativos,
Eu as minhas prisoẽs, e a minha chãma,
Eu mostrarei ao Mundo os meus amores.

XLI.

Despois qu'o meu sprito, então só claro,
Quando enxergou em vós o fogo puro,
Em que docemente arde, em tanto escuro,
Soube assi descobrir dos Ceos hum pharo [1];

[1] Pharol.

Despois que nesse sprito ao Mundo raro
O meu se transformòu, e o cego, e duro
Tyranno, que me vio posto em seguro,
Deixou armas, e Reyno em desemparo,

Eu fiquei tam soberbo triumphando,
Que sacodido o jugo, as prisoẽs rotas,
Gritei a grandes vozes: liberdade.

Aqui de vontade arço em fogo brando,
Aqui está bom amor, aqui verdade.
Aqui ficam do imigo as armas botas [1].

XLII.

Daquella vista, de que se mantinham
Meus olhos, e minh'alma assi apartado,
Nem o dourado Sol, nem o Ceo estrellado
Tem pera mim a graça, qu'antes tinham.

Aquelles meus amores, que hiam, e vinham
Repartindo seu fogo em cada lado,
De qu'o meu novo amor, doce cuidado
Em prazer amoroso se sostinham,

E aquella tam viva fermosura,
De que os meus olhos lá senão fartavam,
E alma enchia d'amor, e de brandura,

[1] Embotadas.

E quanto de meus bẽs cá me figura
Minha doce lembrança, e me lá davam
Vida contente, me dão morte dura.

XLIII.

Tejo triumphador do claro Oriente,
Que Nilo, e Ganges por senhor conhecem,
Tejo de areas d'ouro, onde florecem
Pales [1], Pomona, e Flora eternamente;

Tu levas, onde eu fico, tua corrente,
Se saudosas lagrymas merecem
(Pois tanto com ellas tuas agoas crecem)
Piedade, em ti as recolhe brandamente:

E antes qu'ao mar pagues seu direito,
A destra mão da tua praya hum monte
Com graciosa soberba se levanta;

Ali fiquei ao meu amor sugeito.
Ali tuas agoas parte, e mostra tanta
Destes meus olhos, quanta da tua fonte.

XLIV.

Os dias conto, e cada hora, e momento,
Qu'alongando-me vou dos meus amores,

[1] Pallas, ou Minerva.

Nas arvores, nas pedras, hervas, flores
Parece que acho mágoa, e sentimento.

As aves, que no ar voam, o Sol, e o vento,
Montes, rios, e gados, e Pastores,
As estradas, e os campos mostram as dores
Da minha saudade, e apartamento.

E quanto m'era lá doce, e suave
Mais triste, e duro Amor cá mo apresenta,
A que entreguei da minha vida a chave.

Em lagrymas força he qu'as faces lave,
Ou que não sinta a dor, que na tormenta
Memoria da bonança faz mais grave.

XLV.

Aquelles olhos, qu'eu deixei chorando,
Cujas fermosas lagrymas bebia
Amor, com as suas tendo companhia,
Ante os meus se me vão representando.

Os saudosos suspiros, qu'arrancando
Duas almas, em qu'hũa troca Amor fazia,
Qu'a que ficava, era a que partia,
E a que hia, a ficava acompanhando,

Aquellas brandas, mal pronunciadas
Palavras da saudosa despedida
Entre lagrymas rotas, e quebradas,

E aquellas alegrias esperadas
Da boa tornada, já antes da partida,
Vivas as trago, não representadas.

XLVI.

A ti torno, Mondego claro rio,
Com outr'alma, outros olhos, e outra vida:
Que foy de tanta lagryma perdida,
Quanta em ti me levou hum desvario?

Quando eu co rosto descorado, e frio
Soltava a voz chorosa, e nunca ouvida
Daquella mais que Serra endurecida,
A cuja lembrança inda tremo, e esfrio.

Doc'engano d'Amor! que m'escondia
Debaixo de vãs sombras, que passáram
Outro ditoso fim, qu'alma já via.

Já á minha noite amanheceo hum dia,
Já rim os olhos, que tanto choráram;
Já repouso em boa paz, boa alegria.

XLVII.

Eu vejo inda aqui os sinaes das agoas,
Que minh'alma estilou em vivo fogo,
Quando eu trazido ao vento em leve jogo
Fazia soar ao longe minhas mágoas.

Inda o ardor daquellas vivas fragoas,
Inda a dureza ao piadoso [1] rogo
Se me figura, e vejo do meu fogo
Acesas yr correndo as mansas agoas.

Inda daquelles tristes meus gemidos
Hũa voz ficou de todo não desfeita,
Sendo a cinza do fogo já apagada.

Mercê de Deos! que hũ'alma tão sugeita
A vãos cuidados, dias tam perdidos,
Refez nũa hora bemaventurada.

XLVIII.

Quando se envolve o Ceo, o dia escurece,
Assopra o bravo vento, o alto mar geme,
O Sol se nos esconde, a terra treme,
Trovoa [2] a noite, o rayo resplandece,

Eu olho áquella parte, onde esclarece
Hum Sol, qu'eu vejo só, e elle só vê-me,
E com sua luz, em quanto o Mundo teme,
De lá m'alegra o sprito, e fortalece.

Meu perpetuo verão, meu claro Oriente,
Donde o dia me vem, donde douradas
Vejo as nuvẽs correr, os Ceos fermosos!

[1] Piedoso.
[2] Troveja.

Ditosas aves, a que foram dadas
Pennas, ditosa a terra, a que he presente
A luz destes meus olhos saudosos!

XLIX.

Vou de suspiros todo est'ar enchendo,
Vou a terra de lagrymas regando,
Mais agoa aos rios, mais ás fontes dando,
E com meu fogo em tudo fogo acendo.

E quando os olhos meus, senhora, estendo
Para onde o Amor, e vós m'estais chamando,
As altas serras, em qu'os vou quebrando,
Da vista me tolher s'estão doendo.

Mas nisto acode Amor, que sempre voa;
Eu pelas asas, eu pelo arco o tenho,
Té me levar consigo onde desejo.

E jurarey, senhora, que vos vejo.
Jurarey qu'essa doce voz me soa:
Nesta imaginação só me sostenho.

L.

Assi da fonte cristalina, e pura,
Meu Rio, a tua clara agoa a vea enchendo,
Sempre igual, sempre doce, e sem mistura,
Que a turve, té o mar largo vá correndo,

Assi canto de Amor, e de brandura
Sempre aqui o caminhante estẽ[1] detendo,
Em ti se banhe, e pise tua verdura
Marilia, e as brancas flores vá colhendo;

Que as lagrymas saudosas, que derramo,
Num vidro de cristal, contra corrente,
Que trazes, mandes lá a tua fresca praya.

E á mais branca tua, Nimpha as apresente
Nas brancas maõs, de quem me ama, e amo.
(Isto cortava Alcippo nũa alta Faya.)

LI.

Quantos suspiros, triste, e quam compridos
Ardendo vejo vir dentro a meu peito
Daquella doce parte, onde eu desfeito
Em lagrymas fiquey todo, e em gemidos!

Vereis em agoa hũs olhos consumidos
Messageiros de Amor não contrafeito,
A alma achareis lá, se do direito
Caminho, não viestes mal perdidos.

Tornai-vos pois áquelle doce abrigo
Do meu amor, donde assi em vão partistes,
Ficando eu escondido lá em seu seo:

[1] Esteja.

E dizei-lhe : Senhora, hũs olhos tristes
Vimos lá só chorar, sem fim, sem meo :
Cá o tendes, cá buscay o vosso amigo.

LII.

Alegra-me, e entristece a Real Cidade,
Qu'o Douro réga, e meus Sás ennobrecem [1]
Com as armas, e tropheos, que resplandecem,
E resplandeceráõ em toda idade.

Isto me alegra. E faz-me saudade
Vêr a ditosa terra, em que aparecem
As rayzes de hũa planta, em que florecem
Fermosura, saber, e alta bondade.

Aqui o tronco nasceo, que em toda parte
Deu gloriosos ramos de honra, e gloria
Nas armas, e esquadrões do fero Marte.

E por mais se illustrar sua clara historia,
Daqui nasceo hũa Dama, em que tod'arte
O Ceo pôs, eu vontade, alma, e memoria.

LIII.

Quando será que eu torne a ter diante
Destes meus olhos o seu doce obgeito [2],

[1] Francisco de Sá de Miranda e seu sobrinho Francisco de Sá de Menezes.

[2] Objecto.

A quem hum honesto Amor me fez sogeito?
E qu'eu ante ella escreva, ant'ella cante?

Nem tu, Amor, es composto de diamante.
Nem eu de pedra tenho este meu peito,
Que perto está d'em agoa ser desfeito,
Se sprito algum não ha, que mo levante.

Representas-me, Amor, às mais fermosas
Lagrymas, antes perlas, que tu viste
Sayr de hũs olhos de chorar indinos.

Qu'armas me dás tu, com que as forçosas
Lembranças vencer possa, e os tam continos [1]
Golpes mortaes, que ferem hũa alma triste?

LIV.

Se com vos vêr, senhora, assi lá ardia,
Que com quanto essa vista m'abrandava
Meu fogo, as mais das vezes esperava
A morte, qu'ante vós de mim fugia;

Quanto pois contra vós cá erraria,
Se a vida, qu'eu pera vos vêr guardava.
E nesse doc'engano sustentava,
Podesse, sem vos vêr, soster hum dia

[1] Continuos.

Tormento aos olhos he vêr outra cousa:
Baixeza ao sprito ter outro cuidado;
Nem mais desejar sabe, nem deseja.

Faça a fortuna bemaventurado
O cobiçoso, qu'em nada repousa,
Eu, se vos não vir, moura, ou logo veja.

LV.

A que alçarey os olhos, pois não vejo
Aquelles olhos, de que eu só vivia?
Onde leda minh'alma se estendia,
E onde repousava o meu desejo.

La vay meu sprito ardendo, agoas do Téjo;
O triste corpo fica pedra fria;
(Quanta tristeza custa hũa alegria!)
Té me tornar o dia que eu desejo.

Em tanto nestes valles, nestes montes
Tam longas noites, e tão tristes dias,
Cresceráõ com meu choro hervas, e flores.

Quando olhos meus, olhos não já, mas fontes
Tornareis vêr as vossas alegrias?
Quando est'alma enchereis de seus amores?

LVI.

Do que em vós vi, senhora, me presenta
Amor hũa imagem nova, e peregrina,

De cuja luz guiado o sprito atina
Saber-se cá salvar na sua tormenta.

E os perigos vencer, com que me tenta
A ausencia dessa vista, e voz divina,
Claros sinaes de hũ'alma dos Ceos dina,
Que tanto delles cá nos representa!

Escureceo-me o Sol, fugio-me o dia,
Vencia já o espanto ao fraco sprito,
Vendo os perigos, qu'eu já lá temia.

Alcey a Amor hum piadoso grito:
Elle me pôs em salvo, e deu por guia
Quanto de vós deixou nest'alma escrito.

LVII.

Quando eu os olhos ergo áquella parte,
Onde o meu novo Sol o dia aclara,
E me vejo tam longe da luz clara,
Que resplandece em mais ditosa parte,

A alma saudosa se m'arranca, e parte
Lá onde a terra mais fermosa, e clara,
Mais sereno o Ceo faz a vista clara,
De que meu fado triste, e cruel me parte.

Cansam os olhos, fica só o desejo
Entre altas serras, onde deixo escrito
Em cada pedra, ou tronco o vosso nome.

Ali ou vêr-vos, ou morrer desejo.
Isto canta meu verso, e meu escrito.
Nem quero outra memoria, ou outro nome.

LVIII.

Quando eu os olhos ergo áquelle rosto,
Que faz á minha dor alegr'engano,
Ditosa chamo a hora, o dia, e o ano,
Que como cera estou ao fogo posto.

Não mortal, não de humana arte composto,
Nem he humana voz, nẽ sprito humano
Isto, que eu ouço, e vejo, e do seu dano
Fica a alma namorada á dor do gosto.

Aquelle só monento, aquelle ponto,
Que mais mouro, mais vivo : e aquelle dia
Da minha morte só na vida conto.

Oh meu só bem ! ó minha só alegria;
Se assi durasses ! tudo tem seu conto,
A vida foge, a morte está em espía.

LIVRO II.

I.

Nimphas do claro Almonda, em cujo seo
Nasceo, e se criou a alma divina,
Qu'hũ tempo andou dos Ceos cá peregrina,
Ja lá tornou mais rica, do que veo;

Maria, da virtude firme esteo,
Alma sancta, Real, de imperio dina
A baixeza deixou, de qu'era indina,
Ficou sem ella o Mundo escuro, e feo.

Nimphas, que tam pouco ha, qu'os bõs amores
Nossos cantastes cheas de alegria,
Chorai a vossa perda, e minha mágoa.

Não se cante entre vós já, nem se ria,
Nem dê o monte herva, nem o prado flores,
Nem dessa fonte mais corra clara agoa.

II.

O alma pura, em quanto cá vivias,
Alma lá onde vives já mais pura,
Porque me desprezaste? quem tam dura
Te tornou ao amor, que me devias?

Isto era, o que mil vezes promettias,
Em que minh'alma estava tam segura,
Que ambos juntos hũa hora desta escura
Noite nos soberia aos claros dias?

Como em tam triste carcer me deixaste?
Como pude eu sem mim deixar partir-te?
Como vive este corpo sem sua alma?

Ah que o caminho tu bem mo mostraste,
Porque correste a gloriosa palma!
Triste de quem não mereceo seguir-te.

III.

Despojo triste, corpo mal nascido,
Escura prisão minha, e peso grave,
Quando rota a cadêa, e volta a chave
Me verey de ti solto, e bem remido?

Quando co sprito pronto, aos Ceos erguido,
(Despois que est'alma em lagrymas bem lave)

Batendo as asas, como ligeira ave,
Irei aos Ceos buscar meu bem perdido?

Triste sombra mortal, e vam figura
Do que ja fui hũs dias só sostida
Daquelle sprito, por quem cá vivia,

Quem te detem nesta prisaõ tam dura?
Não viste a clara luz, a sancta guia
Que te lá chama á verdadeira vida?

IV.

Com que mágoa (ó Amor) com que tristeza
Víste cerrar aquelles tam fermosos
Olhos, onde vivias, poderosos
D'abrandar com sua vista a mór dureza!

Roubada nos he já nossa riqueza,
Nossos cantos serão versos chorosos,
E suspiros tristissimos, queixosos
Da morte, que nos pôs em tal pobreza.

Eu perdi o meu bem: tu, Amor, tua gloria.
Eu o meu Sol: e tu teu doce fogo
Honesto, e sancto ao Mundo, raro exemplo.

Mas viva será sempre a alta memoria
Daquella, que nos Ceos viva contemplo,
A quem humilde peço ouça meu rogo.

V.

Aquelle claro Sol, que me mostrava
O caminho do Ceo mais chaõ, mais certo,
E com seu novo rayo ao longe, e ao perto
Toda a sombra mortal m'afugentava;

Deyxou a prisaõ triste, em que cá estava.
Eu fiquey cego, e só co passo incerto,
Perdido peregrino no deserto,
A que faltou a guia, que o levava.

Assi co sprito triste, o juizo escuro,
Suas sanctas pisadas vou buscando,
Por valles, e por campos, e por montes.

Em toda parte a vejo, e a figuro.
Ella me toma a maõ, e vay guiando.
E meus olhos a seguem feitos fontes.

VI.

Aquella nunca vista fermosura,
Aquella viva graça, e doce riso,
Humilde gravidade, alto aviso,
Mais divina, qu'humana Real brandura,

Aquella alma innocente, e sabia, e pura,
Qu'entre nós cá fazia hum parayso,

Ante os olhos a trago, e lá a deviso
No Ceo triumphar da morte, e sepultura.

Pois por quem choro, triste? por quem chamo
Sobre esta pedra dura a meus gemidos,
Que nem me póde ouvir, nem me responde?

Meus suspiros nos Ceos sejam ouvidos;
E em quanto a clara vista se m'esconde,
Seu despojo amarey, amey, e amo.

VII.

Hum tempo chorei lêdo co a esperança
Doce, qu'o brando Amor de si me dava,
E quanto mais gemia, e suspirava,
Mór era a minha bemaventurança.

Agora nesta triste, e cruel mudança,
Com que a morte de longe m'ameaçava,
O meu prazer perdi, que bem lograva,
Suspiro em vão polo que não s'alcança.

Lagrymas bem choradas, bem devidas
Ao desejo do bem, qu'inda que tarde,
Sostenta o sprito com seu doc'engano!

Mas tristissimas lagrymas perdidas
Tras hum bem, que fugio, e tras hum dano,
Que remedio não deixa ou cedo, ou tarde!

VIII.

Quem póde ver hum coração tam triste?
Quem hũa vida, que ha inveja á morte,
Que se não doa, por mais duro, e forte,
Do que tu (Morte) em mim fizeste, e viste?

Se nunca o Amor t'offende, nem resiste,
Antes desejam sempre hũa igual sorte
Os que bem se amam, e qu'hũ golpe os corte,
Porque hum tam doce amor, cruel, partiste?

Mas tu não poderás, por mais que possas,
Partir as almas, e os pensamentos,
Qu'onde querem, se vem, s'amam, s'entendem,

Triumpha agora destas cinzas nossas,
Qu'inda juntas ao sprito altos assentos
Terão, onde tuas forças não s'estendam.

IX.

Co alma[1] nos Ceos pronta, o sprito inteiro,
Leve o sembrante, a vista graciosa,
Aquella, antes da morte, já gloriosa
Esperava o combate derradeiro.

[1] Seria melhor se dissesse:

Co' a alma nos Céos prompta...

De sancta fé armada, e verdadeiro
Amor divino, venceo a espantosa
Morte, que nella pareceo fermosa,
E nova estrella a fez no Ceo terceiro [1].

E tomando-me a mão leda, e risonha
Meu doce amigo (diz) vinda he minh'hora,
Quem nos assi [2] cá atou, soltou o nó.

Quem mais cuida que vive, esse mais sonha.
Lá onde se não geme, nem se chora,
T'amara [3] mais est'alma, o corpo he pó.

X.

Qual bom Planeta, qual boa estrella, ou sino [4]
Invocarei? qual sprito piadoso,
Que incurte este desterro saudoso,
Que me faz ser no Mundo peregrino?

Onde eu os olhos claros, e o divino
Rosto via, onde ouvia o deleitoso
Som da voz branda, qu'em tão amoroso
Fogo m'inflamma, de qu'eu só fui dino,

[1] Segundo a opinião dos antigos o terceiro céo era o lugar dos eleitos.
[2] E' este um cacophaton bem desagradavel.
[3] No mesmo caso se acha *t'amara.*
[4] Está sino em vez de signo.

Ali he minha vida, e a minha terra.
Ali se satisfaz alma, e desejo.
Ali todo meu bem se m'offerece.

Em toda outra parte acho odio, e guerra.
Em toda a parte o Sol se m'escurece.
E fogo, e morte vejo, em quanto vejo.

XI.

Estas cinzas aqui chorando encerra
(Amor) d'hũa chãma, que cá ardeo mais pura
Num peito humano, a que foi tam dura
A Morte, qu'ante tempo lhe fez guerra.

Cega, e cruel! que contra si mesma erra.
Quando apagar cuidou a fermosura
Do Mundo, então a parte mais segura
A subio, donde mais aclara a terra.

Quem vir estes despojos saudosos
Do triste Alcippo, pera sempre triste,
Lagrymas, e suspiros daqui leve.

E sejam, diga, a Alcippo os Ceos piadosos.
Seja ao fermoso corpo a terra leve.
Tu dá do sprito ao Mundo a fé, que viste.

DE D. SIMAM DA SYLVEIRA.

XII.

Sepultado em tristeza, em dor, em pranto,
Esquecido das Musas, e de ti
Te vejo sem alegria estar assi,
Como aquelle, a que deu pasmo, e espanto.

Vejo a casa, em que estás, de cada canto
Tremer, vejo-a chorar, vejo daqui
Esse rio, esse monte, o Ceo por ti
Cuberto estar de negro, e escuro manto.

Não reyne, Antonio, em ti tal desatino.
Deixa lagrymas vãs, poem [1] fim ás dores,
Asserena [2] o sembrante [3], triste, e escuro.

Enche teu peito suave, e peregrino
D'outro desejo mais saõ, d'outros amores,
Com que em ti, sem temer, vivas seguro.

A D. SIMAM DA SYLVEIRA.

XIII.

Desfeito o sprito em vento, o corpo em pranto,
Tam poderosamente fui de ti

[1] Põe.
[2] Serena.
[3] Semblante.

Chamado, que tornei, Simão, assi
Como da morte á vida, em novo espanto.

Ergueste, doce Orpheo, co teu bom canto
Hum sprito morto, a cujo som daqui
S'alçou todo ar escuro, e só por ti
Rompi d'alta tristeza o grosso manto.

Foi remedio a meu mal, meu desatino:
Fugio o juizo, deu lugar as dores,
Que já me tinham junto aó reyno escuro.

Andou o sprito hum tempo peregrino
Buscando entre vãs sombras seus amores,
Tu mo tornaste agora em bom seguro.

XIV.

Vay novo Sol esclarecer o dia
Lá onde elle s'esconde, e s'escurece,
Vay nova Lua lá, onde anoitece,
Dar luz á terra, e aos olhos alegria.

Vay branca Diana com tua companhia,
A cuja vista o campo reverdece,
Dar novo preço á terra, qu'enriquece
Contigo, e pera ti suas flores cria.

Esperando t'está o dourado Téjo,
E suas fermosas Nimphas, que temperam
Nos teus louvores, os seus instrumentos.

Vay alegrar as almas, que t'esperam,
E todo seu amor, e seu desejo
Tem posto só nos teus contentamentos.

XV.

Rey [1] bemaventurado, este he o dia,
Que quatorze annos ha, qu'o Mundo espera
Desdo teu Téjo, á Oriental esphéra,
E da Zona torrada, á Zona fria;

Quando outra nova luz, nova alegria,
Qual no teu nascimento o Sol já déra,
Veremos na dourada, e ditosa era
Da tua tam esperada Monarchia.

Benigno o Ceo t'está, obediente a terra,
Abraçam-se entre si Justiça, e Paz,
Qu'a ti, buscando abrigo, vem fugindo.

Erguendo a Christan Fé, que fraca jaz,
Aos teus igual justiça repartindo,
Terás sempre paz sancta, ou sancta guerra.

XVI.

Se saber, fermosura, e Real estado,
Pureza d'alma, e limpa castidade,

[1] Foi composto este soneto por occasião de assumir el-rei D. Sebastião a governança do reino, dando por finda a sua longa minoridade.

S'hum desprezo da gloria, e vaydade
Do Mundo assi esquecido, e sopeado,

S'hum viver contente, e descansado,
Fundado em fé, esperança, e charidade,
S'em tão alto lugar, baixa humildade
Se hum sprito nos Ceos todo enlevado

Podéram fazer bemaventurada
Neste Mundo, e no outro hũa creatura,
Nós na terra, e nos Ceos te coroamos.

De Deos será tua alma festejada.
De nós honrada tua sepultura,
De que grandes milagres esperamos.

XVII.

Que Apelles, que Lysippos poderiam
Pintar, ou esculpir essas figuras
O Principes divinos? que pinturas
A tanto dom de Deos responderiam?

Que ingenhos dos antigos bastariam,
(Já que não bastam cores, nem esculpturas)
Escrever-vos? que pedras, por mais duras,
A vossos nomes não se abrandariam?

As arvores, as pedras, os metais,
As cores, e as tintas vos desejam,
Os livros, todo Mundo, e os Ceos mais.

Vós os olhos, e engenhos nos cegais,
Com esse resplandor; os Ceos vos vejam,
Elles vos louvem, e façam immortais.

XVIII.

A Jupiter tres Deosas se queixáram,
Vendo de Vrenha a tam fermosa planta.
Não he minha honra, nem riqueza tanta
(Diz Juno) pois no Mundo igual me acháram.

Nem eu sou só, a que tanto celebráram,
(Se queixa Pallas casta, sabia, e santa)
Pois hũa Madalena se levanta,
Em quem todos meus dões os Ceos juntáram.

Eu fora (dizia Venus) mais queixosa,
Se quem venceo a minha fermosura,
Nem vira de meu filho tão vencida.

Sofrei (Jupiter diz) sua ventura,
Pois eu sofro a ventura mais ditosa
De Jorge, a quem dos Ceos foy concedida.

XIX.

Clarissimo Marquez, em cujo sprito
Novo lume de gloria resplandece,
S'a viva chamma, que já em ti parece,
Igual fosse meu verso, e meu escrito,

Tu serias, senhor, cantado, e dito
Grande entre aquelles, a que Apollo tece
Gloriosa corôa, e a que offerece
De seus nomes a fama hũ alto grito.

Mas em quanto eu desejo mór alteza
A meu ingenho desigual ao peso,
Tu conserva tua vida, e tua saude.

E levanta esse peito a alta grandeza
Da viva gloria, da viva virtude,
Qu'o templo te abrirá a outros defeso.

XX.

Eu vejo arder teu peito em nova gloria,
Clarissimo Dom Pedro, mal contente
De não largar já as pennas altamente,
Onde te chama a tua clara historia.

Por ti florecerá a alta memoria
De teus grandes avós, e o rayo ardente,
Que em ti s'esconde, nova luz á gente
Trará na paz, na guerra, e na victoria.

Sossega teu sprito em tanto, e espera
Tempo, senhor, que não tardará muito,
Em que mostres ao Mundo, o que eu já vejo.

Tu verás das tuas obras o alto fruito,
Eu cingirei por ti as frontes d'hera,
Se igual nascer meu verso a meu desejo.

XXI.

Escreve Dom Diogo, escreve, e canta
No meo dos trabalhos mais constante,
Ousado vay contra a fortuna avante,
Qu'ella te próva, e ella te levanta.

Que poder averá, que força tanta
Contra esse peito armado de diamante,
Que nelle se não rompa? e não quebrante
A fortuna, que já de ti s'espanta?

Canta, pois tu cantando és tam cantado,
Apollo se te inclina, Amor s'abranda.
E teu nome mais cresce cada dia.

Seguro pelo Mundo corre, e anda.
Que não pódes ser nelle desterrado,
Antes sem ti desterro elle seria.

XXII.

Choras, Antonio : e levam Lima, e Douro
Com as suas, as tuas lagrymas, vammente

Chamando aquella, que resplandecente
Mostrando está dos Ceos o seu thesouro.

D'outra neve vestida já, e d'outro ouro,
Qual não vê, nem comprende a cega gente,
Despreza essas vãs lagrymas contente
Co a gloriosa palma, e immortal louro.

O alma bem nascida, que mostrada
Ao Mundo foste só por nosso espanto,
Inda esses breves dias te devemos.

Andaste cá esse tempo aos Ceos roubada.
Devem-se a mortos lagrymas, e pranto.
Nós viva entre Anjos Angela [1] cantemos.

XXIII.

Em quanto tu lá, Andrade [2], os votos santos
Pagas pola saude da irman santa,
E ella á mãy de Deos mil hymnos canta,
E tu ao filho, e á mãy compoẽs mil cantos :

E quantos passos lá cos pés daes, tantos
Degráos ergueis a casa, onde luz tanta
Resplandece, que cega, offende, e espanta
Os que de lá cahíram em fogo, e em prantos.

[1] Trocadilho de máo gosto.

[2] Pero d'Andrade Caminha, intimo amigo de Ferreira; e tambem distincto poeta.

Eu co sprito inquieto aos Ceos suspiro
D'hum Sol ao outro, d'hũa a outra sombra,
Em saudoso pranto, em brando rogo,

Que deste duro jugo, que hora tiro,
Livre hũ'hora ao Sol claro, a doce sombra
Me veja arder quieto em sancto fogo.

XXIV.

Em duas partes deixei lá partida
Minh'alma saudosa, Amor o sabe,
E vós, senhor, aqu'igual parte cabe,
E sempre caberá dest'alma, e vida.

Nem viva eu mais, qu'em quanto conhecida
Esta verdade faça, então acabe;
E se mais quer, ou desejar mais sabe
Minha vontade, nunca seja crida.

Por vós suspiro, e polo claro lume
D'hum novo Sol, que lá dá luz ao dia,
E por nórte tomey do meu bom porto.

Já lá cuidava quando tornaria:
Pois entre nós por força, e por costume
Il [1] nostro esser insieme è raro, e corto.

[1] Era mui frequente a intercalação de versos italianos e hespanhóes nas poesias portuguezas.

XXV.

Bernardes [1], cujo sprito Apollo inspira,
Volve teu doce canto a mim mal dado
Ao grande objecto teu, que levantado
Por ti será a alta gloria, a que já aspira.

Inda onde quer qu'está, chora, e suspira
O triste Iffante [2] em ver tão mal chorado
Seu doce amor, de que cá tam magoado
Não fartou d'agoa os olhos, peito de ira.

Isto só pede aos Ceos, qu'inda da terra,
Qu'a sua cinza esconde, hum rayo claro
Nova luz traga á sua sepultura;

E aclare a nuvem, que nos cobre, e cerra
Aquella mal chorada fermosura,
Tam digna do amor seu no Mundo raro.

XXVI

Limiano, tu ao som do claro Lima
Inda por ti mais claro á sombra fria
A branca Nimpha, que te deu por guia
Amor, fazes soar na doce rima.

[1] Diogo Bernardes, illustre poeta contemporaneo de Ferreira e com elle ligado pelos vinculos de sincera amizade.

[2] Infante.

E em quanto cantas, flores mil de cima
Derrama Cytherea, e hum Louro cria
Para as tuas frontes Phebo, e em companhia
D'outros, teu nome leva já a outro clima.

Eu mudo, e triste, em lagrymas banhado
Vou gastando a alma em esperar hũa hora,
Que minha cruel sorte está detendo.

Então solto, então livre, e a mim tornado,
Teu brando som iria o meu regendo:
Em tanto teu bem canta, e meu mal chóra.

XXVII.

Vincio, eu vejo do Oriente a clara
Venus lançar em ti seus mais fermosos
Rayos, e ledo o pay os amorosos
Olhos tem postos em sua filha chara:

Vejo que minha estrella o ar aclara,
O Ceo serena, ao Sol dá mais lustrosos
Rayos de luz, a mim os piadosos
Olhos só cerra de sua luz avara.

Ditoso tu, ditosa a dourada hora,
Que te vio cá nascer, e assi t'encheo
De todo bem, que se do Ceo deseja!

Eu que direy de mim? ditoso seja
Quem a tam alta luz olhos ergueo,
E ditosa a alma, qu'a suspira, e chora.

XXVIII.

Num concavo penedo, onde quebravam
Sua mor força as ondas furiosas,
Dous brandos nomes de duas mais fermosas
Nimphas Lilia, e Celia se cortavam.

Abrindo a pedra as letras, aclaravam
As nuvens, brandos ares amorosas
Virações spirando, as mais irosas
Ondas naquella parte assossegavam.

Ao pé dos doces nomes, que cortáram
Aonio, e Vincio em immortal memoria,
Seus nomes, e estes versos escrevêram;

Em duas aqui quatro almas se juntáram:
Aqui porto quieto as ondas deram,
Lilia, e Celia a Amor honra, ao Mundo gloria.

XXIX.

Gloriosos spritos coroados
Dos louros immortaes, que cá ganhastes [1],

[1] Como se vê erão os quinhentistas pouco inclinados a evitarem cacophatons, de que talvez mesmo não se apercebessem.

Quando co claro sangue bem comprastes
Esses assentos, que vos lá são dados.

Tam dinos d'entre nós serdes cantados!
Em quanto a clara fama, que deixastes,
Igual trombeta, e voz cá não achastes,
Estaveis como em Lethe sepultados.

Eis que já vos nasceo hum novo sprito,
De cuja voz sereis no Mundo ouvidos,
Por cuja mão sayreis da sepultura.

Duas vidas, dous lumes concedidos
Vos são, de que alça a fama immortal grito,
Vida no verso, vida na pintura.

XXX.

Os qu'a fortuna Deosa sua faziam,
E por mór Deosa nos Ceos a assentavam,
Est'honra, este vão titulo lhe davam,
Porque de suas mudanças se temiam.

Mas aquelles, que della não pendiam
Em vez de a adorarem, lhe pisavam
Cos pés sua fraca roda, e desprezavam
A falsa divindade, em que não criam.

Quanto será de ti mais desprezada,
Felicissimo João, que dos Ceos certo
Tens premio igual aos dotes, que te deram!

Seguro premio, não vario, ou incerto,
Como os que da fortuna outros tiveram,
Qu'a ti não póde dar, nem tirar nada.

XXXI.

Quanto d'Amor se póde humanamente
Sentir, tu o sentes, ou cantar, tu o cantas
Salicio : e em quanto a doce voz levantas
Tudo arde em fogo, em tudo amor se sente.

Só Flerida, e Amor a ella obediente
Ao vivo fogo teu, lagrymas tantas,
Aos grandes versos, cõ qu'o Mundo espantas,
Olhos, ouvidos cerram cruelmente.

Por ventura qu'em quanto á estrangeira
Lingua entregas teus doces accentos,
Não he tua voz com tanto effeito ouvida.

Dá pois á dor sua lingua verdadeira,
Dá os naturaes suspiros teus aos ventos,
Por ventura será tua dor mais crida.

XXXII.

Alma innocente, que teu véo despindo
Solta dêsta prisão estreita, e escura,
Vestida já da eterna fermosura
Esse espaçoso Ceo andas medindo,

Ditosa, que tambem foste fugindo
Do que mais nos engana, e menos dura,
E vives já sem fim leda, e segura,
De nossas sombras vãs piadosa rido.

Quam bem atalhaste á tua verde idade
Meu Betancor! assi o merecia
Esse divino sprito aos Ceos nascido.

Meu amor chorará tua saudade;
Mas ditoso em meus versos será lido
O teu primeiro, e derradeiro dia.

NA ANTIGA LINGOA PORTUGUESA [1].

XXXIII.

Bom Vasco de Lobeira, e de grã sem [2],
De prão [3] que vos avedes bem contado

[1] Achão-se este soneto e o que se segue indevidamente collocados entre os do Dr. Antonio Ferreira; como muito bem o demonstrárão os Srs. Innocencio Francisco da Silva (*Dicc. Bibliogr.*, tom. I, art. Antonio Ferreira) e Fr. A. de Varnhagen (*Succinta Indicação de alguns manuscriptos importantes respectivos ao Brasil e Portugal existentes no Muséo Britannico em Londres*), pertence o primeiro ao infante D. Pedro, denominado das *Sete Carreiras*, e o segundo é de D. Vasco de Lobeyra, autor do *Amadis de Gaula.*

[2] Geração, nobreza.

[3] Singelamente.

O feito d'Amadis o namorado,
Sem quedar [1] ende [2] por contar hirem.

E tanto nos aprougue [3], e a tambem,
Que vós seredes sempre ende loado [4],
E entre os homes bõs por bom mentado [5],
Que vos lerão adeante, e que hora lem.

Mais porque vós fizestes a frem osa [6]
Brioranja amar endoado [7] hu [8] nom amarom,
Esto [9] cambade [10], e compra sa [11] vontade.

Cá eu hei grã dó de aver queixosa,
Por sa gram fremosura, e sa bondade.
E er [12] porque ó fim amor nom lho pagarom.

XXXIV.

Vinha amor pelo campo trebelhando [13]
Com sa fremosa madre, e sas donzellas,

[1] Restar. — Deixar.
[2] D'ahi.
[3] Aprouve.
[4] Louvado.
[5] Memorado.
[6] Formosa.
[7] Cheio de dôr.
[8] Onde.
[9] Isto.
[10] Trocai.
[11] Sua.
[12] E.
[13] Brincando.

El [1] rindo, e cheo de ledice entre ellas,
Já de arco, e de sas setas non curando.

Brioranja ahi a sazom [2] sia [3] pensando
Na grã coita [4], que ella ha, e vendo aquellas
Setas de Amor, filha em sa mão hũa dellas,
E metea no arco, e vay-se andando.

Deshi volveo o rostro hu Amor sia,
Er, disse, ay traydor, que me has fallido [5],
Eu prenderey de ti crua vendíta.

Largou a mão, quedou Amor ferido,
E catando [6] a sa sestra, endoado grita:
Ay merce [7], a Brioranja, que fugia.

XXXV.

Solitario, que ségues tam contente
O caminho mais arduo, que nos guia
Da nossa escura noite áquelle dia,
Em que vive tam clara a immortal gente;

[1] Elle.
[2] A proposito.
[3] Estava.
[4] Desgraça.
[5] Enganado.
[6] Buscando.
[7] Graça.

Esperta este meu sono, em que dormente
Tive tégora est'alma, se me guia,
Por onde eu suba aos Ceos, qu'antes não via,
De mim mesmo enganado cegamente.

Escuro, triste, morto, e mal vivido
Tempo, de mágoa, e de arrependimento,
Gastado em vãos desejos, vãos cuidados!

Já achou meu vago sprito seu assento:
Sejam ou esquecidos, ou chorados
Os tristes dias, em que andei perdido.

XXXVI.

Despois de cinco lustros já aquella hora,
Qu'ao Mundo me mostrou em noite escura,
Me torna a quarta vez, e com brandura
Do máo planeta me defende agora;

Tempo he, que hũ'alma, que já ha tanto chora,
Vos mova a mágoa, ó clara fermosura,
Qu'os Ceos ornais, e tendes a escritura
De quanto cá s'espera, e quanto mora.

Tu do Mundo grã Pay, tu poderoso
Rey d'estrellas, e Ceos est'alma guia
A ti seu alto fim, por ti criada.

Por ti se movem os Ceos, por ti o dia
Nos nasce : aquelle só será ditoso,
Que sem ti não espera, nem crê nada.

XXXVII.

Eis o mar, eis o vento, espanto, e medo
Aos tristes navegantes, cruel morte
Em tod'a parte mostram, ali o mais forte
Quer, por não ver mais mal, morrer mais cedo.

Quando aquelle poder, que firme, e quedo
Tem seu eterno imperio, a triste sorte
Num ponto muda, e guia a náo, qu'aporte
Em salvo pelo mar, que abre co dedo.

Vence o prazer ao medo, torna a vida
Como furtada a morte, novo Ceo
Parece, e novo Sol, e novo dia.

Assi hũ'alma enganada, que perdida
Anda em tão alto mar, de escuro véo
Cuberta, tu alto Deos me aclara, e guia.

XXXVIII.

Onde m'esconderey, Senhor, de ti?
Temet'est'alma recebida em vão.

Estes meus olhos como te verão,
Pois meu triste peccado te pôs hi[1]?

Oh Senhor piadoso[2] que não vi,
Nem vejo ind'atégora, estend'a mão,
Da-m'a estes olhos luz, e hum coração
De carne, que de pedra foy téqui.

Ovelha sou, Senhor, qu'ando perdida,
Ingrato filho fuy, que mal gastei
Os talentos da graça, que me déste;

Mas se me tu buscares, tornarey.
Busca-me com tua graça, pois quiseste
Morrer assi na Cruz por dar-me vida.

XXXIX.

A esta lapa vimos, Virgem santa,
Humildes, e devotos peregrinos;
Que os olhos sejam de te ver indinos,
Ver o que o Mundo todo alegra, e espanta,

E que a pureza em nós não seja tanta,
Tua graça nos fará, Senhora, dinos
De ouvires nossos versos, nossos hynos,
Que cada alma fiel te offrece, e canta.

[1] Ahi.
[2] Piedoso.

Grandes saõ teus poderes, tuas grandezas.
Novos sinaes, Senhora, não esperamos.
Despois de Deos, de ti tudo mais cremos.

Alimpa em nossas almas suas torpezas.
Desfaze as nevoas, com que nos cegamos:
E estes grandes milagres cantaremos.

XL.

Anjo enviado áparelhar as vias
Do Cordeiro de Deos por ti mostrado,
Que no ventre da Mãy sanctificado
No ventre de sua Mãy já conhecias,

Declarador d'antigas profecias,
Mais que profeta de Deos tam louvado,
De quem o mesmo Deos foy bautisado [1],
Luz clara, que todo homem alumias.

Aquella tua voz sancta, que soava
No deserto, grã João, a penitencia,
De tua vida innocente, o sangue, e a morte

Criem em minh'alma hũa nova innocencia
Sancto zelo, amor firme, animo forte,
Com que siga tua luz, que aos Ceos guiava.

[1] Baptisado.

XLI.

A Guia divina, que tam altamente
De Deos guiada álem dos Ceos voaste,
Donde os móres segredos nos mostraste,
Qu'escondidos estavam á cega gente:

Com teu rayo de luz resplandecente
O Mundo escuro, e triste alumiaste,
E quanto lá de Deos, em Deos achaste,
Por ti o Mundo o confessa, o crê, e o sente.

Tu no peito de Deos adormeceste.
Tu só foste por filho a sua mãy dado,
Mil coroas de gloria mereceste.

Discipulo de Deos o mais amado,
Desse divino fogo, em que tu ardeste,
Seja este sprito meu sempre inflãmado.

XLII.

Diante do cutello riguroso [1]
Do Tyranno cruel, esperando a morte
Co animo cad'hum tam firme, e forte
Quanto era o do algoz mais bravo, e iroso,

[1] Rigoroso.

Estavam os sanctos Frades, desejoso
Tanto cad'hum de cayr nelle a sorte,
Que por mais depressa, que o aço córte,
Remisso lhes parece, e vagaroso.

Oh Xarife cruel! que essa crueza
A ti o he só, a elles gloria, e vida,
A nós esse seu sangue grã thesouro.

Com que esforço, e vigor, e fortaleza
Nos ensinam correr á promettida
Grã coroa de gloria, não de louro!

XLIII.

Raynha sancta, aos Reys exemplo raro,
Ao Mundo espanto, luz á nevoa escura,
Por onde já rompendo dess'altura
Lançando está em nós teu rayo claro,

Desse rico thesouro, que tam charo
Te foy cá, e possues já segura
De to roubarem, parte nos procura
De quem para nós só o comprou tam caro.

Raynha sancta, que na mor alteza
Da terra, mais humilde aos Ceos voaste
Com o Mundo fazendo força ao Ceo,

Esta tua terra, ó sancta, que pisaste,
Rompendo com tua luz seu escuro véo,
De tua humildade enche, e fortaleza.

XLIV.

Spritos coroados da victoria,
Com que triumphando estaes nos Ceos da terra;
Almas sanctas, e puras, que da guerra
Nossa livres viveis em paz, e em gloria,

Ou denunciando as gentes a alta historia,
Qu'a pura fé nos mostra, o Ceo nos cerra,
Ou do Mundo enganoso, que sempr'erra,
Fugindo, nos deixasseis[1] tal memoria,

Vossos despojos sanctos, milagrosos,
Corpos, e sangue, e lagrymas, e mortes,
Qu'essa vida immortal já vos subíram,

Presentay lá por nós com piadosos
Olhos deste desterro, onde os mais fortes
Por hum engano vão do Ceo cahíram.

[1] Em vez de deixastes.

LIVRO

DOS EPIGRAMMAS[1].

A HUM RETRATO

DE DONA CATHERINA DE SOUSA.

Mostrou o que pode a mão, a tinta, e arte.
Mas só o que se não vê, he Catherina.
Onde ella não está toda, não está parte
Divina fermosura, alma divina.
Taes graças raramente o Ceo reparte;
Mas inda d'outras foy mais altas dina.
A quem tal a criou deu vida, e alma,
Triumphou do Mundo, tem nos Ceos a palma.

[1] Estes epigrammas são imitados, e, ás vezes, livremente traduzidos dos poetas gregos, principalmente d'Anacreonte, como o confessa o proprio Ferreira. A palavra epigramma é aqui tomada n'accepção antiga de poesia concisa e elegante, mas não satyrica.

A JERONIMO CORTE-REAL[1].

Quem póde, grã Jeronimo, louvar-te
Dos raros doẽs, que em ti os Ceos juntáram?
No pincel vences natureza, e arte,
Na lira quantos a melhor tocáram :
Nal ortè espada representas Marte,
Nos brandos versos poucos te igualáram :
Até no claro sanguo, e gentileza
Fortuna, e Ceos roubaste, e natureza.

DE ANACREONTE.

Prendêram as Musas por nova aventura
O Amor em laços, e prisoẽs de flores,
Entregaram-no em guarda á fermosura,'
Que atado o tenha bem, porém sem dores.
Ajunta Venus doẽs, e com brandura,
Que soltem, roga, o filho seus amores.
Mas inda que já seja resgatado,
Dali fica a servir acostumado.

[1] Este poeta foi autor de dous poemas de pouco valor litterario, e hoje quasi esquecidos. Referimo-nos ao CERCO DE DIU e ao NAUFRAGIO DE SEPULVEDA.

DE GREGO[1].

Cante quem quer do furioso Marte·
As armas, cante Troya já abrasada:
A minha cruel guerra, a força, e arte,
Que me venceo, será de mim cantada.
Nem arma, nem Soldado teve parte
No vencimento meu, nem frota armada,
Mas hum bello esquadrão, que d'improviso
Sahio d'hũs olhos, e d'hum brando riso.

TRADUZIDO CONTRA O MALDIZENTE[2].

Tu, que com a lingua feres, monstro és,
Não animal; cos dentes fere o Cão,
Co a ponta o Cervo, tu Cervo não és,
O Lião com as unhas, tu não és Lião.
E se Lião, ou Cão, ou Cervo és,
Se Lião, vay-te onde os Liões estaõ,
Se Cão, o mesmo Lião te despadace;
Se Cervo, o mesmo Cão te corra, e cace.

[1] Este epigramma, bem como alguns que se lhe seguem, pertencem á especie que os Francezes e os Italianos denominão — *madrigal*.

[2] E' este o unico epigramma de toda a collecção que póde ser tomado no sentido moderno.

A LESBIA.

Furtou a aljaba[1] a Amor (quando dormia)
Lesbia, acorda Amor, poem-se a chorar.
Não chores, filho meu, (Venus dizia)
Lesbia fermosa a tem, tornart'a dar.
Nada ha mister de ti, do que nella hia,
Teu fogo, e setas pode-as escusar.
Cos olhos, fronte, riso, fere, inflamma,
De mór ferida, mais ardente chamma.

A HUM RETRATO DE DIDO.

A mão do pintor devo nova vida.
Maro[2] me deve a honra diffamada.
Nem Dido foy de Æneas conhecida,
Nem vio Carthago sua frota errada.
Eu mesma me matey, porque sostida
Fosse a fé casta a meu Sicheo só dada.
Vinguei sua morte, ergui nova Cidade
Valha mais, que os Poetas, a verdade.

[1] Dizemos hoje aljava, posto que aljaba seja mais conforme á sua etymologia arabe.

[2] Este Maro de quem falla o poeta é Virgilio, cujo nome por extenso era *Publio Virgilio Maro.*

A VENUS, E CUPIDO.

Dizem que antigamente o Ceo cahia
Com cruel guerra armada entre sua gente,
Marte d'espada armado embravecia,
Neptuno armado de seu grã Tridente.
Co corisco de Jove o Ceo tremia.
Todo s'ameaçavam cruelmente;
Tanto qu'Amor com a mãy foi visto armado,
Cad'hum dá as armas, tudo he pasiguado [1].

FERMOSURA.

Ao Touro cornos, unhas ao Lião,
Voar á Aguia, ao Cervo ligeireza,
E a todas as mais Féras quantas saõ,
Deu su'arma, e sua força a Natureza.
Ao homem deu esforço, e boa razão:
Não tem que dar á feminil fraqueza.
Pois que lhe deu? ah deu-lhe fermosura
Arma que ferro, e fogo inda mais dura.

[1] Diz-se hoje — apaziguado.

MARTE NAMORADO.

Forjava em Lemno com destrezà, e arte
Setas a Amor dé Venus o marido :
A branda Venus lhe poem mel d'huma parte,
Mas d'outra parte lhe poem fel Cupido.
Entrou brandindo a grossa lança Marte,
Rio-se das setas. Queres ser ferido
D'hũa? (Amor diz) próva hora se te praz;
Ferio-o; rio-se Venus : Marte jaz.

—•—

DAS ODES.

LIVRO I.

ODE I.

Fuja daqui o odioso
Profano vulgo, eu canto
A brandas Musas, a hũs spritos dados
Dos Ceos ao novo canto
Heroico, e generoso
Nunca ouvido dos nossos bõs passados [1].

Neste sejam cantados
Altos Reys, altos feitos,
Costume-se este ar nosso á Lira nova:
Acendei vossos peitos,
Ingenhos bem criados,
Do fogo, qu'o Mundo outra vez renova.

[1] Refere-se ao emprego da ode que veio substituir a antiga canção.

Cad'hum faça alta próva
De seu sprito em tantas
Portuguezas conquistas, e victorias,
De que lédo t'espantas
Oceano, e dás por nova
Do Mundo ao mesmo Mundo altas historias.

Renova mil memorias
Lingua aos teus esquecida,
Ou por falta d'amor, ou falta d'arte,
Se para sempre lida
Nas Portuguesas glorias,
Qu'em ti a Apollo honra darão, e a Marte.

A mim pequena parte
Cabe inda do alto lume
Igual ao canto; o brando Amor só sigo
Levado do costume.
Mas inda em algũa parte,
Ah Ferreyra, dirão, da lingua amigo!

AOS PRINCIPES D. JOAM, E D. JOANA.

ODE II.

Principes nossos, nosso bem, e gloria,
Esperança dos Ceos, prazer do Mundo,

Nascidos hum para outro, por Deos dados
Ao sceptro Occidental, e do Oriente:

Vivey felices, pios, vencedores
De novos Mundos: novos mares se abram,
Novas minas pareçam[1], novas terras;
De tropheos, e despojos carregados,
De victorias famosas, e bandeiras
A barbaros tomadas, e sugeitas
A vossa, qu'he de Christo, tornem sempre
Os vossos Capitães, que o Mundo teme,
Coroados de Louro, com collares,
Com sceptros, ricas purpuras, e trunfas
Dadas a vossos nomes em tributo.

Vivey felices, pios, vencedores,
Em ouro escritos sejam vossos nomes,
Em cedro, em diamante, em todo Mundo.
Novas estatuas se ergam com letreiros
Dignos de vós, e vós tam dignos delles,
Que igual espanto sempre, e credito achem,
Que suspirem, em os vendo, os mais famosos
Reys, e Emperadores, que vierem,
Como fez Alexandre co de Achilles,
Como Cesar tambem co de Alexandre,
Como vós suspiraes polos que vedes
Erguer com tanto espanto a vossos pays.

[1] Por appareção.

Vivey felices, pios, vencedores,
Mais que o grande Alexandre, Julio, Augusto,
Mais que os passados Reys, vossos avôs,
Mais que os presentes Reys, de que sois filhos,
Que o Mundo tanto teme, e honra, e ama,
Como cousas divinas por Deos dadas.
Conservay vós seus nomes, e estendey-os,
Se mais ha qu'estender, do que elles fazem,
Conservay-os, que nisso fareis muito.

Vivey felices, pios, vencedores,
Creça a terra, e s'estenda, que pisardes.
Creçam, quanto mais derdes, os thesouros.
A vós se venham todos, em vós achem
Remedio a suas vidas, e suas honras.
A vós se venham Parthos; venham Scythas
De sua vontade propria sogeitar-se
A vosso jugo, a vós mais servir queiram,
Que ser servidos d'outros, e adorados.

Vivey felices, pios, vencedores,
Deixai-nos de vós vossas semelhanças
Nos rostos, nos spritos, nas grandezas,
Porque nelles vejamos a vós mesmos,
Assi como em vós vemos vossos pays,
Que despois d'enfadados cá da terra
(Que delles ficará tam saudosa)
Sobindo para os Ceos, vos deixárão
O Mundo governando, e triumphando.

Vivey felices, pios, vencedores,
Estrellas sejaes ambos lá no Ceo,
Estrellas das mais lucidas, e claras,
Despois, que cá deixardes este Mundo,
Em que não cabereis, por mór que seja.
Mas não vos peze de entre nós viverdes
Muitos annos, e muitos por nossa honra,
Pois tendes lá tam certos os assentos
Nos altos Ceos, como estes cá da terra,
Principes nossos, nosso bem, e gloria.

A D. JOAM D'ALANCASTRO

FILHO DO DUQUE D'AVEIRO.

ODE III.

Porque tam cruelmente
(Meu João humanissimo) sem culpa
Tua te affliges tanto?
E porque esse innocente
Peito, que de nenhum vicio te culpa,
Tam puro, casto, e santo

Com tristes pensamentos,
Que essa tu'alma branda estaõ roendo,

Em tanto dano meu
Maltratas? taes tormentos
Deixa a quem com razaõ está tremendo
Algum grande erro seu.

Naõ teme, naõ espera,
Naõ pende da fortuna, ou vãos cuidados
A consciencia pura,
E assi naõ desespera
De chegar aos bons dias esperados
Tam léda, e tam segura,

Que o Mundo desprezando
Consigo se enriquece, e mais descansa
De si tam satisfeita,
Que em si se está prezando
De desprezar o porque o Mundo cansa.
De ver que ella a direita

Via seguindo vay
A virtude levando só por guia.
Naõ torce, não duvída,
Já mais della se say,
Por mais qu'o Mundo della se desvia.
A coroa devida

Voando, que guardada
Nos Ceos lhe está, da terra se levanta.
Tem sempre o que deseja,
Com não ter nunca nada.

Pisa a fortuna, nada a vence, e espanta.
Que por forte, que seja,

Falsa Deosa, e tyrana
(Segundo a fez a cega antiguidade)
Que val contra a prudencia?
Em que lhe empece, ou dana?
Falso poder, falsa divindade
Nascida da imprudencia

D'aquelle povo errado,
Que a qualquer appetite máo, injusto
Logo hum Deos levantavam,
Só pera seu peccado
Ficar honesto, desculpado, e justo.
Aquelles adoravam

Os appetites seus.
Ditosos nós, que tam alto subimos,
Que nos Ceos hum thesouro
Temos, qual esses teus
Olhos, bom João, vem, apôs este imos;
Tu de palma, e de louro

Com razão coroado,
Eu da humilde, e sempre verde hera,
Seguindo tuas pisadas
Nas nuvẽs levantado
Assi serey, senhor; descansa, e espera.
Já chegam as douradas

Horas, que te esperando
Estiveram tégora : e vem correndo
Para teu bem, e gloria.
Por ti só vem chamando
Aquelles claros titulos trazendo,
Porque tua memoria
No Mundo eternamente irá vivendo [1].

AOS REYS CHRISTÃOS.

ODE IV.

Onde, onde assi crueis
Correis tam furiosos,
Naõ contra os infieis
Barbaros poderosos
Turcos de nossos roubos gloriosos?

Naõ pera a mal perdida
Cabeça do Oriente
Nos ser restituida
Tam pia, e Christammente
Roubo a vós féo, e rico á Turca gente,

[1] E' notavel esta ode pelo abuso que n'ella faz Ferreira do enlace d'um n'outro verso, chamado vulgarmente *empernamento*.

Naõ pera a casa sancta,
Sancta terra pisada
Dos infieis com tanta
Afronta vossa, armada
A mão vos vejo, nem bandeira alçada.

Nem pera em fogo arder
Desdo [1] chão té as ameas
Meca, e Cayro [2]; e se ver
Trazido em mil cadêas
Em triumpho o seu Rey com nossas preas.

Ah cegos, contra vós
Vos leva cruel furor!
Ah que fartando em nós,
E em vosso sangue o ardor,
Que o imigo tem fazei-lo vencedor.

Vós armas, vós lhe daes
Ao covarde ousadia,
Em quanto vós mataes,
Eis Rhodes, eis Ungria
Em sangue, em fogo, em nova tyrannia.

Paz sancta dos Ceos dada
Por vida só, e bem nosso
Como tam desprezada

[1] Desde o.
[2] Entende-se aqui a ellipse da preposição — de.

Deste injusto odio vosso
Reys Christãos [1], he'crueis chamar-vos posso.

Nunca se vio fereza
A esta, que usaes igual,
Armados de crueza.
Hum ao outro animal
Da mesma natureza não faz mal.

Tornay, tornay, ó Reys
A paz, tende-vos hora,
Olhay-vos, e vereis
Com quanta razão chora
A Christandade a paz, que lançaes fóra.

A D. AFONSO DE CASTEL BRANCO.

ODE V.

Fuge o vulgo profano
Vay com descustumada,
E leve penna, Afonso, pelo ar claro,
Deixando desprezada
A inveja, que em seu dano
Perseguir o melhor tenta, e mais raro.

[1] Está *heis* por *sois*.

Sprito ás Musas charo,
Já te vejo yr voando
Em nova fórma, muito mór que humana
Novas pennas criando
Livre do baixo, e caro
Peso da terra, qu'o sprito dana.

Quam baixamente engana
A ignorancia cega
Como por cima della o sprito voa!
Que áquillo só se emprega
A que a gente profana
Não chega, e sempre vive, e sempre soa.

A soberba coroa
Dos Reys, que medo, e espanto
Poem ao sogeito povo, que os adora,
Mas quanto imperio, tanto
Em má fortuna, ou boa
Mas seguro tremendo está cada hora.

Não descansa, não mora
Sancta felicidade
Em torres, em thesouros, em grandezas,
Errada vaidade!
Isso bens saõ de fóra,
Nosso só he o saber, que tanto prezas.

Tudo al [1] são pobrezas

[1] O mais.

Num animo contente,
Que mil Mundos despreza, e só deseja
Deixar á sua gente
Por honra, e por riquezas
Saber, e vida livre de odio, e inveja.

Est'ama, este só seja
Teu fim, teu só cuidado
Afonso meu, que novo sprito guia
De Apollo ao seu sagrado
Monte, donde inda eu veja
Correr por ti o licor, qu'antes corria.

A HUMA NA'O D'ARMADA

EM QUE HIA SEU IRMÃO GARCIA FROIS.

ODE VI.

Assi a poderosa
Deosa de Chipre, e os dous irmaõs de Helena
Claras estrellas, e o grã Rey dos ventos
Segura Náo, e ditosa
Te levem, e tragam sempre com pequena
Tardança aos olhos, que te esperam attentos;

Que meu irmão, metade
Da minha alma, que como encomendado

A ti deves, nos tornes vivo, e saõ
Do fogo, e tempestade,
A que se aventurou co sprito ousado,
Vença, á dura fortuna, a boa tenção.

Quem cometteo primeiro
Ao bravo mar num fraco páo a vida,
De duro enzinho [1], ou tresdobrado ferro
Tinha o peito, ou ligeiro
Juizo, ou sua alma lh'era aborrecida
Digno de morte cruel no seu mesmo erro.

Sprito furioso
Que não temeo o pégo alto revolvido
(Entregue aos ventos, posto todo em sorte)
Do sempre tempestoso
Africo, nem os vaos cegos, e o temido
Scylla infamado já com tanta morte!

A que mal ouve medo
Quem os monstros no mar, que vão nadando,
Com secos olhos vio? quem o Ceo cuberto
De triste noite, e quedo
Sem defensaõ, co corpo só esperando
Está a morte cruel, que tem tão perto?

Se Deos assi apartou
Com summa providencia o mar da terra,

[1] Ou enzinha, mais conhecida por azinheira (arvore),

Que a nós os homẽs deu por natureza,
Como ouve homem, que ousou
Abrir por mar caminho mais a guerra
Qu'a paz? e a morte mais roubo, e crueza?

Que cousas não comettes,
Ousado sprito humano em mar, e em fogo
Contra ti só diligente, e ingenhoso?
Que já te não promettes,
Des qu'o medo perdeste á morte, e em jogo
Tẽs o que de si foy sempre espantoso?

Hum o Ceo cometteo :
Outro o ar yão exprimentou com pennas
Não dadas a homem : outro o mar reparte,
Que por força rompeo.
Senhor, que tudo vês, que tudo ordenas,
Pera a ti só chegarmos dá-nos arte.

A MANOEL DE SAMPAYO.

ODE VII.

Sampayo, tu lá só
De mim estás, não das Musas, não do sancto,
Fresco, saõ, e brando ar, que as Graças crião,
Nessa felice terra

Regada da corrente graciosa
D'hum novo Tybre, ou Pó,
Que nova gloria, e espanto
Ao grande Oceano leva, claro rio
Manso Mondego meu, onde sohião
Meus olhos de hũa Serra
Ver com desprezo o Mundo : saudosa
Agoa, que tam soberba vay correndo,
Tomando senhorio
Dos campos, e das agoas, e dos mares,
Que ledos dentro em si a vão recolhendo.

Doces, sacros lugares
De brancas Nymphas, musicos pastores
Habitas, verdes heras, verdes louros,
Valles sombrios, e fontes
Doces, puras, e frias, que manando
Estão lagrimas tristes
Dos doces meus amores.
Isto tẽs lá Sampayo : eu cá que tenho?
Lá, amigo, te deixei, lá meus thesouros.
Ah secos, e altos montes,
Negros fumos, máos ventos, que turvando
Meus bõs intentos andam! se sentistes,
Imigos meus (lhes digo) porque a vida
Desejo, em qu'a sostenho,
Deixay-me o pensamento, que descanse
No que deseja, qu'em al [1] he perdida.

[1] Em outra cousa.

Que vejo, em que não canse?
Afronta esta alma triste em tanto aperto.
Soberbas portas, prodigas larguezas,
Vaõs faustos, vãs palavras
Ivos[1] longe de mim, y[2] tristes ventos.
Fique eu de vós seguro.
O qu'em desastre, e acerto
(Ah olhos cegos, corações errados)
Anda, seguis? isto chamais riquezas?
Ditoso tu, que lavras
Tua terra cos teus bois, e os pensamentos
De boa esperança enches : peito duro
Sancta alma, lingua sam, mãos innocentes
Desejo; os mais estados
Fortuna, dá a quem queres : eu só quero
Viver seguro, e livre entre os contentes.

Isto desejo, e espero.
Quem me desta riqueza enriquecesse?
Quem visse já o tam claro, e alvo dia
Em que assi repousasse
Este sprito inquieto, que pendendo
Está de seu perigo?
O Ceos, quem merecesse
Pender sempre de vós, sem mais do Mundo
Querer, que vida honesta! esta queria
Meu Sampayo, esta achasse.

[1] Por ide-vos.
[2] Em vez de — e.

Sancta, rustica vida, aborrecendo
T'estão; pois eu te busco, pois te sigo,
Deixa os que te desprezão, vem-te a mim.
Contigo lá num fundo
Valle vivirey eu livre, e contente,
Leda a vida terei, seguro o fim.

A D. ANTONIO DE VASCONCELLOS.

ODE VIII.

Té quando assi, cruel, o peito duro,
Das nove irmãs morada
Cerrarás, como ingrato ao dom divino?
Té quando assi negada
Do liquor doce, e puro
Nos será a cópia, e parte igual devida
Do lume, de que tu foste assi digno?
Não te foy dada a vida,
Não esse sprito aceso em alto fogo
Para ti só; nosso he, o nosso queremos.
Vença já o justo rogo
A dura força, Antonio, e restituida
Nos seja parte já do que em ti temos.

Eu digo o canto teu, eu digo a lira,
Que te dá o louro Apollo,

Para honra sua, e para gloria nossa,
Que d'hum ao outro polo
Soará; já te inspira
Novo furor : ah solta o doce canto,
Contra o qual nunca inveja, ou tempo possa.
Tardas, cruel, e em tanto
Altos Reys, altas armas perdem nome.
Encruece-se o Amor, quem ha, qu'o abrande?
Quem ha, qu'a cargo tome
As victorias de fama, e eterno espanto
Dos Reys passados, quaes Deos sempre mande?

Altas victorias, em que tanta parte
Tem inda os tão chegados
Teus avós ao Real sangue, ás altas Quinas,
De louro coroados
Por mão do bravo Marte;
Ah porque lhes serão por ti negadas
As altas Rimas de seus nomes dignas?
As bandeiras tomadas
A Reys vencidos em tão justas guerras,
Aquellas fortes mãos, que coroavam
Reys grandes em suas terras
Por ferro, e fogo de tão longe entradas
A ti seu sangue já s'encomendavam.

Mas em quanto tua sorte te não chama
Das armas á dureza,
(Inda tempo virá) com as Musas paga

A antiga fortaleza
Dos teus; á immortal fama
Que por exemplo ao Mundo sempre viva
Contra a morte cruel, que tudo apaga;
Outr'hora a chama viva,
Qu'o cego moço, onde quer, acende,
Com teus suaves versos nos abranda.
E a que nos tanto offende
Cruel aljaba sua lhe cattiva.
Isto te pede Apollo, isto te manda.

Em quanto a léda, e branda idade dura
Com seus lyrios, e flores,
Com a cor viva, com o fogo inteiro,
E em quanto dos amores
Reyna doce brandura
Livre da neve, que seu fogo esfria,
E torna o ledo Abril, triste Janeiro,
Ao som da fonte fria,
A doce sombra do alto pinho, ou faya,
Soe na branca canna a branda Flora,
Ponha-se o Sol, ou saya,
Não cesse o canto, que já mágoa cria
No duro Amor, que já de brando chora.

LIVRO II.

AO SENHOR D. DUARTE,

FILHO DO IFFANTE D. DUARTE.

ODE I.

Serás escrito, e em alto som cantado
Da grave, e doce lira
D'Andrade [1] pera ti só dos Ceos dado,
Que á gloria, a que já aspira,
Igual favor lhe inspira
Teu animo, DUARTE,
Planta real, honra de Apollo, e Marte.

Aos teus altos tropheos, que levantados
Com tanto espanto, e gloria
Já vejo; aos triumphaes arcos ornados
Das presas da victoria
Alta, e immortal memoria

[1] De Pero d'Andrade Caminha.

Dará, vivo na terra
Deixando teu grã nome em paz, e em guerra.

Não voa meu sprito a tanta alteza,
Não ousa vergonhosa
A baixa lira minha ante a grandeza
D'aquella tam famosa
Trombeta gloriosa,
Que já ouço soar
Ou na Africana terra, ou no seu mar.

Quem do sangue infiel a gran corrente
De que se já alagando
O largo campo está, quem dignamente
Dirá o fogo, que alçando
Se vay aos Ceos, deixando
Em cinza, e pó desfeitos
Muros, Misquitas, armas, feros peitos?

Em quanto tal não tento, e véda Apollo,
Que os tam altos louvores
Do grande Rey, senhor de polo a polo,
Teu tio, dos mayores
O mór : e os teus, menores
Não faça, escurecendo
Com baixo canto o qu'outro irá erguendo :

Vay tu (isto ousarei pedir-te) dando
Novo favor, e vida

As altas Musas, que te estam chamando,
Comece ser sentida
De ti a voz, em que erguida
Será tua clara fama,
Que todo sprito já d'amor inflamma.

A PERO D'ANDRADE CAMINHA.

ODE II.

Fogem, fogem ligeiros
Nossos dias, e annos
Andrade, que bem vive? que mal dura?
O que foy dos primeiros,
Será dos derradeiros.
Iguaes aos bens os danos
Todos vão dar em triste sepultura.

Torna nova verdura,
Torna Verão, e Inverno:
Claro apôs chuva o Sol, pôs noite o dia.
Ah nossa ley tam dura!
Despois da noite escura
Do mortal sono eterno
Já mais torna està luz qu'a vida via.

Triste quem se confia
Em cegas esperanças
Que no mór nosso bem nos desenganam.
Quem nome de alegrias
Cá achou, como sabia
Aver medo ás mudanças?
Crueis, que tanto podem, tanto danam!

A fonte, donde manam
De nosso erro os perigos,
Qu'he, senão proprio amor mal conselhado[1]?
Desejos vaõs, que enganam,
E a pura alma profanam,
E entregam a seus imigos,
Donde tarde vem ser seu mal chorado.

Quanto Mundo he passado!
Soberbas monarchias
De Asia, de Grecia, e Roma imperios tantos,
Que o Mundo sogigado[2]
Tinham, como forçado,
Vês em quam poucos dias
Cahíram suas grandezas? seus espantos?

Que ficam, senão prantos,
E saudades tristes
Daquellas cousas grandes, que acabáram?

[1] Por aconselhado.
[2] Subjugado.

Quantos triumphos, quantos
Lédos, e doces cantos
Passados tempos vistes,
Que? senão mágoa, e espanto nos deixáram?

Hay[1] quanto em vão choráram
Apôs a dura morte
Tam pouco ha nossos olhos saudosos!
Quanto bem nos roubáram!
Mas que choros bastáram
Mudar a dura sorte
Dos crueis fados, tristes, invejosos?

Spritos gloriosos
Que desta baixa terra
Fostes morar aos Ceos em clara alteza;
Ditosos vós, ditosos,
Que já victoriosos
De tam misera guerra
Despistes esta nossa vil baixeza.

Cesse pois a tristeza,
Cesse já a saudade
Baixa, alça o sprito aos Ceos, pera que vejas
Com que nova grandeza
Vestida a fortaleza
Já d'immortalidade
De teu irmão está, qu'em vão desejas.

[1] Por ai.

A FRANCISCO DE SA' DE MENEZES[1].

ODE III.

Não mostra em toda parte
Igualmente o dourado
Rayo o Sol; nem igual Verão, e Inverno,
Nem lume igual reparte
Daquelle fogo eterno
Deos do Ceo cá nas almas inpirado.

Hora hum á primeira hora
Triste Saturno vio :
Hora outro brando Jove, ou Phebo claro?
Neste a van Lua móra,
Destoutro o sprito raro
Só gloria : outro brando ocio só seguio.

Eis hum á patria chama
Triste, e cruel, chorada
No mais alto latino, e grego canto;
Eis outro gloria, e fama
Deixou, e eterno espanto
Ao Mundo em sua memoria tam cantada.

[1] Autor da *Malaca Conquistada*, epopéa de grande merito.

Eu tómo só o intento
Da piadosa gente,
Que honra justa quiz dar ao claro sprito,
Não fazem annos cento,
Mas o alto feito, ou dito
Hum homem de mil homẽs differente.

O rayo, que correndo
Foi sempre com victoria,
Em quanto gente achou, ou acho terra;
Começava ir vivendo,
E já fim dado á guerra
Do Mundo tinha, e chea a clara historia[1].

Olha em quam verdes annos,
Em que tempo, a que imigo
Foy, e tornou tam famoso o Africano[2],
Só fim dos crueis danos,
Qu'o grã povo Romano
Padecia do odio cruel, e antigo.

O sucessor de Julio[3],
Que tres vezes fechou
De Jano o templo, em paz de todo o Mundo:
Em que idade o grã Tullio[4],

[1] Alexandre, rei da Macedonia.
[2] Scipião.
[3] Octavio, cognominado *Augusto*.
[4] Cicero.

Com seu saber profundo
Por principe do Mundo o nomeou?

Ah tu Francisco viste
A luz, que s'acendia
Naquelle real sprito, que criaste[1]:
Porque inda tua alma triste
Suspira, alli provaste
Quam cedo o fogo a escuridão vencia.

E tu quanto ha que mostras
(Vencendo o sprito a idade)
Tão altas differenças entre tantos!
Onde ás tam claras mostras
Se acharão novos cantos,
Qu'em parte igualar possam a verdade?

Quantos outros gastárão
No Mundo escurecidos
Mais annos, sem saber, sem fortaleza!
Em vivos s'enterrárão
Em infamia, e baixeza,
Nem dos qu'então vivião conhecidos.

Té quando a injusta ley,
Té quando o máo costume
Julgará pelas folhas, não por fruitos?

[1] O principe D. João filho, de D. João III.

Imite a Deos o Rey :
Já de cem annos muitos
Moços forão, e mil moços derão lume.

A AFONSO VAZ CAMINHA

NA INDIA.

ODE IV.

Já generoso Afonso, já chegaste
Aquella parte, a que de cá fugia
Teu alto sprito, apôs a luz, que via
D'alta virtude, que tu tanto amaste.
Favoravel o Ceo, mar, vento achaste;
Teu peito sempre igual, e sempre inteiro,
Posto no verdadeiro
Caminho d'alta gloria, e d'alta fama
Vejo arder todo em gloriosa chamma.

Vay ao esprito, vay co esprito ousado
Onde te chama a duvidosa sorte.
Triumpha da fortuna, e rouba á morte
O nome, que dos Ceos te será dado.
De sancto zelo, e sancta força armado

Pondo os olhos no Ceo, mãos nos imigos,
Que medos, que perigos
Contra ty poderáõ? olha o bom pay,
Que teu braço, e teu pé guiando vay.

Onde os olhos porás, que os gloriosos
Sinaes do seu sangue inda não vás vendo?
Que terra irás pisando, ou mar correndo?
Que os fortes braços vissem ociosos?
Entre os feitos, e nomes lá famosos
O animoso João verás escrito
Com aquelle vivo sprito,
Com qu'o teu t'arma, e anima, e co a luz clara
Do Ceo, ond'está, teu bom caminho aclara.

Aprende (diz) de mim, filho, a virtude,
E os honrosos trabalhos d'alta gloria,
E do teu claro sangue assi a memoria
Conserva, que a não gaste o tempo, ou mude.
A poderosa mão de Deos ajude
A tua, como a minha nessa idade,
Com que pola verdade
Da sancta Fé, de sangue, e pó cuberto
Sejas medo ao imigo ao longe, e ao perto.

Isto te diz teu pay : tu ouve, e guarda
Ness'animo constante, ó bem nascido!
Mas eis te vejo arder co sprito erguido
Assi ao trabalho, que já crês, que tarda.

Ah vence esse alvoroço, e o tempo aguarda
Da boa occasião : ás vezes dana
O muito esforço, e engana
Confiado nas forças a esperança,
Que seguida se quer com temperança.

Ajuda Deos a boa fortaleza
De conselho, e razão acompanhada :
A força sobre si alevantada
Despreza irado, e torna em vil fraqueza.
Ousou tentar a bayxa natureza
Os altos Ceos : eis torres, eis Gigantes
Tam espantosos dantes
Servidos num momento, e a mesma terra,
Sobre quem assi se alçavam, em si os enterra.

Do espantoso Tigre, e do Lião
As grandes forças vence a manha, e arte.
Não davam sempre as forças ao grã Marte
Victorias, nem o ardor do coração.
Proprias armas dos homẽs são razão.
Sirvam os membros ao corpo, elle á prudencia.
A sancta obediencia
Assi fundada, e ao Capitão devida
Será do alto Ceo favorecida.

Vença o conselho á força, e o bom desejo
Da doce fama obedeça á justiça,
E ant'a lustrosa honra, a vil cobiça

Fuja, de todo bem desvio, e pejo.
Mas em que me detenho? eu não te vejo
O' meu Caminha, firme em tua carreira
Correr á verdadeira
Estrada, que te vay teu sprito abrindo,
Teus bon avós, e teu bom pay seguindo?

A ANTONIO DE SA' DE MENEZES.

ODE V.

Eis nos torna a nascer o anno fermoso,
Zefiro brando, e doce Primavera,
Eis o campo cheiroso:
Eis cinge o verde Louro já a nova Hera.
Já do ar caydo géra
O cristalino orvalho hervas, e flores,
As Graças, e os Amores
Coroados de alegria
Em doce companhia
De Nimphas, e Pastores ao som brando
Doces versos de Amor vão revezando.

Apôs a branda Deosa do terceiro
Ceo, que triumphando vay de Apollo, e Marte,

E entre elles o frecheiro
O seu doce fogo, onde quer, reparte.
Fogem de toda parte
Nuvês; a neve ao Sol té então dura
Se converte em brandura,
E d'alta, e fria serra
Cayndo, rega a terra
Agoa já clara : a cujo som adormece
Toda féra serpente, e o Myrtho cresce.

Renasce o Mundo, e torna á fórma nova
Do seu dia primeiro : o Sol mais puro
Sua luz nos renova,
É affugentando vay o Inverno escuro.
O monte calvo, e duro,
O valle dantes triste, e turvo rio,
Ar tempestoso [1], e frio
Os tornam graciosos
Aquelles amorosos
Olhos de Venus, faces de Cupido,
Criando em toda parte hum Chipre, hum Gnido.

Já deixa o fogo o lavrador, já o gado
Da longa prisão solto corre, e salta
Roendo o verde prado,
Nem agoa clara, nem verdura falta.
Eis tira da arvore alta

[1] Dizemos hoje tempestuoso.

Ou Progne[1] com seu ninho, ou Philomena[2]
Tityro, e inda sem penna
Cria a tenra ave ledo,
Por esperar que cedo
Do seu fermoso dom Cloris vencida
Não sofrerá ser delle em vão seguida.

Agora nós tambem nos coroemos
O claro Antonio, de Hera, e Myrtho, e Louro,
E mil ódes cantemos
A branda Venus, mil a Apollo louro,
Que com seu rayo de ouro
A escura nuvem do teu peito aclára.
Ah quanto suspirára!
Ah como desfazendo
Em tenro pranto, e erguendo
Os olhos a ti, Phebo, Nise triste
Chamar ó Sol, ó Sol com mágoa ouviste!

Olho claro do Ceo, vida do Mundo,
Luz, que a Lua, e estrellas alumias,
O movedor segundo
De quantas cousas cá na terra crias.
Crespo Apollo, que os dias
Trazes fermosos, e as douradas horas,
Lá dess'alto, onde moras
Com tua luz clara, e sancta,

[1] A andorinha.
[2] O rouxinol.

Que o máo Saturno espanta [1],
Torna a Antonio, e conserva a luz primeira,
Do puro sangue a cor, e a força inteira.

Os mais brandos liquores, suaves çumos
Das mais saudaveis plantas busca; e colhe
Os mais cheirosos fumos,
Que Arabia em si, em si Sabá recolhe;
Faze que onde quer que olhe
O teu bom Sá, prazer, e riso, e canto
Veja; ah Phebo, a quem tanto
Teu claro lume adora,
E ao Douro, que inda chora
Do seu passado medo a viva mágoa,
Não negues a hũ san vida, a outro clara agoa.

A vida foge, como ao Sol a sombra,
Quem poder viva, em quanto hũa hora tarda,
Hora, que espanta, e assombra,
Nem escusa recebe, ou ponto aguarda.
Quem sua vida guarda
Para outro dia? quem no leve vento
Faz firme fundamento?
Anda o Ceo, volve o anno,
Mostrando o desengano
Desta vida inconstante, e em fim mortal,
De bens escassa, prodiga do mal.

[1] Locução poetica equivalente á voraz acção do tempo.

O meu bom Sá, em quanto nos defende
A vida breve longas esperanças,
Tu lêdo o sprito estende
Por honestos prazeres, sans lembranças,
Livre das vãs mudanças,
Em que andam os mais em sorte ao vento postos,
Cos inconstantes rostos;
Lá sempre hum, sempre inteiro,
Seguindo o verdadeiro
Caminho, que o alto Ceo te chama, e guia
Contente vive o anno, o mez, e o dia.

DAS ELEGIAS[1].

A FRANCISCO DE SA' DE MENEZES,

NA MORTE DO PRINCIPE D. JOÃO,

A QUEM SERVIO DE AYO, E CAMAREIRO MÓR.

ELEGIA I.

Tristissimo Francisco, quem podesse
Por arte, ou por ingenho alcançar tanto,
Que meo a tuas lagrimas posesse!

Quem já fim a teu justo, e triste pranto
Pedisse, cru[2] seria : chora triste,
Justo he teu choro, e meu desejo sancto.

[1] Deve-se a Ferreira a introducção dos tercetos na elegia portugueza.

[2] Está crú por cruel.

Acende mais o fogo, quem resiste
Na mór chamma. De cá te vejo arder
Despois qu'o nosso lume morto viste.

Aquella Real planta, que crescer
Com tanta fermosura começava,
Promettendo da terra aos Ceos s'erguer,

Aquella flor fermosa, qu'alegrava
Tantos olhos, e almas, que tua mão
Com tanta diligencia nos criava,

Colheram-ta ante tempo : já no chão
Cortada, e seca jaz; vá-la seguindo
Co alma, e co desejo, triste, em vão.

Vejo-te ir em suspiros consumindo
Aos Ceos queixoso, porque te apagáram
A clara luz, que se hia descubrindo.

Porque tam cruelmente te cortáram
Teu bem, tua honra, e tantas esperanças,
Quantas já para sempre nos faltáram :

Como ouve [1] tempo para taes mudanças,
Dizes, ó Ceo? tal foy? e assi pasmado
Com lagrymas acordas, e te lanças,

[1] Houve é que deverá ser, e não — ouve.

Ah quam triste te he tudo, quam pesado!
Tu mesmo a ti te trazes bem assi,
Como por força hum grã peso arrastado.

Deixa o pranto, Francisco, torna a ti,
Fala contigo só, vay-te buscando,
Tu a ti mesmo és necessario aqui.

Olha quantos teu mal estão chorando,
Olha o Mundo quão triste, e saudoso
Fica do com que tanto se hia honrando.

Quanto vemos, quam triste, e quam queixoso
Da morte está! mas ah, que inda que seja
Choroso a todos, he a ti mais choroso.

Por mais que o mar, a terra, o Ceo se veja
Chorar aquelle Principe, tu mais
Choras, mais o ama tua alma, mais deseja.

Esses suspiros teus, esses teus ays
Tam justos, tam devidos, cá me soam,
Co som das tristes lagrimas iguaes.

As musas de Acipreste[1] se coroam,
E toda arvore triste: deixam louro,
Ee ao som desse teu pranto, o seu entoam.

[1] Diz-se hoje cypreste.

Suas capellas, seu cabello d'ouro
Arrancam, e desfazem, tu as guias,
Dizendo perdeo o Mundo o seu thesouro.

Ah que tu mais que todos conhecias
Aquelle grã JOAM de ti criado
Novo lume, nova alma nelle vias.

Pois tanto com razão será chorado
Mais de ti, quanto ao Mundo promettendo
Delle mais hias, a que foi roubado.

Que grandezas não estavamos já crendo
De seu sprito, e teu, qu'o informavas?
Que fortuna, que guerra, ou mal temendo?

Pô-lo publico bem te desvelavas
Grã Francisco, tuas horas, e tua vida
Em nossa vida, e honra só gastavas.

Hay[1] tanta diligencia tão perdida
De nós, que tu lá levas, real sprito,
Aos Ceos, onde melhor he conhecida!

Igual ao pensamento era teu dito,
Igual ao dito a obra; se vivêras,
Quanto nos cá de ti ficára escrito!

[1] Ai!

Ao menos Reyno triste conheceras
A industria de Francisco, em te criar
Principe, com que mal nenhum temeras.

Francisco eleito só para ensinar
Hum Principe a ser Principe, tambem
O deixáram saber por ti reinar.

D'hum bem fora pendendo outro mór bem,
Que já s'hia mostrando; mas a morte
Atalhou: sempre armada ao melhor vem.

Isto teu peito generoso, e forte
Sente só, e chora: o que de ti sabias
Te faz mais dura a dor da triste sorte.

Conheceste a ti bem, e conhecias
A nova idéa de Rey, porque esperavas
Conforme a teu sprito, a que a fazias.

Claros sinaes de tanto bem nos davas
Principe sancto, todos em ti viamos
Quam bem aquelle sprito em ti passavas.

Os olhos, de que nós todos pendiamos,
Pendiam de Francisco, que guiando
T'os hia sempre ao bem, que nos queriamos.

Esse teu alto sprito levantando
Da terra tanto aos Ceos, té que subio
Lá pera sempre, a terra desprezando.

Quem em tão breve vida tanta vio?
Quem em tam poucos dias tantos annos?
Que sprito igual de hum corpo tal sahio?

Ditoso tu, que livre dos enganos
Do Mundo, e da fortuna, limpo, e puro
Aos Ceos voaste, sem provar seus danos.

Deixaste, clara estrella, o triste, e escuro
Ar, de que cá vivias, quam luzente
Entre os choros dos Anjos te figuro!

Que baixa cousa te parece a gente!
Que pouquidade o Mundo! vês o Rey
Quam pouco he d'outros homẽs differente.

Qual já mais se livrou da geral ley?
Veja, quem o não crêr, tua morte agora,
De que outra morte já m'espantarei?

Principe glorioso, não te chora
A terra : não Francisco : só choramos
Quanto em ti nos roubou hũa triste hora.

Se contr'essa tua gloria desejamos
Ver-te outra vez na terra, erro grande he;
Perdoa-nos, senhor, com amor erramos.

E tu Francisco, em quem mais certa fé
Ficou do que sabias, nos desculpa,
Nos Ceos, a qu'o guiaste, reyne, e estê[1].

Tua he sua gloria: nossa será a culpa
Se lha invejarmos: d'amor he o desejo,
Mas tal amor não quer, dos Ceos o culpa.

Vive tu, grã Francisco, qu'eu o vejo
Dos Ceos encommendar-te o seu thesouro,
Que cá deixou, e eu em tuas mãos desejo.

Não de pedras vãs he, não de baixo ouro;
Mas outro sprito seu, de que tremendo
Já está o barbaro Turco, o Indio, o Mouro.

Felicissimo parto, em que vivendo
Estamos; vida nossa, que t'está
O Reyno todo já em tuas mãos metendo.

Por tua mão, Francisco, crescerá
Felicemente. Deos, que no-lo deo,
Igual ao sancto pay por ti o fará.

[1] Esta terminação do verbo *estar* é hoje obsoleta; em seu lugar dizemos — *esteja*.

Aqui repousará o sprito teu,
Quanto viste em sinaes, e em figura
No pay, Deos quis guardar a este dom seu.

Augusto SEBASTIAM, qu'alta escritura
Encherá, começando por tua guia
Obedecer aos Ceos, a elle a ventura.

Enxuguem-se teus olhos, já se cria,
A quem tu serás Nestor, quem da terra
Tarde aos Ceos subirá, luz, e alegria

Do Mundo, grande em paz, e grande em guerra.

NA MORTE DE DIOGO DE BETANCOR.

ELEGIA II.

Darei choros, ou cantos á tua morte
Meu Betancor? á tua verde idade
Direi ditosa, ou triste a dura sorte?

Lagrimas pede minha saudade,
E aquelle amor tam vivo, inteiro, e puro,
Que fez de ti, e de mim hũa só vontade.

Como será meu coração tam duro,
Que te não chame, que te não suspire,
Pois sem ti acho todo este ar escuro?

Que cousa póde vir, que mude, ou tire
A lembrança de ti, meu doce amigo?
Que cousa, a que já ledo os olhos vire?

Chorarei eu, e choraráõ comigo
Musas, Graças, brandura, e cortesia,
E tudo o mais, que se nos foy contigo.

Aquella alta esperança, que crescia
Cada vez mais do teu divino esprito,
Como nos enganou nossa alegria!

Tu alçáras ao longe hum alto grito
De gloriosa fama; em toda a parte
Se cantára teu nome, e teu escrito.

Aquelle raro ingenho de tanta arte,
Tanto estudo, e doutrina culto, e ornado
Que versos déra a Amor, que canto a Marte!

Aquelle raro ingenho tam criado
No vosso seo dos primeiros dias
Por vós, ó Musas, fora coroado.

Já crescias nova Hera, já crescias
Novo Laureiro [1] pera dar coroa
A quem tam justamente te devias.

Quem a Mantua fizera igual Lisboa,
Quem a corrente de Arno déra ao Téjo,
E a doce frauta, qu'em Arcadia soa.

Com que doce facundia, e bom despejo
Soára a viva voz na verdadeira
Doutrina, a que aspirava seu desejo!

Que caminho tam chão, que tal carreira
Hias, meu Betancor, ledo correndo,
S'a morte não corrêra mais ligeira!

Foy sempre a clara luz resplandecendo
Do fogo em ti aceso, alto, e divino,
Que tantos bens nos hia promettendo.

Sprito raro, de mil annos digno,
Todo de Deos, e de saber composto
Julgaste o meu amor do teu indigno?

Levaste-me da vida o doce gosto
Que teu tam brando amor de si me dava,
Fico eu sem ti, como em deserto posto.

[1] Diz-se hoje loureiro.

Quanta parte dess'alma tua tomava
Esta minh'alma, tanta me falece
Da vida, que contigo m'alegrava.

Agora em mágoa minha reverdece
O alegre tempo já tam bem vivido,
Que tam doces memorias m'offerece.

Quando tam bem cantado, e bem ouvido
Era de nós teu verso culto, e brando
Digno de ser em toda parte lido.

Estavam as brandas Nymphas escuitando [1]
Do Mondego então ledo, hora saudoso,
Qu'o seu bom Betancor estão chamando.

Torna, ah torna, bom sprito, ao amoroso
Seo das Nymphas, que te tal criáram,
Das suas flores, e agoas tam mimoso.

Como cruel? assi em vão t'ornáram
Dos melhores dões seus? assi t'alçaste
Ingrato, co qu'em ti enthesouráram?

Ah torna (dizem) qu'inda não levaste
A coroa devida a essas tuas frontes.
Assi nossos amores desprezaste?

[1] Apezar de mais euphonico do que *escutando*, é hoje obsoleto.

Quantos valles pisamos, quantos montes,
Meu Betancor, colhendo hervas, e flores!
Quantos rios bebemos, quantas fontes!

Hora cantando a vida dos Pastores,
Que tu amavas tanto : hora escrevendo
Nos tenros troncos nossos bons amores.

Outr'hora hum ouvindo, outro dizendo
Aquelles sãos conselhos, bons segredos,
Com que hu'alma, a outra alma estava vendo.

Ouvidos só dos Ceos, e dos penedos,
Das mansas aves, e das agoas claras,
Que nós ambos banhavam, estando quedos.

Quantas verdades, e simprezas [1] claras
Guardareis sempre em vós, bosques sombrios.
Ditoso tempo, se me mais duráras!

Em fim ao rio a fonte, ao mar os rios
Correm; mas mais ligeiras nossas vidas,
Que assi nos pendem de tam fracos fios!

Mas não se dirá nunca que perdidas
Foram no Mundo tuas breves horas,
Antes em melhor vida convertidas.

[1] Está *simpreza* por *simplesa*, ou simplicidade, como agora se diz.

Ditoso tu, meu Betancor, que moras
Na eterna vida, na luz sempre clara,
Onde o summo bem sempre vês, adoras!

Quem fora tam ditoso, que cortára
Contigo est'alto mar, fugindo o pego,
E contigo batendo asas, voára!

Ah que duro deserto, e carcer cego
Fugiste, alma ditosa, e bem levada
A gloria, que eu chorando, mal te nego.

Antes será de mi sempre cantada
A ditosa hora, que tam levemente
Te passou a essa eterna, alta morada.

De boca em boca irá, de gente em gente
Sempre vivo teu nome. E aquelle dia,
Que aos altos Ceos voaste eternamente,

M'encherá de saudade, e de alegria.

A MAYO.

ELEGIA III.

Vem Mayo de mil hervas, de mil flores
As frontes coroado, e riso, e canto,
Com Venus, com Cupido, cos Amores.

Vença o prazer á dor, o riso ao pranto,
Vá-se longe daqui cuidado duro,
Em quanto o lédo mez de Venus canto.

Eis mais alva a menham, mais claro, e puro
Do Sol o rayo : eis correm mais fermosas
Nuvês afugentando o ar grosso, e escuro.

Sae a branda Diana entre as lumiosas
Estrellas tal, qual já ao pastor fermoso
Veo pagar mil horas saudosas.

Mar brando, sereno ar, campo cheiroso,
Foge a Tristeza, o Prazer solto voa,
O dia mais dourado, e vagaroso.

Tecendo as Graças vão nova coroa
De Myrtho á mãy, ao filho mil Spritos,
O fogo resplandece, a aljaba soa.

Mil versos, e mil vozes, e mil gritos
Todos de doce amor, e de brandura,
Hũs s'ouvem, hũs nos troncos ficam escritos.

Ali soberba vem a Fermosura,
Apôs ella a Affeição cega, e cativa
Quanto hũa mais chorosa, outra mais dura.

Ah manda Amor assi: assı quer que viva
Contente a triste, do que seu Deos manda,
Deseja inda mais dor, pena mais viva.

Mas quanto o moço encruece, a mãy abranda,
Ella a peçonha, e o fogo lhe tempéra:
Assi senhora de mil almas anda.

Ali o Engano em seu mal cego espera
Hũ'hora doce: ali o Encolhimento
Sem causa de si mesmo desespera.

Aos olhos vem atado o Pensamento,
Não voa a mais qu'ao qu'ali tem presente,
E em tanto mal, tudo he contentamento.

Em riso, em festa corre a léda gente.
Tras o fermoso fogo, em que sempr'arde,
Cada hum, quanto mais arde, mais contente.

Manda Venus ao Sol menham[1], e tarde
Que seus crespos cabellos loure, e estenda,
Qu'em vir s'apresse, qu'em se tornar tarde.

Ao brando Norte, que assopre, e defenda
Do ardor da sésta a branda companhia,
Em quanto alçam de Myrtho fresca tenda.

Corre por toda parte clara, e fria
Agoa : cae doce sombra do alto Louro,
Canta toda ave canto d'alegria.

Ella a neve descobre, e solta o ouro :
Banham-na as Graças na mais clara fonte;
Aparece d'Amor rico thesouro.

Caem mil flores da dourada fronte,
Arde d'Amor o bosque, arde a alta serra,
Aos olhos reverdece o campo, e o monte.

Despende Amor seus tiros, nenhum erra,
Mil de baixo metal, algum do fino,
Fica de seus despojos chea a terra.

Vencida d'hũa molher, e d'hum minino.

[1] Substituírão os modernos o vocabulo — *menham* — pelo de — manhã.

———

A D. LUIZ FERNANDES DE VASCONCELLOS

VINDO DA INDIA.

ELEGIA IV.

Clarissimo Luiz, a nova vida
Por comũs rogos bons cá bem tornado,
Fique a fortuna má sempre vencida.

De todos igualmente desejado,
Alegre a todos vês, e ás Musas brandas,
Que tu cantas tambem, de que és cantado.

Em quanto d'hum naufragio em outro andas
Das ondas, e dos ventos revolvido,
E lentas esperanças de ti mandas,

Outro Grego, ou Troyano não vencido
Dos seus duros trabalhos, nos tornaste
Assi inda mais claro, e conhecido.

Da fortuna, e dos ventos triumphaste
Igual áquelles animosos peitos :
E como ouro no fogo, o teu provaste.

Não frias sombras, não os brandos leitos
Altos spritos provam : que ociosos
Se gastam, e como em cinza estão desfeitos.

Melhor comprados foram, mais custosos
Aquelles nomes altos, que inda soam,
Dos que virtude, e esforço fez famosos.

Inda entre nós de boca em boca voam
De tanto tempo já os spritos puros :
Inda de verdes folhas se coroam.

Por duras armas, por trabalhos duros
Varios costumes, varias gentes vendo
Tornáram inda erguer fermosos muros.

Hora a furia do bravo mar rompendo,
Hora os lançava a sorte á praya imiga
Quanto móres perigos, maîs vencendo.

Pódes entrar, Luiz, na historia antiga
De tantos da fortuna vencedores,
Que já ao teu alto sprito se sogiga [1].

Rico vens de trabalhos, e louvores
Dignos dessa constancia inteira, e forte
Rara nos grandes Reys, e Emperadores.

[1] Dizião os antigos *sogigar* no mesmo sentido que dizemos — *subjugar*.

Mil vezes posto em duvidosa sorte
Fizeste só ajudado do teu sprito
Enganos illustrissimos á morte.

Serás cantado pois, serás escrito
Entre os claros spritos d'alta fama,
De que inda tanto ouvimos, tanto he dito.

Nova luz déste á gloriosa chãma
Em que os claros avós teus sempre ardêram,
Que já a teus filhos altamente chama.

Tu pois os justos fados te volvêram
A tantos olhos de ti saudosos,
E ós honrosos trabalhos fim poseram,

Descansa já nos braços amorosos
De quantos com amor te suspiravam,
E vive doces dias ociosos.

Por ti as Musas tristes não cantavam;
Novos cantos entoam, novas liras
Para a tua léda vinda te guardavam.

Deixa as iras de Marte, deixa as iras
Do furioso mar, e bravos ventos,
Em que mais males viste, dos que ouvíras.

Quieta agora os altos pensamentos.
Tuas armas pendura : enxuga as roupas.
Logra com paz teus bons contentamentos,

Bem deves á tua vida, se a bem poupas.

A PERO D'ANDRADE CAMINHA

EM REPOSTA DOUTRA SUA [1].

ELEGIA V.

Naõ tinha visto Sol daquelle dia,
Qu'o meu se me eclypsou, deixando escuro,
Quanto d'antes alegre, e claro via.

Nem meu sprito, que no golpe duro
De todo me cahio, podia alçar-se :
Nem achava á sua dor lugar seguro.

E esta alma desejosa de soltar-se
Deste carcer cruel, qu'a tem forçada,
Tentava por si mesma desatar-se.

[1] Foi escripta esta elegia por occasião da morte de sua mulher, que extremosamente amava.

Assi lhe ficou viva, assi entalhada,
Mais qu'em duro metal, ou em diamante
Aquella de mim nunca assaz chorada.

Quando hũa nova luz se pôs diante
Dos meus olhos, qual vem a menham clara,
Rompendo as grossas nuvẽs de Levante.

Eu digo aquella doce, aquella rara
Melodia do teu verso tam brando,
Cujo suave som todo ar aclara.

Aquella luz fermosa olhos alçando,
Vi novo dia, e Sol, que com seu rayo
A triste noite m'hia afugentando.

E inda provando erguer-me, Andrade, cayo,
Combate ao fraco sprito a dor antiga :
E como a desafio em campo sayo.

Mostraste á alma estrada cham, que siga,
Conheço, amigo, minha grã fraqueza,
De todo seu remedio cruel imiga.

Armado tinha o peito de dureza
Contra mim mesmo, e contra a poderosa,
E commum ley da humana natureza.

Aspera sempre, e então mais rigurosa,
Quando hum amor de duas almas parte,
Contra a que fica menos piadosa.

Andrade, que farey? qu'a melhor parte
De mim perdi; hay pera sempre triste,
Que cobrá-la não val já força, ou arte!

Aquelle doce fogo, em que me viste
Contente arder soberbo do meu fado,
A que já cantos mil alçar me ouviste:

Aquelle nó, que docemente atado
Me tinha em suave jugo, em prisão léda,
Tam cruelmente assi me foy cortado!

Quem de tam alto deu tam triste quéda?
Ficando só por seu remedio a morte?
Quem suas justas lagrimas lhe veda?

E qual será hum coração tam forte,
Antes barbaro, cru, e adamantino,
Que golpe tam cruel não quebre, ou córte?

E pude eu ver, Marilia, o teu divino
Sprito d'amor todo, e de brandura
Desemparar teu peito delle digno?

E pude eu ver aquella fermosura
Dos teus olhos, qu'os ares serenava,
Ficar-me assi ante os olhos céga, e escura?

E aquella doce voz, que m'encantava
Entre rubis formada, e perlas finas
Qu'os mais furiosos ventos abrandava,

E mil outras, não humanas, mas divinas
Graças assi enterradas num momento,
Que de mil annos pareciam dignas?

Ah falsos bens! quem crêra qu'eram vento
Tantas verdades, tantos bons amores
Inda d'outros mayores fundamento?

Crescei mágoas crueis, e crescei dores,
Quebrai o vagoroso, e triste fio,
Qu'alonga a cruel Parca em seus lavores.

Levou-me a dôr, Andrade, mas confio
Que perdoarás á força do costume,
Mais poderosa, quando a contrarío.

Vi com tua claridade novo lume,
Abrio-se-me o Ceo todo, e ali vi escrito
Quanto teu douto verso me resume.

Alcei os olhos c'um piadoso grito,
Pequei, disse, senhor : usai piedade :
E deça novo esforço ao fraco sprito.

Vença a razão a tam cega vontade,
Levante hum alto muro de paciencia,
Deixe já as sombras vãs pola verdade.

O qu'o tempo obra ao longe, obre a prudencia
Com cedo : (assi me dizes) nisso posto
Faço já á minha dor mais resistencia.

Enxugo os olhos, contrafaço o rosto,
O fogo porém dentro lavra, e arde.
Est'he da minha vida o só meu gosto.

Foge-me a morte; mas por mais que tarde,
Esta alma em sua prizão sua hora espera,
Que pois não veo então já me vem tarde.

Quem m'aquella ditosa estrella déra
Dos teus tam sanctos pays, qu'ambos hũ'hora
Juntou nos Ceos em mór amor do qu'era!

Quem se já visse onde Marilia mora!
Lá nos Ceos mais amiga, e mais fermosa :
Qu'outra cousa suspira est'alma, ou chora?

Inda a vejo de mim lá saudosa,
O caminho me mostra, a mão m'estende,
Toda risonha, e toda graciosa.

E o rayo aparta, que me a vista offende
Daquella claridade Impiria[1], e nova,
Qu'olho mortal não vê cá, nem comprende.

São (me diz) sanctas obras certa próva
D'alma, qu'este lugar alto deseja.
Deixa lagrimas vãs, a alma renova.

Se m'amas[2] (amigo) o amor seja
Conservares lá bem tua vida pura
Té qu'o Senhor te chame, e eu cá te veja.

Aquella, que chamavas fermosura,
Foy sombra vam, tornou-se, o qu'era, em terra.
Outros mais altos bens de cá procura:

Aos falsos bens do Mundo os olhos cerra.

[1] Por *empyria;* ultima região do céo, segundo a opinião dos antigos, e na qual pretendião que residia Deos e os santos.
[2] E' este cacophaton mui trivial entre os poetas quinhentistas.

A AFONSO D'ALBOQUERQUE

EM LOUVOR DOS COMMENTARIOS, QUE COMPÔS DOS GRANDES FEITOS DE SEU PAY.

ELEGIA VI.

Afonso d'Alboquerque, por ti escrito
Teu clarissimo pay vive, e florece,
De quem co nome herdaste ess'alto sprito.

E o teu branco Carvalho reverdece
De mais fermosas folhas, novas flores,
De que inda seu real tronco se guarnece.

Fizeste teus, os seus claros louvores,
Dando-lhe eterno assento entre a memoria
Dos grandes Capitães, e Emperadores.

E renovaste nelle a antiga historia
Do grande Macedonio, que parece
Mostrar inveja desta nova gloria.

Com quanto já de longe resplandece
Seu rayo, e a tua nua, e cham pintura
Nova aos olhos do Mundo se offerece.

Vestida de sua propria fermosura,
Não de outras cores vans, e lisongeiras
Aparece a verdade clara, e pura.

Testemunhas serão as Reaes bandeiras,
Que vencedoras vio o Sol Oriente
Lá nas prayas do mar mais derradeiras.

De Persia, e Arabia a tributaria gente
Viram de seu despojo as prayas cheas,
E do barbaro sangue a grã corrente.

Turváram o Nilo, o Gange, o Hydaspe as veas
Vendo altas fortalezas levantadas,
E o vencedor pendão entr'as ameas.

De Méca as portas té então cerradas
Treméram ver-se, não sómente abertas,
Mas do grande Alboquerque conquistadas.

Quantas Ilhas, e terras descubertas
Foram por elle ao Mundo? quantas minas
D'ouro té li a todos encubertas?

Quem mais gloriosas fez as Reaes Quinas
Quem o Portuguez nome mais famoso
Com mais victorias de triumpho dignas?

Ousado Capitão, e venturoso,
S'a morte não cortára teus intentos,
Que fruito inda nos déras tam fermoso!

A ti se devem os altos fundamentos
Do Oriental Imperio, qu'inda dura
Firme entre tanto mar, e tantos ventos.

Não pode a inveja a clara fermosura
Escurecer da tua viva fama,
Por mais que contra ti s'armasse dura.

Rompeo o rayo da tua alta chamma
As vãs nevoas : venceste, e vê s'agora
O teu tam alto sprito, qu'o Mundo ama.

Inda hoje Roma, inda hoje Grecia chora
Dos seus bõs Capitães premios escuros :
E mortos os suspira, honra, e adora.

Quantos trophéos alçados, quantos muros
Rotos a suas victorias se trocáram
Despois a muitos em desterros duros!

Nunca igualmente se galardoáram
Em vida os altos feitos : só na morte
Seu verdadeiro premio, e honra acháram.

Louvou-se, agora espanta o peito forte
Do teu illustre pay, a alta paciencia,
Qu'em tudo lhe deu tam ditosa sorte!

Espanta a ousadia com a prudencia,
Que juntas nelle igualmente venciam,
A constancia, a justiça, a continencia.

Desprezando as vãs vozes, que impediam
O nosso bem, tudo venceo sofrendo;
Que premios a este Fabio se deviam?

Quanto suou, quanto sofreo vivendo
Tu lho pagaste agora, filho digno
De tal pay, que immortal foste fazendo.

Não falo no alto premio, que ao divino
Sprito seu nos Ceos lhe será dado,
De que por obras não parece indigno.

Falo na terra, em que nenhum estado,
Nenhum titulo illustre igual seria
A honra de o ter tambem ganhado.

Toda piedade, e amor, que se devia
De tal filho a tal pay, tens bem comprido,
Tornando-lhe a sua noite em claro dia.

Não está toda honra no sepulchro erguido.
Mausoléos aos mortos não dão vida,
Que em fim tudo por tempo he consumido.

Mais he vencer o tempo, e ter erguida
Hũa viva estatua contra a morte, e della
Triumphar. D'ambos já fica vencida,

D'ambos direi ditosa a clara estrella.

AMOR FUGIDO.

DE MOSCHO.

ELEGIA VII.

Correndo os prados vay, correndo os montes
Cabello solto ao vento, dos pés nua,
Deixados os seus banhos, e suas fontes,

Em busca de Cupido a triste sua
Mãy, e cativa Venus, voz em grito,
Suspira, e chora, e cansa, e geme, e sua.

O filho, minhas forças, meu sprito,
(Grita) meu só poder, minha alegria,
Por quem meu nome he tam cantado, e escrito!

Onde te foste assi cego, e sem guia?
Onde minino, e só por mil desertos
Meu só prazer, e doce companhia?

Em toda parte tens imigos certos,
E tu voando vás com as leves pennas,
Não deixam rasto teus passos incertos.

Assi deixaste Nimphas, e Camenas?
Assi meus doces cantos, e instrumentos?
As fontes frias, ribeiras amenas?

Tornay-me meu Amor, se o levaes ventos.
Tornay-me meu Amor, se o banhaes agoas.
Soltay-mo, se o lá tendes, pensamentos.

As frias neves, as ardentes fragoas,
Em que tremeis, e ardeis; temperarey,
Doam-vos os que ouvís as minhas mágoas.

Nimphas, por hum prazer, mil vos darey.
Faunos, eu pagarey vossos amores.
Tornay-me o Amor, que eu vo-lo tornarey.

Abri vossas choupanas, meus Pastores,
Descobri-me, se o tendes, meu thesouro,
Eu o farey piadoso a vossas dores.

Bons sinaes tem meu filho : crespo, e louro,
Não muito alvo do corpo, a cor parèce
De vivo fogo ; e leva aljaba d'ouro.

Quem inda o não vio bem, nem o conhece
Não crea á sua idade, á sua brandura,
Quando mais manso está, mais s'encruece.

Velho na idade, moço na figura,
Joga, graceja, e ri ; e entre riso, e graça
Almas fere ; as feridas são sem cura.

Não ha virtude, que não contrafaça,
E nelle não ha virtude, nem vergonha,
E sempre busca onde mór mal vos faça.

Pequeno corpo, grande, e má peçonha,
Braço pequeno, a força de Gigante,
Cego, e não erra onde sua séta ponha.

Quem ha, a quem sua mão destra não espante?
De que treme inda lá o Reino escuro?
Tu Proserpina o dize, Orpheo o cante.

Tem asas, com que voa pelo ar puro.
Assi voando vay, e vay ferindo,
Não val defensa, ou arma, ou forte muro.

D'hũa parte, e d'outra vão caindo
Mil mortos, mil feridos, chea a terra,
Os clamores em vão aos Ceos sobindo.

He nú, e pobre, vive da sua guerra;
E sendo a todos tam claro perigo,
Quem menos o ama, e honra, cuida qu'erra.

Tambem da propria mãy sua he imigo.
Como? e não me ferio? pois entregay-mo,
Que nunca fareis delle bom amigo.

S'acertardes de o aver á mão, atay-mo,
Não ajaes [1] de suas lagrymas piedade,
Que chora, quando quer, chorando day-mo.

Nem com branduras vos mude a vontade :
Então lhe lançai mais fortes cadeas,
Olhay, qu'essa brandura he crueldade.

Que vos prometta os mares, e as areas,
Não lho creaes, não lhe queiraes seu bejo,
Que hi tem o fogo, qu'arde em sangue, e veas,

E cega os olhos, engana o desejo.

[1] A falta da lettra *h* póde tornar equivoco este verso, que equivale a *não tenhais de suas lagrimas piedade.*

AMOR PERDIDO.

DE ANACREONTE.

ELEGIA VIII.

Era alta noite, quando descansava
Dos trabalhos do dia a humana gente,
E já á mão de Boote Ursa virava.

Amor me bate á porta : eu impaciente
Quem he, digo, o que bate a tam más horas?
E meu sono me quebra cruelmente?

Abre-me (diz) quem quer qu'es, qu'aqui moras,
Qu'eu sou Cupido, que perdido ando
Por esta escura noite assi a desóras.

Quem me recolha, e aquente ando buscando
Morto de frio, da chuva orvalhado :
Não te temas de mim minino brando.

Ergo-me á pressa : e de mágoa cortado
Lume acendo, abro a porta, entra tremendo
O moço todo frio, e enregelado.

Vejo que de seus ombros vem pendendo
Hũa aljaba, vejo arco, e asas vejo,
De nada disto então me estou temendo.

Ao fogo o ponho, o enxugo, o abraço, e bejo.
Aquento-lhe entre as minhas as mãos suas.
Sirvo com todo amor, e bom desejo.

Alimpo-lhe a agoa, que das carnes nuas
Dos seus louros cabellos corre em fio,
E sofres (digo) Amor, noites tàm cruas?

Em quanto o amimo, em quanto delle fio,
Está calado, e quedo : e em quanto o fogo
Lhe aquenta o brando corpo, e vence o frio.

Tanto que aquece, toma o arco logo,
E provar quero, diz, se danou a agoa
Meu arco; e arma-o, como em riso, e jogo.

Em mim o desarma : em mim hũa viva fragoa
Se acende : e rindo prestesmente voa,
E inda o cruel dá mágoa sobre mágoa.

Folga, ó hospede (diz) com a nova boa,
Que bom levo meu arco : fica embora.
Mais duro sou do que meu nome soa.

O bem, que me fizeste, em ti o chora.

A SANTA MARIA MAGDALENA.

ELEGIA IX.

Aquella, a quem foi muito perdoado,
Porque amou muito; o peito em fogo, em agoa
Os olhos, a alma toda num cuidado;

Aquella santa pedra, e viva fragoa
Do seu amor se vay, os Ceos, e terra
Enchendo de suspiros, e de mágoa.

Mas no piadoso zelo a tenção erra
D'ungir o morto, não de esperar vivo
Quem fez com a sua á nossa morte guerra.

Quem com sua prisão o Mundo cativo
Libertou do poder, e tyrannia
Do escuro reyno, e fogo sempre vivo.

O vèo do templo roto, em noite o dia,
As pedras, o tremor, geral tristeza
Mais que homem o confessava, e descobria.

Na morte a vida estava, a honra, e riqueza
Em pobreza, e infamia : a certa gloria
No mór desprezo posta, mór baixeza.

Mas já os ricos despojos da victoria
Aos Ceos levára, e abrindo a immortal vida,
Glorioso fim déra á sua historia.

Já d'aquella luz clara, que escondida
Andava, os claros rayos seus soltando,
A santa humanidade era vestida.

MADALENA, que a estrada vay pisando;
Por onde á morte foy, por quem suspira,
A alma ao qu'os olhos vem está só dando.

De saudade chea, e chea de ira,
Do seu amor, da cruel gente féra,
Daquella terra alma, nem boca tira.

Se por homem só o chora, que fizera
Alumiada d'outro novo sprito,
Se quem lho deu despois, então lho déra?

Falece já agoa aos olhos, voz ao grito,
Arde toda em amor, arde em lembrança
D'aquelle, que em sua alma traz escrito.

Leva pintada a viva semelhança
Ante os olhos, do seu rosto fermoso,
Em que a ira despois fez cruel mudança.

Aqui descabellado, aqui choroso,
Diz, hia o meu Senhor; aqui despido
Pareceo ante todos lastimoso.

Co peso da grã Cruz aqui cahido
De seu sangue, suor, e pó cuberto,
Aqui entre dous ladroēs nella estendido.

Co sprito quebrado, o peito aberto
Hora cae MADALENA, hora esmorece.
Chega ao sepulchro, Sol já descuberto.

Busca o lugar, a pedra reconhece,
Quem a revolverá? eis torna ao pranto.
Mas á santa tenção Deos não falece.

Eis a pedra revolta, eis novo espanto:
De neve, e Sol vestido hum Anjo claro
Está sentado no sepulchro santo.

Diz-lhe que resurgio seu doce, e charo
Senhor, e co alma léda vay correndo
Consolar do bom PEDRO o desamparo.

Ella torna com elle, e inda não crendo
Tamanho bem, só fica moimento
Em vivo fogo os olhos desfazendo.

Ah MARIA, levanta o pensamento.
Porque entre os mortos buscas quem a vida
A terra trouxe, e tem no Ceo o assento?

Aquella piedade concedida
Tam larga a teus errores, como agora
Parece que he de ti mal entendida?

Quem teu Lazaro morto chamou fóra
Da sepultura, já de quatro dias,
Como tua pouca fé por só homem chora?

A quantos olhos luz, a quantos vias
Dar mãos, e pés, e lingoas, que cantando
Delle hiam altas grandezas, que tu crias?

O unguento[1], que estavas derramando
Sobr'a sua cabeça, não mostrava
Que em vivo já o estava sepultando?

Já aquella grã carreira, que esperava,
Correo com grã victoria o grã Gigante[2].
Já o templo restaurou, que derribava.

Vencedor glorioso, e triumphante
A tunica deixando dada em sorte
Se vestio d'outra nova de diamante.

Já o vendido Joseph, já o Sansão forte
Preso, o grã Jonas na Balea metido,
He livre, as portas quebra, mata a morte.

Como manso Cordeiro offerecido
Por si á morte, como grão Lião
Vence o tribu de Juda promettido.

[1] A palavra *unguento* é aqui tomada por synonyma de *perfume*.
[2] Allude a Sansão.

O sudario, e despojos, que hi vês, dão
Claro sinal, que como verdadeiro
Deos se ergueo Deos, o teu temor he vão.

E a Galilea, disse, que primeiro
Iria ter que os seus; da mão dereita
Do pay virá no dia derradeiro.

Piadoso Senhor, de amor sogeita,
Inda que baixo amor, s'engana, e cega
MARIA, mais não vê, mais não sospeita.

Inda cos cravos teus sua alma préga.
Representa-lhe a dor, e saudade
A humana vista, a mais alta lhe nega.

Mas tu tambem movido de piedade
Das lagrimas, qu'em ti não são perdidas,
Lhe enche, do que deseja, sua vontade.

Não podem, grã Senhor, ser comprendidas
Tuas grandezas, entende-las-ha
Por ti, Deos, logo della serão cridas.

Chorando no moymento por ti está:
Mandas teus Anjos, tu tambem pareces.
Quanto alcança de ti quem se te dá!

Ah MARIA, que amas, não conheces?
Esse he o grande hortelão, o que planta a vinha,
Em que tu teu jornal tambem mereces.

Tal forma á tua fraca fé convinha,
A vista se t'encobre, á voz s'aclara,
A voz, qu'em ti tam branda força tinha.

Aquella fermosura aos Ceos tam chara
Não a podes tocar té de luz nova
Teres a vista, e alma inda mais clara.

Em teu sprito a antiga fé renova.
Este he o qu'antes sohias [1] Deos chamar,
Torna a seus irmãos [2] já co'alegre nova.

Ditosa, que primeiro a podes dar:
Por ti sua divindade s'apregoa,
A elles a humanidade quis mostrar.

Ditosa, que tam alta, e grã coroa
De gloria mereceste! ah grande amor,
Qu'a tanto chega, a tanto sobe, e voa!

Gloriosa MARIA, esse fervor,
Em que tua alma ardia, a grã corrente,
Em que a lavaste pera o grã Senhor,

Inflamme, e abrande a fria, e dura gente.

[1] Costumavas.
[2] Isto é, discipulos.

DAS EGLOGAS.

ARCHIGAMIA.

EGLOGA I.

CASTILIO, SERRANO.

No tempo, qu'o cruel, e furioso
Imigo dos Pastores, e dos gados,
Da terra, e das sementes bellicoso
Marte, segundo contam, por peccados
Do Mundo, contra o Mundo tam iroso
Desceo, que té os lugares mais sagrados
Assi com ferro, e fogo commetteo,
Que tudo de ira, cinza, e sangue encheo.

Nas derradeiras partes do Occidente,
Onde o Sol de cansado se refaz

De nova luz, pera a tornar á gente
Donde se parte, que ás escuras jaz,
E pola que ali deixa, outra excellente
Leva, e muito mais clara da que traz,
O pacifico JOAM, e piadoso[1]
Reynava então, no Mundo glorioso.

Eu digo aquelle Rey de grandes Reys,
Que desdo Téjo muito álem do Nilo
Com suas armas obrigou, e leis
Tomá-lo todos por seu Rey, e serví-lo.
Filho daquelle, que no mar vereis
Em Balea sentado, ou Crocodilo
Em lugar de Neptuno, e seu tridente
Na mão, como seu Rey, e de sua gente.

Foi este Rey dos Ceos á terra dado
Para remedio da que se perdia
Paz já no Mundo : nunca tam cerrado
Esteve Jano, que d'antes sohia
Abrir-se a cada passo, no passado
Tempo, que em ira, e odio todo ardia.
Assi presa em cadêas teve a guerra,
Que só paz reinou sempre em sua terra.

Cantavam os Pastores descansados
Pelos valles, e campos tam seguros,

[1] D. João III, filho e immediato successor de D. Manoel.

De si, e de seus rebanhos descuidados,
Como quem não temia os máos, e duros
Imigos, de que fossem salteados.
Suas choupanas eram fortes muros.
Seus versos, e cantigas todas eram
Louvar o seu bom Rey, que os Ceos lhes déram.

Crescia a grossa espiga, e se segava,
Despois que já quebrava de madura,
Daquella mesma mão, que a semeava:
Pascia o gado gordo da verdura
Da serra, que royda se queimava
Para lhe renovar sua pastura,
As agoas claras tam livres corriam,
Quam livres caminhantes as bebiam.

O claro Téjo, Douro, Minho, Odiana [1]
O mar seguramente vão buscando.
Não os seca o imigo, não os dana,
Lédos vão docemente murmurando.
O som dos quaes tambem segue Diana,
Que ao longo com suas Nymphas vay caçando.
Sohia ali fazê-lo, mas agora
Em outra parte já com Pallas mora.

Em outra melhor parte, que parece
Que mais qu'as outras todas lhes convinha;
Onde o claro Mondego, quando cresce,

[1] Nome antigo do rio hoje denominado Guadiana.

Inveja faz ao mar[1]; onde a Raynha
Seu templo sacrosancto, que hi parece,
Com seus milagres honra; onde se vinha
Tomar antigamente a alta coroa,
Daquelle, que daqui tomou Lisboa.

Aqui Pallas, e Phebo se sentáram.
E escolhendo na terra seus assentos
Os mais doces, e frescos, começáram
Aos homẽs levantar os pensamentos
A cousas, que té li nunca cuidáram
Cegos só de seus cegos movimentos,
Os Ceos, e as Estrellas, que não viam,
Já agora as sabem ver, d'antes as criam.

Mas Venus, que tambem d'antigamente
Tinha tomado posse dessa terra,
(Que inda hoje se vê nella o innocente
Sangue da branda Nimpha[2], odio, e guerra
Do pay co filho) triste, e descontente
Temendo as móres Deosas, a hũa Serra
Se foi co seu minino, e ali esperou
Té que hũa, e outra Deosa a visitou.

Não he nossa tenção tomar-te o teu,
(Lhe diz Diana) nem Minerva vem

[1] Refere-se á cidade de Coimbra.

[2] D. Ignez de Castro assassinada em Coimbra por ordem de D. Affonso IV.

Pera isso : mas se queres tu, e eu
Com ella aqui vivamos : não convêm
Que huma queira roubar á outra o seu ;
Quanto cada hũa de nós todas tem
Juntemo-lo aqui nesta tua Serra,
Daqui só mandaremos toda a terra.

E Phebo com seu canto ajudará
Amar-nos mais a gente, e mais temer-nos.
Com sua doce lira forçará
Os Tygres, e Liões obedecer-nos.
Té que aquella JOANA [1], que virá,
Nos force irmo-la ver, em vez de ver-nos.
Iremos mais seguras, mais honradas
Todas tres indo juntas, qu'apartadas.

Não póde já tardar, teu filho o sabe,
Que nunca a deixa, nunca mór façanha
Fez, que ferí-la : razão he qu'acabe
De mostrar hum tamanho bem a Hespanha,
A todo Mundo, ao Mundo todo cabe
Parte, não he sómente ella, e Alemanha,
O grande Oceano o diga, diga o Nilo;
Não podem Eufrates, Gange, e Indo encubri-lo.

Pera vodas tam grandes bem parece
Que, Venus, já d'aqui nos percebamos;

[1] À princeza D. Joanna, esposa do principe D. João, filho de D. João III.

Hum tam alto Himinêo não merece
Que da maneira d'outros a elle vamos.
Já Phebo se exercita, já guarnece
A curva lira, á qual sempre cantamos,
Irão as nossas Nymphas, vão as tuas
Cantando ao som da lira as graças suas.

Todas desta maneira concertadas
Vão-se logo as tres Deosas polas mãos,
A qual mais alva, e loura, assi travadas
Com seus rostos alegres, peitos saõs.
Mui differentes daquellas passadas
Iras nascidas de appetites vãos.
Por onde quer que passam, vão caindo
Mil flores de qu'o chão se vay cobrindo.

Aquella fonte antiga, que hum serrano
Fez de lagrymas suas (que antes era
Hum grã penedo duro) Lusitano
Pastor, que nũa serra se perdêra;
(Segundo contam) fez-lhe tal engano
Amor, que nesta fonte o convertêra,
O corpo em agoa ali ficou desfeito,
Do sprito não se sabe bem qu'he feito.

A agoa desta fonte vay chorando.
A quem deixa esquecer o sprito nella
Parece que por Lesbia vay chamando.
A quantos acontece yr ter com ella

Não sey de que se ali vão namorando :
Não sey que se lhes nasce só de vella.
Os olhos postos n'agoa, aos pensamentos
Vem logo hũs amorosos movimentos.

As hervas ali mais que em outra parte
Parece que enverdecem; ali mais cores
Parece a Natureza que reparte
Pelas frescas boninas, pelas flores.
Ali nunca parece que se farte
De chorar Philomela os crueis amores.
Ali juntas as Deosas se sentáram,
E a tudo nova graça acrecentáram.

Pondo seus ricos arcos, e vestidos
Aquelles brancos corpos nûs mostráram
Ao Troyano París já despidos
Os seus cabellos soltos spiráram
Hum odor, qu'a nenhũs mortaes sentidos
Nunca chegou, e assi na fonte entráram,
Qu'he d'então pera cá dellas morada
Mas d'hũa só, das outras emprestada.

Como á sagrada fonte ali cada hora
Os Pastores vão ter, este suspira,
Este tange, outro canta, o outro chóra,
Todos ali Amor leva, e Amor inspira.
Ali doce brandura d'almas mora,
Que todo pensamento baixo tira.

Doces são os queixumes, doce a dor,
Doce agoa, doce fogo, e doce amor.

Serrano aconteceo, que todo hum dia
S'achou ali como elle costumava,
O pranto, qu'então fez, derreteria
De pedra hum coração : bem s'enxergava
Na terra, qu'ao redor humedecia
Das agoas, que dos seus olhos lançava.
Quando o amigo Castilio ali chegou,
E vendo-o tal, com mágoa assi falou.

CASTILIO.

Amor cruel! que já nunca te fartas
De nossa morte, dize porque assi
Hum triste coração d'hum corpo apartas?

Este corpo, que tens lançado ahi,
Menos te á de servir morto que vivo:
Dá-lhe alma, e vida ao menos para ti.

Mas ah que digo eu triste? tambem sirvo
A quem taes pagas dá : tambem mas dão,
Hay dôe-se d'hum cativo, outro cativo,

Serrano amigo, tu não ves o chão,
Onde estás, que de seco, quantes era,
Tam humido tens feito? dá cá a mão.

Levanta-te, levanta-te : quisera
Que te víra tua Lesbia qual estás,
A ver se a morte, ou sua mão te déra.

SERRANO.

Hay, hay, Castilio amigo, hay.

CASTILIO.

Que has[1]?

SERRANO.

Não sey : Parece como que te trazem
De dentro desta fonte.

CASTILIO.

Onde te vás?

SERRANO.

Mas eu estava sonhando.

CASTILIO.

Olhay que fazem,
Estes doudos amores; eu diria
Que algũs encantamentos nelles jazem.

SERRANO.

Não sey que hora isto foy, que bem te ouvia :
Mas não saberey dar fé de palavra,
Em outro Mundo estava, outro Ceo via.

[1] Que tens?

Que meo me darás pera que eu abra
Este meu peito? e lance delle fóra
Esta peçonha, que assi nelle lavra?

Ves-me aqui vivo, e são: daqui a hũ'hora
Não sey se me verás; vay-se-me a vida
Em fogo, em vento, em agoa, que alma chora.

A memoria de mim trago perdida.
Muitas vezes me busco, não me vejo.
Minh'alma de mim mesmo anda fugida.

Hora aborreço o campo, hora o desejo.
A frauta, que me alegra, m'entristece,
Eu a mim mesmo ás vezes me sou pejo.

Vès tu essa herva como reverdece
Co orvalho fresco, e quanto mais á fonte
Se chega, tanto mais verde parece?

Vês o rio, que vay de monte a monte
Carregado de roubos, e queixumes,
Que hora ameaça, hora não sofre a ponte?

Vês agora n'aldea bõs costumes?
Hũs rostos brandos, riso, e bom amor
Fora de más sospeitas de ciumes?

Verás daqui a pouco vir o ardor
Do Sol, queimar as hervas, e secar-se
O rio, o campo, a herva, a folha, a flor.

Verás na nossa aldea vir mudar-se
Aquelle livre, aquella boa soltura
De vida, em hum d'outro não fiar-se.

Que poderás já ver, que tenha dura?
Muda-se o tempo, e o Ceo. O gado hora anda
Morrendo-te de fome, hora em fartura.

A que dizes hora isso? me demanda :
Digo, Castilio, qu'eu só vivo firme
Em minha dura estrella, que me manda.

Que já cuidei daqui por vezes yr-me,
Em o cuidar sómente me tornava.
Morria já, sem me partir, por vir-me.

O corpo como yria, onde ficava
Presa, e cativa est'alma já de tanto?
Ria-me então de como m'enganava.

Esta fonte ouvio hoje aqui meu pranto :
E como se o sentisse, parecia
Qu'ajudava entoar tam triste canto.

Hora fazia pausa, hora corria
Com murmurio hora grave, e hora agudo,
Disseras qu'algum sprito ali avia.

Em fim cansey. Estive hum espaço mudo.
Tornei a cometter yr mais avante,
Não pude : antes perdi o tento a tudo.

CASTILIO.

Agora creo que nada ha, qu'espante
A quem muito ouve, ou vê. Já ouvi dizer
D'hũa ave, que não morre, sem que cante[1].

D'outra tambem, que quando quer morrer
Ajunta os páos, com as asas fere o fogo,
Queima-se ali, e dali torna a nascer[2].

Tomava eu isto, quando o ouvia logo
Por fabula, e por graça : senão quando
Eu mesmo hum dia vim cahir no jogo.

Este meu fogo (dizia eu) em que ando,
Quem mo faz hora? eu mesmo quê me inflâma?
Eu : eu o atiço, eu me vou queimando.

Dos olhos de Grinaura nasce a chamma,
Em qu'eu ardendo estou nas prisoẽs d'ouro,
Qu'Amor cabellos falsamente chama.

Nunca já de mim foy o bravo Touro
Apartado das vacas tam temido
Em campo raso sem Carvalho, ou Louro.

[1] O cysne.
[2] A phenix, ave fabulosa.

Nunca o espantoso Lobo perseguido
Dos importunos Caês, o Porco fero,
Que escumando vem sangue embravecido,

Como me he seu rosto : ás vezes quero
Esperá-lo, não posso; logo cayo.
Alì então da vida desespero.

Vejo tornar cad'anno o alegre Mayo
Vestido de mil flores de alegria
Hũs se alegram d'o ver, mas eu desmayo.

Leva-me a morte logo á fonte fria,
Ali em meu canto triste me desfaço,
Que inveja áquella triste ave faria.

Mas não sey como dahi a pouco nasço [1]
De novo tal, que eu mesmo me pergunto
Quem sou, que busco, ou quero aqui, que faço?

Ditoso aquelle, a que algũ'hora junto
Veo todo seu mal, e já acabou;
Mas eu nem vivo sou, nem sou defunto.

SERRANO.

E nunca ouviste tu, que o mar gerou
D'Amor a cruel mãy? porque t'espantas,
Se a cruel condição do mar tomou?

[1] O verbo nascer não era defectivo no tempo de Ferreira.

Quando tu na bonança alegre cantas
(Se algũ'hora a tiveste) eis vem as ondas
Mais altas do que tu tua voz levantas.

Vay hora então buscar odne te escondas
Daquella furiosa tempestade;
Nem com quem fales ha, nem a quem respondas.

CASTILIO.

Quando de dentro d'agoa, ó crueldade!
Nasceo o fogo, que nos vay queimando,
Que remedio esperamos? que piedade?

Mas conta-me o teu sonho; assi enganando
A dor desta cruel chãma estaremos,
O pensamento ao duro Amor furtando.

SERRANO.

Pera mór nosso mal lho furtaremos,
Porque acode despois tam furioso,
Que quer que todo tempo lhe paguemos.

Mas este sonho, amigo, milagroso
Dirás que he. Parecia que no centro
Dessa fonte lá dentro me levavam,
Como que m'enganavam; mas diziam
Duas Nimphas, que me hiam companhando,
Serrano, não chorando, mas contente,

E rindo has de ir á gente, que te chama,
Pera dares cá fama do que vires.
D'em tanto prazer rires não tens culpa,
Que o tempo te desculpa [1]. Eu me calava,
Porque assi me espantava do que via
Que quasi o não cria. Ao pé do monte
Debaixo desta fonte solapado,
Não sey como levado fui das duas
Nimphas, que pelas suas mãos me tinham,
Ellas sós me sostinham, e me guiáram
Até que me deixáram onde estendendo
Minha vista, tremendo, a todas partes,
Vi cousas d'outras artes, e maneiras
Tam novas, e estrangeiras, como era
Estar a Primavera ali metida
Assi como escondida. Tal verdura
Em campo, nem pintura não parece,
Qual dentro ali florece. Hum campo chão
Morada do Verão, das mais fermosas
Hervas, e mais cheirosas flores cheo
Se faz ali : e no meo está esta fonte
Cercada do alto monte, que ó redor [2]
Parece muito mór do que cá agora
A vista vê por fóra. Ali nascia
Esta agoa nũa pia de cristal
Laurada [3] de hum metal mais fino que ouro,

[1] Trocadilho de máo gosto.
[2] Ao redor.
[3] Laureada, cercada.

De Palma, Myrtho, e Louro rodeada,
E hũa ave namorada em cada ramo,
(Eu sonho a isto não chamo) assi cantavam
Que todo ar serenavam. Ao doce canto
Floreciam entre tanto novas flores
Pintadas de mil cores; e hũs spritos,
Amorosos spritos! qu'inspiravam
Por todo ar, que voavam, doce amor.
Ali gado, ou Pastor nunca chegára,
Que logo s'enxergára nas pégadas.
Nunca foram pisadas, nem colhidas
Aquellas bem nascidas hervas, plantas
De differenças tantas, nem geada,
Nem do Sol tinha entrada ali o rayo.
Perpetuo Abril, e Mayo pareciam
Que sempre ali viviam. Hũa daquellas
Ou Nimphas, ou Donzellas, vê, pastor,
Dizia, sem temor o que quiseres,
Que aqui só ha mulheres, não recees,
Ry, folga, não prantees, como fazes;
Aqui Amor, e pazes, e prazeres
Vivem; vês os tangeres, que lá soam
Quam docemente toam? Nimphas são
Das Deosas, que aqui estão Pallas, Diana.
E Venus, que a JOANA, que já vem,
Fazem festa. Porém tu estás cansado:
Daqui lédo, e deitado ouvirás tudo.
Ficava eu como mudo. Ella então se hia
Aquella companhia, que chegava

A fonte, onde eu estava. Vinham todas
Como a celebrar vodas, com capellas
De Myrtho as Nymphas bellas, porém mais
As tres Deosas sós tais, que quem as víra,
Nos rostos presumíra que elles eram.
A mim porém me dêram sobresalto,
Que do juizo falto assi á primeira
No rosto, e na maneira Venus tive
Por Lesbia; mas retive-me, e entre tanto
Co doce som, e co canto se sentáram
Todas, como chegáram ao redor d'agoa.
Que dor, que mal, que mágoa senteria,
Quem visse que tangia num psalterio
Minerva, e c'um pandeiro concertava,
Que hora Venus tocava, hora acodia
Com sua voz? Corria a fonte clara,
Em qu'a Deosa inspirára ao mesmo ponto,
Tam certa no seu conto, que já mais
Deixáram de ir iguais. Então aquellas
Nymphas louras, e bellas começáram,
Qu'as Deosas lho mandáram, hum novo canto,
De qu'eu de puro espanto arrebatado
Fiquei como encantado. E só m'achava
Lá onde o Téjo lava a grã cidade,
Qu'em toda a Christandade espanta, e soa,
Eu digo a alta Lisboa do Occidente
Raynha, e do Oriente: e parecia
Qu'entrar no mar o via, e o mar batendo
Co as ondas, qu'encolhendo hora se vão,

Hora tornando, dão naquella praya,
Sem que nunca se saya já d'hum certo
Ponto. Cheguei-me perto; mas não sey
Como d'agoa m'achei em hum momento
Cercado, quando attento, fiquei tal,
Que co rosto mortal torno fugindo
Atrás, e inda seguindo as ondas me hiam,
Não sey que me queriam : então tornavam
Recolher-se, e deixavam descuberto
Quanto tinham cuberto. Amanheceo,
Claro o Sol pareceo, e d'outra cor,
De novo resplandor, e claridade,
Em qu'hũa divindade conhecêras,
Se teus olhos puséras nelle fitos,
D'algũs sanctos spritos, qu'o moviam,
E ao Téjo o traziam a se banhar,
De qu'o Téjo, e grã Mar ficavam taes,
Tam claros, tam iguaes, que não se viam
As que dantes se erguiam, ondas bravas.
Pera onde quer que olhavas, prata vias,
Taes as agoas dirias. Eis que say
D'agoa, e soberbo vay em todo estado
O grã Téjo dourado, em cristallino
Carro d'ouro mais fino guarnecido.
De neve seu vestido era, e a partes
Pedras de novas artes reluziam
Tanto, qu'os que as viam, assi cegavam
Que não determinavam bem o qu'era.
No carro hũa alta Sphera se mostrava.

Na mão Téjo levava o grã Tridente,
Que de lá do Oriente lhe mandou,
Quando se sogeitou Neptuno a elle.
Vinham derredor delle algũs Tritões,
Que com seus ricos dões sempre o vem ver.
Seu rosto, e parecer logo mostrava
Qu'este era o que mandava o grande mar.
Ali se vem juntar a alta Raynha
Thetis, que tambem vinha á Real festa,
Como hũa dona honesta, antiga, e grave,
Vinha entregar a chave do thesouro
Das ricas perlas, e ouro do Oriente
A clara, e excellente, e alta JOANA,
Que como hũa Diana reluzia,
Com sua companhia álem do Téjo.
Cega-me a luz, que vejo. Eis aparece.
JOANA, o Ceo esclarece : virás ir
O Téjo a mais partir, mas mansamente
Com Thetis obediente a presentar-se
Aquella, que chamar-se já começa
Do grande mar cabeça, a cujo lado
Vinha o tam nomeado Duque eleito
Com razão a tal feito alto JOAM,
De cuja fé, e mão de CARLO [1] a filha
Do Mundo maravilha se fiava;
E assi authorizava magestade
Real, e a gravidade do alto officio,

[1] Carlos V, imperador d'Allemanha e rei d'Hespanha

Qu'a quem o via indicio dava claro
De ser no Mundo raro seu sprito,
Ao qual nenhum escrito igual seria,
Neto bem parecia do Rey sancto,
Do Mundo amor, e espanto JOAM secundo,
Do grã MESTRE [1], que o Mundo saudoso
Deixou de si ditoso filho, e digno.
Eis já no cristallino carro entrava
O grã Rey, e passava da outra parte,
De que Vulcano, e Marte sinaes davam
Cos fogos, que tiravam temerosos,
Mas então deleitosos. Téjo viste
O Téjo em ti, e sentiste o teu grã Rey,
Por cuja regra, e ley vives, trumphas,
E tiras ricas trumphas [2], e coroas
A Reys por onde soas com grã medo.
O mar quieto, e quedo num momento,
Mostrando acatamento a seu senhor
Com toda honra, e amor o recolhia.
Elle d'alta alegria o peito cheo
D'alma lá bem no meo agazalhava
A filha, que lhe dava o valeroso
Duque tam glorioso. Logo o Téjo,
(Inda cuido que o vejo) ás Nimphas manda
Que em voz suave, e branda derramando
Mil flores, vão cantando a grã JOANA
Mais divina, que humana. Parecia

[1] D. João I, conhecido pelo epitheto de *Mestre d'Aviz*.
[2] Turbantes.

Que a terra, e o Ceo se ria, o Sol dourava:
E seus rayos mostrava de luz pura.
A voz, e a fermosura amansando hiam
Das Nimphas a agoa; viam os que olhavam
O ouro que mostravam lá nas veas
Das douradas areas.

CASTILIO.

Dize, amigo,
Assi nunca em perigo vêr te queira
Tua Lesbia, que maneira, que arte tinha
Esse canto?

SERRANO.

Convinha que eu tivesse,
Ou que Apollo me désse hum tal sprito,
Para que fosse dito com tal graça,
Que nelle não desfaça. Hora cantavam
Hũas, hora ajudavam, e respondiam
Outras. Se bem me lembra assi diziam

Vem claro Phebo a tam ditoso dia
Dar nova luz das outras differente;
Vem claro Phebo co resplandecente
Rayo teu aquentar a terra fria.
Vem dar sinal ó Phebo d'alegria,
Que o Ceo tem de tam sancto ajuntamento,
Mil annos, mil, e cento
Vivam em paz JOAM, com sua JOANA
Assi seja, e será, assi o quer Diana.

Já vem aquella luz tam desejada
Dar nova luz á terra, gloria, e honra,
Já vem aquella Nimpha, de quem se honra
Até a praya do mar mais apartada.
Já vem JOANA tal, qual foi julgada
No monte d'Ida Venus do Pastor,
Pagar aquelle amor,
De que arde quem a espera: venha, venha.
Não chuva, vento, mar, nada a detenha.

Não vedes como logo conformáram
Nos rostos, e nos nomes, nos amores?
Não vedes como em tam iguaes ardores
De tam longe hũ polo outro se inflamáram?
Não vedes como os Ceos logo os criáram
Hum para outro? Hũa só estrella, hũ fado
A ambos está guardado.
Já vem JOANA. Torna a idade d'ouro.
Nestes ambos tens, Mundo, teu thesouro.

Qual no cerrado horto he a branca Rosa,
Que nunca foi cheirada, nem colhida,
E qual a branca neve, que sobida
Na serra está tam alva, e tam fermosa,
Tal vem JOANA, tal vem que envejosa
Lhe póde ser com suas Nimphas bellas,
Quando no meo dellas
Diana sae, Diana assi o confessa.
Depressa vem, mas venha mais depressa.

Por onde quer que vem, se ri a terra.
Por senhora a festeja, e reconhece.
Todo campo, que pisa, reverdece,
Florido fica o monte, o valle, e a serra.
Tudo he prazer, e amor. Ha só grã guerra
Sobre quem mais festejará sua vinda.
E pera mór bem inda
Assi tambem o Ceo vem festejando,
Que Dezembro em Abril fez ir mudando[1].

Que Principe, e que Rey tam glorioso
Vos nascerá a seus pays tam semelhante!
Dos quaes por muito que já a fama cante,
Mayor será seu nome, e mais famoso.
Hum Principe fortissimo, e espantoso
Aos Barbaros, que delle estão tremendo,
Já os altos feitos vendo[2].
A que não chegam Julios, Paulos, Drusos.
Assi o fiam as Parcas nos seus fusos.

[1] Isto é, o inverno em primavera.

[2] Este principe foi D. Sebastião, o *Desejado*, cujo desastroso fim é geralmente conhecido.

JANIO.

EGLOGA II.

PIERIO, AONIO.

Ves o sepulchro triste do fermoso
Pastor roubado ao campo, aos Ceos levado
Do fado bom para elle, a nós danoso.

Em quanto ao mar tuas redes, eu o gado
A verd'herva deixamos, co estas flores
Honremos o chão já delle pisado.

JANIO, saudade dos Pastores,
Da ribeira do Téjo saudade,
Das Nimphas, dos prazeres, dos Amores :

Honra do campo, gloria desta idade :
Gracioso nos olhos, branco, e louro,
Recebe os pobres doês da sam vontade.

Este Cedro, esta Faya, este alto Louro
A teu nome levanto : escrito seja
Teu nome, JANIO, inda em letras d'ouro.

Com lagrymas de dor, e mágoa veja
O Caminhante a pedra, que escondendo
Teu brando corpo está, que o Ceo deseja.

Aonio, assi te estem[1] no mar enchendo
As Nimphas tua rede, e do perigo
Das ondas, e do vento a vão sostendo;

Assi na tempestade bom abrigo
Dem ao teu barco, assi se mostre hũ hora
Branda a ti Galathea, Amor amigo :

Que aquelles tristes versos, com que chora
Nosso Sazio sua dor, se na memoria
Os tens, como elle n'alma, os cantes hora.

AONIO.

Renovaste-me a dor da triste historia :
Chovem-me tristes lagrymas dos olhos,
Co a dor da perda da passada gloria.

De Cassia, Myrrha, Incenso, tres, tres molhos
Queima aqui o triste Sazio cada dia,
O gado cardos pasce, pasce abrolhos.

[1] Inflexão antiga do verbo *estar*, que corresponde hoje a estejão.

Em triste voz, que alma apôs si trazia,
Ao som das ondas, qu'hiam murmurando,
Metido nũa lapa assi dizia:

Pastor fermoso, doce, branco, e brando
De FILIS triste, que tam só deixaste,
Ouve sua voz, que os ventos vão levando.

Torna á saudosa praya, que pisaste,
Torna a este campo, que tam verde, e lédo
Contigo era, e tam triste já tornaste.

Aqui a menham rosada, o vento quedo,
Aqui claras, e brandas sempre as agoas,
A noite trazias tarde, o dia cedo.

Pastor fermoso, agora as altas taboas
Da dura rocha turvam o claro rio,
Mostrando em suas quédas tristes mágoas.

Quantas vezes aqui o dourado fio
Tiravam as brandas Nimphas ao Sol alto
No frio Inverno, á sombra no Estio!

Escondeo-as no mar o sobresalto
Da tua morte; deixas d'herva o monte,
E d'agoa o rio, e d'aves já o ar falto.

Nem arvore dá sombra, nem dá fonte
Agoa, nem dia o Sol, nem a noite Estrellas,
Nem ha quem lédo cante, ou de amor conte.

Quem póde ouvir as aves? quem já vellas?
Quem as frautas, que em choro o som mudáram,
Pois tu eras a graça, e o som dellas?

Nunca despois a verde herva provάram
Os tristes gados; nunca mais bebêram
Em agoa clara, desque te choráram.

O branco orvalho os campos já perdêram:
As boninas as cores, e estes prados
De cardos, e d'espinhos já s'enchêram.

Reverdeciam d'antes só olhados
Dos teus olhos fermosos, que os qu'os viam,
Levavam de ti, JANIO, pendurados.

Com teus olhos fermosos floreciam
Os campos, nascia herva; as sementeiras
A ti só parecia que cresciam.

JANIO soavam os bosques, e as ribeiras
De Pastores, e Nimphas tam cantado,
De tua FILIS tristes companheiras.

JANIO de todos, de mim mais chorado,
Quem lembrará sem mágoa as breves horas,
Que com FILIS te via o verde prado?

Em vão FILIS suspiras, em vão choras:
Em vão choramos, chora o mar, e a terra.
Tu, JANIO nosso, lédo nos Ceos moras.

Em luz, em paz, em gloria, já da guerra
Dos barbaros Pastores, já do damno
Dos tempos livre em si o Ceo te encerra.

Não temes lá as espreitas, máo engano
Do Lobo ao simprez[1] gado, em bom descanço
Vives, em melhor dia, em melhor anno.

Assi cantava Sazio : manso, e manso
As lagrymas corriam : o som, e o canto
O ar calado, o mar tornava manso.

PIERIO.

Igual á triste dor o triste pranto
De Sazio a JANIO : e de sua voz ouvido
A quem não fará mágoa, não espanto?

Olha o meu gado, Aonio, que esquecido
Da verde herva, tam murcho inda parece,
Que he delle o brando nome conhecido :

Inda o Ceo se revolve, e s'escurece :
Inda o mar se levanta : vês o vento
Como lá nessas ondas se embravece?

Em quanto tu cantavas, tudo attento
Calava : o campo, e o mar; como calaste,
Em tudo a triste dor fez movimento.

[1] Simples.

Com esse hora outro pranto me lembraste,
Que hũa voz triste ao longo desta praya
Fazia igual, Aonio, ao que cantaste.

Era então noite escura (inda desmaya
A alma á lembrança) a voz era cansada,
Os versos vi cortados nesta Faya.

ALMA, dizia, ó alma bem levada
A clara vida, da prizão escura,
Do teu despojo nua, e desatada:

Alma toda innocente, toda pura,
Que debaixo dos Ceos tens Sol, e Lua,
Olhos n'outra mais alta fermosura.

Esta praya, em que já por honra tua,
E de FILIS, mil Nimphas coroadas
De flores vos cantáram á lira sua,

Este limo, esta area, em que assinadas
Com FILIS nos deixaste as tenras plantas,
Vistas serão com dor, com amor lembradas.

AONIO.

Doce tanges, Pierio, doce cantas,
Brando na voz, em tua frauta brando.
Co som deleitas, com a dor espantas.

PIERIO.

Vai-te á tua rede, Aonio, eu vou levando
Com lagrymas o gado.

AONIO.

Deos renove
Outro tempo mais lédo : mas ó quando?

PIERIO.

A noite vem-se escura, e neva, e chove.

— —

TITYRO.

EGLOGA III.

SERRANO, CASTALIO.

Huma fresca menham, fria, orvalhosa
Ao longo do Mondego, que corria
Com a agoa clara, mansa, e graciosa:

Quando já o claro rayo reluzia
Do louro Phebo n'agoa, e começava
O orvalho derreter, dourar o dia.

Ao pé de hum grã Ceyceiro rodeava
O gado de Castalio, e de Serrano,
Que ambos hum bom amor sempre juntava:

Mas outro Amor cruel, Amor tyranno
Os trazia ambos taes, que pareciam
Dous spritos perdidos tras seu dano.

Ambos mancebos, ambos se perdiam
Hum por hũs olhos verdes, outro brancos,
Ambos cantavam sempre, ambos tangiam.

Diziam que aprendêram de dous Francos
Pastores, que com as Musas se creáram
Dous Linos, dous Orpheos os nossos Francos

Bem conhecidos são; Sás se chamáram
Hum de Menezes, outro de Miranda,
De que as irmãs, e Phebo s'espantáram.

E inda hoje entre nós soa a voz tam branda
Do seu divino canto, que lhe ouvimos,
Que todo o Ceo aclara, e o ar abranda.

Ditosos nós, qu'em nosso tempo vimos
A nomeada Arcadia tam vencida
Destes nossos Pastores, que següimos.

Aconteceo, qu'em quanto era ouvida
De mim hũa bella Nimpha, que cantando
Na vea d'agoa estava mea mettida :

Hum cordeiro dos meus se foy lançando
Para onde ambos estavam, o qu'eu seguindo,
Ouvi Castalio estar-me já chamando.

Tityro amigo, sejas tambem vindo
Como este claro Sol, que nos aquenta;
Aqui, diz, teu cordeiro veo fugindo.

Deixa o mais gado ao moço : aqui t'assenta,
Não vês esta clara agoa, que nos chama?
Esta herva verde, que se nos presenta?

Aqui se esfria aquella doce chamma,
Que arde em nós sempre : aqui Amor s'engana.
Aqui queres amar quem te desama.

Se o Sol muito apertar, temos choupana
De cannas, e ramada bem cuberta,
Onde nem entra Sol, nem chuva a dana.

Sentey-me. Eis s'ergue entre elles grã referta[1]
De quem tange melhor, ou melhor canta.
A contenda então mais a voz esperta;
Assi hora hum, hora outro a voz levanta.

SERRANO.

Musas, ou vós me day hum verso brando,
Qual a meu Sá, que a Phebo bem se iguala :
Ou s'eu em vão trabalho ir-lhe chegando,
O som me fuja á lira, a voz á fala.

[1] Disputa.

CASTALIO.

Pastores, coroay, que vay crescendo,
Este novo poeta de Hera, e flòres:
E Magallio de inveja esté[1] morrendo,
Que a todos para si rouba os louvores.

SERRANO.

Meus versos lê meu Sá, minha Musa ama.
E meu Sá versos faz, que Apollo espantam;
A ti, Sá, sempre minha Musa chama.
A ti meus versos rusticos se cantam.

CASTALIO.

A quem, Sá, te ama, nunca Apollo negue
Seu divino furor, com que te cante.
E rompa-se Magallio, rompa, e cegue;
E de meus versos lá entre si se espante.

SERRANO.

O rustico Magallio sem brandura,
Nunca som doce em teus ouvidos soe,
Magallio peito de cortiça dura,
Todo o bom sprito atraz té deixe, e voe.

[1] Esteja.

CASTALIO.

Crinaura entre hũs salgueiros verdes via :
E sem me vêr, a vista lhe furtava;
Ella em me vendo, ria-se, e fugia.
E não sey qu'entre dentes me falava.

SERRANO.

Que me aproveita, Lesbia, vêr-te, e amar-te,
E que nem me desprezas, nem desamas,
Se quando a lingoa solto, por falar-te,
Volves o rosto, e rustico me chamas?

CASTALIO.

Triste a vista he do Lobo ao manso gado,
O chuveiro á seara já madura,
As arvores o vento; a mim o irado
Rosto de Filis tam fermosa, e dura.

SERRANO.

Doce he a chuva á terra desejosa :
Aos cordeiros o prado d'herva cheo :
A abelha o orvalho : a mim Filis fermosa,
Por quem hoje mais claro o dia veo.

CASTALIO.

De duas pombas achei hoje hum ninho,
Tuas, Crinaura, são, se as tu quizeres,
E teu será, se o tomo, o branco Arminho;
Clorys mo pedio já, se o tu não queres.

SERRANO.

Dez maçans de cor d'ouro ontem colhidas
A furto num cerrado aqui te tenho.
Para ti, Lesbia, foram escolhidas.
Lesbia, só por te vêr trazer tas venho.

CASTALIO.

Dos teus olhos, Crinaura, sae hum rayo
De fogo, que a fria neve acenderá.
Em te vendo arço[1], sem te vêr desmayo.
Mais doce a morte, vendo-te, será.

SERRANO.

Lesbia cruel, e quanto já averá
Que esta minh'alma ardendo
Anda apôs ti? e esse teu peito frio
Me converteo num rio?
Olha como este rio vou enchendo.

[1] Ardo.

CASTALIO.

Olha como este rio vou enchendo
De lagrymas, e mágoas.
Das lagrymas se vay todo turvando,
E das mágoas chorando.
Ah de meu fogo vão ardendo as agoas!

SERRANO.

Ah de meu fogo vão ardendo as agoas!
E tu estás mais fria
Que a fria neve, e mais que pedra dura,
Em quem agoa acha brandura.
Hum marmore meu pranto desfaria.

CASTALIO.

Hum marmore meu pranto desfaria;
E teu peito parece
Que quanto mais, Crinaura cruel, te chamo,
Quanto mais, te sigo, e amo,
Tanto em ti mais essa dureza cresce.

SERRANO.

Lesbia minha mais que o Sol fermosa,
Mais alva que alva Lua, e máis córada

Que as ardentes estrellas,
E luz de todas ellas,
Mais que as flores de Mayo graciosa,
Estes versos, em que és de mim cantada,
Cortem neste Ceiceyro os bons Pastores,
Crescerá elle, crescereis Amores.

CASTALIO.

Crinaura minha mais que o lyrio branca :
Mais vermelha que rosa, e mais ligeira
Pera fugir, que o vento,
De quem seu pensamento
Tirar de ti não pôde, vem, arranca
Est'alma triste, que inda esta he a primeira
Piedade, que usarás com quem a vida
Sempre guardou por ser por ti perdida.

Isto só me lembrou do que cantáram
E dali pera cá sempre nos montes
Os Pastores Castalio nomeáram,
Faunos nos bosques, Nimphas em suas fontes.

LILIA.

EGLOGA IV.

Por Lilia em vivo fogo Aonio ardia
Lilia prazer do amor, e nada tinha
O triste que esperar, e o Amor crescia.

Entr'hũs bastos ulmeiros só se vinha
De tristes sombras: a alma ali forçada
Com só chorar, com suspirar detinha.

Hora em som triste, em voz desconcertada,
Lilia, que inda que viva, inda que moura[1],
O nome ouve, assi delle era chamada:

Lilia, nimpha branca, nimpha loura,
O dia nos teus olhos amanhece,
Dos teus cabellos, Nimpha, o Sol se doura.

[1] Morra.

Com tua vista hum novo Abril florece
Em toda parte : á tua voz se abranda
O Amor na mór ira, e se adormece.

Lilia fermosa em tudo, em tudo branda,
A mim só dura, eu em que errey? em amar-te?
Amor te me mostrou, e amar me manda.

Meu descanço só he, Nimpha, cantar-te
Ao Sol, á sombra, em campo, em bosque, em rio,
E meu premio, ah cruel, em vão chamar-te?

Hora co rosto descórado, e frio
No ardor do Sol, hora no Inverno ardendo,
Ou todo chãma, e fogo, ou neve, e frio.

O cruel Lilia! e não te irá movendo,
Já que a amor não, a piedade hum tanto
O fogo, que em meus olhos estás vendo?

Ouve-me, Lilia, por ti só meu canto
Renovarey, por ti, cruel, meu fogo
Tenho por doce, e por prazer o pranto.

Por ti toda outra festa, e riso, e jogo
Desprezo : por ti sombras, e agoas quero,
Aprazer-te he só, Lilia, aos Ceos meu rogo.

Não desprezes meus versos, que inda espero
Com teu nome aos Pastores ensinado
Dos bosques, amansar-se o Amor fero.

Tambem eu canto, tambem sou chamado
Dos Pastores poeta, e eu não os creo,
Em quanto de ti sou tam desprezado.

Pois tam rustico sou, Lilia, ou tam feo?
Pouco ha que me vi n'agoa : a cor mortal,
Desque te vi, e te chamo em vão, me veo.

Quanto melhor me fora, pois não val
Contigo Amor, não deixar nunca a triste
Filis, inda que a ti em nada igual!

Choraste, Filis, ah quando me viste
Partir de ti, e d'alma saudosa
Suspirando cos olhos me seguiste.

Alva Filis tambem, não tam fermosa
O Lilia, não tam loura; porém era
Inda que de amor livre, piadosa,

As capellas de Myrtho, Louro, e Hera
Feitas da minha mão não desprezava,
Nem os rusticos doês da primavera.

Já eu hum'hora pera ti juntava
Diversas hervas, flores, e boninas
Em que o cheiro melhor se misturava.

Hervas tratadas só da mãos divinas
Das Musas, e das Graças, dos Amores,
Das tuas mãos, e olhos, Lilia, dignas.

Mas não tas ousey dar : em taes tremores
Me trazes! e chorando as espalhey
Com mágoa (quando as viram) dos Pastores.

Quantas vezes quizera, e comecey
Cantar teu nome, donde tu podesses
Ouvir-me, e em começando, me caley!

Quantas vezes dizia em mim; quizesses
Lilia, espreitar-me hũ'hora, tu verias
Sinaes do meu amor, a que fé desses.

Se virão tam ditosos alguns dias,
Que pisando contigo esta verdura
Traga o coração cheo de alegrias?

Olha, Nimpha fermosa, que pintura
De campos, e de Ceos, menhãs, e tardes :
Vem tu acrecentar sua fermosura.

Solta ao vento os cabellos, não os guardes
Em vão : estende os olhos pelos prados;
Vem, Nimpha, foge o dia, vem, não tardes.

Aqui ao tirar, e recolher dos gados
Soam as rusticas frautas namoradas
Dos rusticos Pastores namorádos.

Aqui seguindo eu, Lilia, tuas pisadas,
Vivendo dos teus olhos te traria
As maçans brancas, e uvas orvalhadas.

Das Nimphas hũa te offereceria
Os cestinhos de Lyrios escolhidos,
E léda, com tos dar, se tornaria.

Outra os louros cabellos esparzidos
Te cingeria de Hera, ou verde Louro,
Com versos bem cantados, bem tangidos.

Este seria, ó Lilia, o meu thesouro.
Mas ah triste, que cuido? estou sonhando
No que desejo, e em vão desejo, e mouro [1].

Aonio, Aonio, quem te está enganando?
Lilia não te ouve, ao vento te desfazes,
Se se ella não mudar, vai-te mudando.
Outra acharás, se a Lilia não aprazes.

[1] Morro.

TEVIO.

EGLOGA V.

AONIO, VINCIO.

Porque, já que aqui ambos nos juntamos;
Meu Vincio, ao pé desta arvore sombria,
Dos nossos bons amores não cantamos?

Serena a menham veo, alegre dia,
Verdeja o campo, o vento a furia abranda:
Cantemos de Amor só, que Amor nos guia.

Eu ah, da dura Lilia, tu da branda
Celia, ouçam-no os Ceos, ouçam-no os montes,
Oução, se aqui voando o Amor anda.

Verás ao doce nome logo as fontes
Correr mais claras, o Ceo mais sereno,
Lilia, tu de meu canto não te afrontes.

VINCIO.

Para cantar de Celia o dia he pequeno,
Minha voz baixa; baixo Apollo, e Lino.
E em vão cantarey, pois em vão peno.

Que voz, que som, ó Celia, ao teu divino
Nome se igualará? tu Lilia canta,
De Celia nomear ninguem he digno.

AONIO.

Como? a tanta ousadia és vindo? a tanta
Cegueira, que Celia ante Lilia ponhas?
Lilia, que Amor co a vista incende, e espanta?

Antes que a mór perigo te desponhas
Toca tua frauta, Vincio, alça teu canto.
Tudo t'apostarey, por mais que ponhas.

VINCIO.

Inda que não cuidey nunca ousar tanto,
Força-me Amor, e força-me a verdade.
Canto o meu não será, mas será pranto.

Roubar-te o teu, Aonio, he crueldade.
Baste a vergonha, baste o gosto, e gloria
Dé mostrar hum do outro a falsidade.

AONIO.

Eis vem o nosso Tevio, que a victoria
Julgará justamente : Tevio ás Musas
Novo Apollo, nova honra á sua memoria.

Já te vejo mudado : já as escusas
Não te aproveitarão. Tevio a contenda
Ouve, e julga entre nós, como bem usas.

VINCIO.

Ouve-me, Tevio, e dá-me deste a emenda
De sua vam ousadia, que eu espero
Que a voz lhe fuja, e Pallas o reprenda.

TEVIO.

Começay, mas ou Tityro, ou Sincero
Por juiz vos quizera. Aqui deitado
Ao som desta agoa clara ouvir-vos quero.

Calado o campo está, e o manso gado
Quietamente pasce; Apollo queira
Vir vosso canto ouvir delle inspirado.

AONIO.

Lilia, porque tua vista, que a primeira
Vez me levou tras si, me estás negando?

Vem, Lilia, ver-te-ey eu, e irey cantando
Teu nome a som da frauta, e da ribeira.

VINCIO.

Celia, porque minh'alma pura, inteira,
Que de mim foge, e a ti se vay, voando,
Não recebes? cruel, teu nome brando
Nesta voz soará, e na derradeira.

AONIO.

Quem não vio Lilia, não vio fermosura.
E quem não vio Aonio, não vio fogo.
Mostrou-lha Amor, e fez-se surdo ao rogo,
E Lilia branda aos olhos, á alma dura.

VINCIO.

Quem a Celia não vio, não vio figura
Da menham clara, ah! vio-a Vincio, e logo
Por Celia sospirou; por riso, e jogo
Julgou do prado a flor, do Ceo a pintura.

AONIO.

Sobre esta clara fonte, que vestida
De verde musgo está, dest'alta Faya,
Em quanto Lilia canto, sombra caya,
Com que esté do Sol sempre defendida.

VINCIO.

A agoa desta ribeira, onde hora ouvida
A branca Celia he, nunca se saya
De sua area, e seixos: mas levay-a
Nimphas, ao doce som desempedida.

AONIO.

Andava hũa menham colhendo rosas
Lilia, e estava Amor nũa escondido,
Tocando-a Lilia, foi Amor ferido
Das alvas mãos, e faces vergonhosas.

VINCIO.

Quando a fermosa Celia entre as fermosas
Nimphas parece, Amor fraco, e rendido
Deixa arco, deixa frechas, e corrido
Se vay batendo as asas furiosas.

AONIO.

Tres forão sempre as Graças nomeadas,
Em quanto a minha Lilia não nasceo;
Tanto que Lilia ao Mundo apareceo,
Por quatro são as Graças já contadas.

VINCIO.

Nove do claro Sol forão chamadas
Sempre as irmãs, que o Mundo conheceo;
Tanto que Celia nos resplandeceo,
Por dez são já as irmãs do Sol cantadas.

AONIO.

Vem Lilia branca, e loura; aqui te chama
O rosado Verão, aqui te cria
Flores o verde prado, e em companhia
D'Aonio as pisarás, que tanto t'ama.

VINCIO.

Por Celia sou todo agoa, todo chamma:
O monte o sabe, o rio, a noite, o dia.
Celia a meu pranto he dura, ao fogo fria,
Em mim o apaga, Amor, ou Celia inflamma.

TEVIO.

Cesse já dos Pastores de Arno [1] a fama.
Doce me he vosso canto, e doce seja
Meus Pastores, a quem mal vos desama.

[1] Allude aos poetas italianos da escola petrarchista, então muito em voga.

Ambos iguaes no canto, inda ambos veja
Muitos annos cantar, e vejais cedo
A alma chea cada hum do que deseja.

Sem pender d'esperança, nem de medo.

—

MAGICA.

EGLOGA VI.

LICIDAS, MENALO.

De Licidas, e Menalo Pastores
O novo canto, que de Amor ouvido,
Indo pelo ar voando cos Amores
Ao brando som se diz que foy detido;
E escondido com elles entre as flores
Cada hum a mágoa, e lagrymas movido,
Ao Mundo perdoárão entre tanto,
De Licidas, e Menalo o som canto.

Tu Marilia, tu só ingenho, e arte,
Tu sprito me dás, que inda algũ'hora
Levantado por ti, por toda a parte
Ao Mundo mostrará que o que em ti hora

Tamanho espanto faz, á menor parte
D'outras tuas não chega : ouve-me agora.
E esse teu alto sprito hum pouco engana
Co som da pastoril, e baixa canna [1].

Já a grossa, e escura sombra da cuberta
Terra, co cego rayo começava
A alva Lua entre as nuvens encuberta
Apartar pouco, e pouco; e eis se mostrava
Hora mea, hora toda descuberta,
Hũa nuvem rompia, outra a cerrava :
Quando cheo de dor, que a alma sentia
Ao pé de hũa Faya Licidas dizia.

LICIDAS.

Sae clara, branca Lua, os Ceos serena,
O ar abranda, em quanto aqui vammente
A ti, e aos Ceos me queixo, e a minha pena
Mova ás estrellas mágoa, dor á gente.
E tu meu cruel genio, esta pequena
Tardança da triste alma me consente.
Day montes sempre fé do que me ouvistes.
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Aqui os valles ouvem, aqui os montes,
Aqui os Pinheiros, e altas Fayas falam,

[1] Está canna por flauta.

As mágoas dos Pastores choram as fontes,
Ao som das frautas aves feras calam.
Os rios se detem nas suas pontes,
As arvores co vento não se abalam.
E vós Nimphas ouvi, se amor sentistes.
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Ao rustico Serpillo se dá Flora,
Flora de tantas mãys tam desejada:
Ao rustico Serpillo; quem não chora
Licidas, a quem fora tambem dada?
Onde justiça, onde igualdade mora?
Quem esta roda traz assi forçada?
Como, lumes do Ceo, tal consentistes?
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Que senão poderá já ver no Mundo?
Que não esperaremos os que amamos?
Revolvam-se as areas lá no fundo,
O rio se semee, onde pescamos.
As estrellas ao centro mais profundo
Deçam, co Sol o dia não vejamos.
A tudo causa, ó Ceos, já nos abristes.
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

O bem igual amor, e bem devido,
Frios te eram meus versos, rouca a lira.
Todo som, todo canto aborrecido,
Com desprezo me olhavas, e com ira.

Já achaste hum entre todos escolhido
Serpillo : ah cega moça! (em vão suspira)
Vingay, estrellas, o roubo, que encobristes,
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Flora enganada, quem tão mal te cega?
Serpillo rustico he, não tange, ou canta.
Que engano, ah moça, ao odio teu te entrega?
E o teu amor te tira, e assi te encanta?
Ama Serpillo : o teu Licidas nega.
Quanta vingança dás de ti! ó quanta
Ira moves ao Ceo, a que em vão resistes!
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Muitas vezes te vi em moça, e hum dia,
(Já eu aos tenros ramos bem chegava)
As sanguinhas [1] Amoras te colhia,
As maçãs no regaço te lançava.
Inda eu então d'Amor livre vivia,
Mas sentia-me arder, quando t'olhava.
Pagay, olhos, agora o que então vistes.
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Ah já sey qu'he Amor, não de brandura
Filho, mas d'odio só, e d'aspereza,
Gerado de diamante, e rocha dura,
Imigo a nosso sangue, e natureza.

[1] Isto é, sanguineas, côr de sangue.

Onde virdes, Pastores, fermosura,
Fugi, que ali está Amor, ali dureza.
Ditosos, que de suas mãos saystes
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Pastores (se algum está a meu canto attento)
Que por amor em vão a alma partistes.
Pastores, que perdeis vozes ao vento,
E a cruel Flora em vão, como eu seguistes,
Não façais de vans sombras fundamento.
Deixa já frauta triste os versos tristes.
Isto Licidas disse, o que cantava
Menalo, Apollo o diga, que o escutava.

MENALO.

Traze agoa, que cavei na branca area,
Licia, com minha mão, em o Sol nascendo;
Acende, e apaga nella esta candea
De tres lumes, tres vezes, e acendendo;
A mea della gasta : na outra mea
O meu encantamento irey fazendo.
Tu, sancto Amor, minhas palavras guia.
Trazei-me, versos meus, o meu bom dia.

Arde o sagrado incenso; só falecem
Versos; versos a mortos tornão vida.
Com versos secos campos reverdecem,
Com versos a Lua he nos Ceos detida.

Aos versos as serpentes obedecem,
Delles foi já Proserpina vencida.
Cantando Orpheo Euridice trazia;
Trazei-me, versos meus, o meu bom dia.

Este sagrado Myrtho a ti, fermosa
Venus, a ti tambem o teu sagrado
Loureiro, louro Apollo; a branca Rosa,
O Lyrio de ninguem já mais tocado
Ao casto Amor consagro : piadosa
Me sé [1] Mãy, me sé filho : e tu cantado
Phebo sempre em tristeza, e alegria.
Trazey-me, versos meus, o meu bom dia.

Ata, Licia, ata o laço de tres cores
Com tres nós, e em atando, dize : eu ato
De Marilia, e Alcippo os bons amores;
Diga Amor, diga Venus, e eu os ato.
Estas duas capellas de alvas flores,
Que aqui á Apollo pus, eu as desato.
Esta a mim, esta a Alcippo meu tecia.
Trazey-me, versos meus, o meu bom dia.

Em quanto Alcippo tarda he o dia escuro,
Encobrem-mo mil nuvẽs : eis derramo
Da Phenix casta a cinza, em que o seu puro
Corpo se queima, e nasce; e Alcippo chamo.

[1] *Me sé*, fórma antiga correspondente a *me seja*.

Vem Alcippo, vem já; porque tam duro
Es a Marilia? ah meu Alcippo, eu te amo.
Contigo o Ceo se me esclareceria.
Trazey-me, versos meus, o meu bom dia.

Qual por montes, e bosques a cansada
Novilha o branco Touro em vão buscando
Junto d'agoa em verde herva só deitada
Da noite, que já vem, não se lembrando,
Ali de saudade traspassada
Toda em seu brando amor se está gastando.
Tal por mim, meu Alcippo ver queria.
Trazey-me, versos meus, o meu bom dia.

Este limo trazido lá do Nilo
Me deu Merys, e esta herva que lá nasce
Tinta no sangue do espantoso Horilo,
Que mil vezes he morto, e mil renasce.
E esta espinha de hum manso Crocodilo,
Que n'agoa vive, e na ribeira pasce.
Com isto em mil fórmas Merys se fazia.
Trazey-me, versos meus, o meu bom dia.

Aqui d'Alcippo tenho inda guardados
Os seus doces despojos, inda leo
Mil versos em meu nome aqui cortados
Nesta Faya, esta Faya Alcippo creo.
Dos prazeres por ti profetizados,
Alcippo, inda o primeiro me não veo.

Mostra a verdade, Alcippo, a quem te cria.
Trazey-me, versos meus, o meu bom dia.

Eis as folhas bolíram do Loureiro.
Eis o Myrtho com flores se levanta.
Ouço asas, ouço aljaba do frecheiro.
A' mão direita Philomela canta.
Alcippo vem, Alcippo verdadeiro
No casto amor, e na firmeza sancta.
He Alcippo, ou m'engana a fantesia.
Cessai, versos; já chega o meu bom dia.

—

DAPHNIS.

EGLOGA VII[1].

EURILLO, LICIDAS.

Aqui, Licidas, canta; olha quam branda
Por entre as verdes cannas vem bolindo
A fresca viração, qu'este ar nos manda.

Olha quam enlaçada vay sobindo
Pelos altos Ulmeiros a verde Hera,
De que tam doce sombra está cayndo.

Se hora cantasses, Licida, eu te déra
Bom premio : ah pastor canta : eu quero dar-te
Hum premio, que inveja a Tityro fizera.

[1] Esta egloga é notavel pela melodia e delicadeza das imagens n'ella empregadas.

LICIDAS.

E a qual bom cantor, ou em que parte
Viste, Eurillo, vender nunca seu canto,
Que Apollo gracioso nos reparte?

EURILLO.

E qual preço será tam rico, e tanto
Licidas, que igualar possa a brandura
Do teu som, que desfaz o Amor em pranto?

LICIDAS.

Só da branca Marilia a fermosura
Negra nos olhos, negra nas pestanas
Meu canto paga, minha voz apura.

Rustico Mevio, ah porque mal profanas
O som devido ás Musas? e ós [1] Amores?
Porque infamas, máo Bavio, as doces canas?

EURILLO.

Mevio, e Bavio são rusticos pastores;
Tu meu Licidas só, tu só nos cantas.
Mevio, e Bavio são Rãs, não são cantores.

[1] Está *ós* por *aos*.

A quem tu não deleitas, não espantas,
Pareça Mevio bem, Bavio deleite.
Tu a mim canta, e tange ás Musas sanctas.

Hum vaso tenho ali de puro leite
D'aquella branca Cabra hoje mungido,
Darto-ey, e hũ tarro [1] d'Hera, em que to deite.

Hum novo tarro, Licidas, trazido
D'estranhas terras, d'hũ grã mestre obrado,
Por onde licor nunca foy bebido.

Nunca o cheguey ós beiços, mas comprado
Por hum tenro cabrito, assi té gora
Inteiro o tive sempre, e bem guardado.

Cada vez que as figuras vejo, chora
A minh'alma de mágoa. Está a ribeira
Do rico Téjo, onde Neptuno mora.

Ali tristes pastores, e primeira
Chorosa Venus, Satyros, Sylvanos
De toda flor, que em Papho, e Gnido cheira,

Hum PASTOR cobrem, a que os leves annos
Fugindo vão. Amor ali esmorece,
Então só piadoso de seus danos.

[1] Vaso de recolher o leite emquanto os pastores ordenhão as vaccas, ovelhas e cabras.

Co brando Adonis todo se parece
O moço branco, e louro; ah crueldade!
Os olhos cerra, como que adormece.

Cruelmente cortado em mocidade,
Como do duro arado a branca rosa,
Que o duro lavrador move piedade.

Em outra parte está como queixosa
Contr'os Ceos hũa NIMPHA mansamente
Chorando, e assi chorando mais fermosa.

Lucína mais que nunca diligente
Hum minino á luz clara então mostrando
Da triste Nimpha parto seu resente,

O dá ás douradas Horas, que criando
O vão mimosamente; e eis que as tres Fadas
Já na mão tenra hum cétro lhe estão dando.

Logo apõs as Nimphas, que espantadas
Sáem do fundo pégo, d'hum alto monte
As estrellas por Protheo são mostradas.

E como que cum dedo aos Ceos aponte,
Com outro no minino, por escrito
Teus dias (diz) ledos o Mundo conte.

A mão do mestre igual ao grande sprito
Licida, esta viva obra aqui cortou.
Lá na Arcadia se fez, vendeo-ma Eucrito.

Mas se a tua voz, que sempre me soou
Branda, em quanto aqui o Sol o pasto tolhe,
Soltar quizeres, Licida, eu to dou.

Licidas canta; assi amorosa te olhe
Aquella, a quem tu cantas, e te teça
Fresca capella, quando as flores colhe.

Sempre ás tuas ovelhas reverdeça
O prado; e o triste Inverno, que tememos,
Aos olhos da tua Nimpha nos floreça.

O nosso DAPHNIS que já aqui não vemos,
O brando Daphnis, com teus versos chama.

LICIDAS.

Versos a DAPHNIS, doces versos demos.
Voz de Licidas he, que Marilia ama.

Que fontes, ou que bosques lá forçadas
Vos tinham, de Apollo irmãs fermosas,
Quando a DAPHNIS as cores demudadas
Vos não tornavam delle piadosas?
Como alvas flores do Sol são cortadas,
Como murchas do frio as brancas rosas
Se cortou Daphnis: nós que esperaremos?
Versos a Daphnis, doces versos demos.

Tinha-vos por ventura o vosso monte?
Ou as alturas lá do fresco Pindo?

Porque eu não creo que em sua branda fonte
Vos estivesse o Mondego encobrindo.
Não creo que por mais que se nos conte
Da fresca Tempe, assi fosseis fugindo
O amor de Daphnis, por quem cá vos temos.
Versos a Daphnis, doces versos demos.

Daphnis choráram na montanha as féras.
Choráram os Lobos, os Lioẽs choráram.
Despiram-se os ulmeiros de suas Heras,
Os rios ás suas fontes se tornáram.
As Nimphas contra si crueis, e féras
Pelas prayas em vão Daphnis chamáram.
Daphnis, ah Daphnis, onde te acharemos?
Versos a Daphnis, doces versos demos.

Chorou o barbaro Scytha, o duro Géta
Em quantos campos rega o Gange, e o Nilo.
Chorou o Arabe, o Indio, o destro em séta
Partho, o grande Alifante[1], o Crocodilo.
Bem prometteo tua morte o cruel cometa,
Que vimos, ninguem soube então sentí-lo.
Ah rusticos, que os Ceos nunca entendemos!
Versos a Daphnis, doces versos demos.

Veo Ovylio Pastor, que na ribeira
Do Tybre suas manadas apascenta,

[1] Dizemos agora elephante, com melhor derivação.

Quem levará, diz, já por cham carreira
O gado? quem da chea, e da tormenta
O recolherá são? quem verdadeira
Semente á terra lança, e acrescenta?
Quanto em ti, bom Pastor, todos perdemos!
Versos a Daphnis, doces versos demos.

Vinham outros Pastores lá das serras
Da neve frias, outros das campinas :
Ditoso Daphnis, nós em sangue, e guerras
Ficamos (dizem) tu melhor atinas.
Outros pastos terás lá, outras terras,
Fontes, que sempre lá manam continas[1].
Tu vás viver, nós cá nos mataremos.
Versos a Daphnis, doces versos demos.

Não tanto o Delphim lá no mar chorava.
Não tanto Philomela lamentou.
Não tanto Ariadne aos ventos se queixava.
Nem tanto Cisne em morte pranteou.
Nem tantas vezes Eccho a voz tornava
Do fermoso Pastor, que em vão chamou.
Quanto Daphnis choráram, e nós choremos,
Versos a Daphnis, doces versos demos.

Daphnis, tu aos Pastores ensinavas
Como ao curral viria o bravo gado.

[1] Por continuas.

Tu as surdas serpentes encantavas.
E os duros Touros punhas ao arado.
Aqui d'hũa sebe, aqui d'outra cercavas
Teu rebanho dos Lobos bem guardado.
Se são nos fica o gado, a ti o devemos.
Versos a Daphnis, doces versos demos.

Daphnis, tu sacrificios ordenaste
Aos Pastores, tam sanctos : tu lhe ergueste
Pera os Ceos novo sprito; e levantaste
Altar á sancta paz, em que viveste.
Com quanto amor bom Daphnis já pisaste
Estes campos, e esta agoa aqui bebeste!
Brando Daphnis, sem ti como a bebemos?
Versos a Daphnis, doces versos demos.

Ah Daphnis, chama, Daphnis ah, suspira
O teu mimoso gado, Pastor brando.
Quem inda esse teu rosto hum tempo vira,
Que sempre lédo nos estava olhando!
No manso peito teu nunca entrou ira.
Amaste em vida, ah, e morreste amando.
Quando outro amor, ó bom Pastor, teremos?
Versos a Daphnis, doces versos demos.

Ah, que a Malva, e a Ortiga reverdece;
D'hum dia n'outro torna outra herva nova,
Séca-se o campo, com Abril florece.
Mayo cad'anno a pintura renova.

Desaparece o dia, eis aparece.
Acaba o anno o Sol, o Sol o ennova.
Nós pera sempre desaparecemos.
Versos a Daphnis, doces versos demos.

Ficay minhas ovelhas, meus cordeiros
(Diz Daphnis) claras fontes, bons pascigos[1]:
Tenhais de meu herdeiro mil herdeiros.
Vivei em paz, pastores, meus amigos.
Mil Dezembros conteis, e mil Janeiros
Num amor juntos contra os máos imigos.
Daphnis (dizei) que nos amou, amemos.
Versos, e flores a seus ossos demos.

EURILLO.

Mel puro da tua doce boca mana
Meu Licidas, teus versos favos são.
Phebo tempéra a tua suave cana.

Nunca a voz te enfraqueça, nunca a mão
Te canse, nunca este ar deixe de ouvir-te
Ao Sol, á sombra, em Inverno, e Verão.

Fresco leite no tarro vou mungir-te.

[1] Pastos.

FLORIS.

EGLOGA VIII.

La onde o claro Téjo a praya lava
Rica das brancas conchas d'Oriente
Já seus cabellos n'agoa o Sol molhava :

Quando seguindo Amor, fugindo a gente,
D'hum alto, que o mar longe descobria
Té onde o Téjo perde sua corrente,

Lidia cos olhos, triste, em vão seguia,
Quanto a vista alcançava, a Náo ligeira,
Que co seu Floris desaparecia.

Como se fosse aquella a derradeira
Vista de Floris, Lidia assi chorosa
O chamava em voz alta na ribeira.

Floris cruel, e dás-te á furiosa
Força do mar, e vento, e a mim, que te amo,
Deixas assi morrer de ti saudosa?

Se lá te soa a voz, com que te chamo,
Torna Floris, ah torna; e não te abrandas
Ah duro, a quantas lagrymas derramo?

Nimphas do doce Téjo, Nimphas brandas,
E tu das doces agoas brando Téjo,
Que o grande mar já co Tridente mandas.

Ali vay meu amor, e meu desejo.
Se amor sentis, fazey que tornar veja
Aquella cruel Náo, que fugir vejo.

Ou ponde-mo já vivo onde deseja
Floris, se tanto folga assi fugir-me;
Bom vento, imiga náo minha, te reja.

Porque assi, Floris meu, folgas partir-me
Esta minh'alma? antes ma levas lá:
Assi podesse eu toda apôs ti ir-me.

Se o meu amor em premio meu me dá
Odio, e por me fugires, poẽs em sorte
A vida aos ventos, Floris, torna cá.

Torna, e vive tu, Floris: quem tam forte
Em te amar he, será em deixar a vida;
Cessará o meu amor, e a tua morte.

Ah duro! he na montanha alta seguida
Do Lião a que o foge, he do Carneiro
No campo a ovelha, e eu sou de ti fugida?

Não o creo, meu Floris, não : primeiro
O Amor deixará os doces Amores,
Seu Myrtho Venus, Phebo o seu Loureiro,

O verde Abril secará as tenras flores,
Reverdecerá o campo em seco Agosto,
Que tal cream de Floris os Pastores.

Já t'eu vi algum'hora o branco rosto
Por Lidia em doces lagrimas banhado,
Outr'hora em doce riso, e brando gosto.

S'a algum vento inconstante tens já dado,
Como te déste a ti, minhas lembranças,
Tu só deves de ser nisto culpado.

Branca Lua, senhora das mudanças,
Dos tempos, e dos mares, s'algum'hora
Em desejos viveste, em esperanças;

Inda o Latmio[1] penedo, inda lá chora
Tuas doces mágoas, inda se deleita
Do teu amor, onde teu Endimion mora :

[1] Latmos, montanha situada nos confins da Jonia e da Caria, onde Endymion ia esperar Diana para apresentar-lhe seus amorosos protestos.

Leva cos brancos rayos teus direita
Aquella náo, e tem firme a vontade
De Floris, a quem eu seja sempre aceita.

Aves, que serenaes a tempestade,
Aves, que saudosas já chorastes
Das ondas, e do vento a crueldade,

S'algũ'hora já as ondas desejastes
Brandas a vosso amor, entregue aos ventos,
Doa-vos meu amor, Aves, que amastes.

Sete dias podeis os movimentos
Dos ventos abrandar; mas sete setes
Os detende hora lá nos seus assentos.

Se me isto, ó branca Alcione, promettes,
Inda lá te pareça em sua figura
Teu Ceyce, por quem n'agoa inda te mettes.

Eu em tanto das flores, e verdura
Tecerey mil capellas ao teu brando
Filho, ó Deosa d'amor, e de brandura.

E assi colhendo as flores vigiando
Estará o mar minh'alma, e á doce lira
Alcippo os doces versos seus cantando.

Cantará como em vão chora, e suspira
A vista da cruel Náo, que inda aparece
Aquella, que Theseo por seu mal vira.

Como se queixa ao mar, como esmorece
A moça ali deixada em tanto medo.
Entre tanto o cruel desaparece.

Estava a triste Ariadne no penedo
D'hũa parte mar bravo, d'outra féras;
Ditosa morte, se vieras cedo!

Cruel Theseo, cruel, diz, que fizeras
A hum teu cruel imigo, se a quem t'ama
Assi deixas ao mar, e as bestas féras?

Despois me cantará da que inda chama
D'alta fogueira já com a espada nua
O cruel, que do mar enxerga a chãma.

A causa, diz, da morte, e a espada he tua
Falso Troyano, só a mão he minha.
Vingue em si, quem mal ama, a culpa sua[1].

Tambem do nadador[2], que hia, e que vinha
Ondas ao rosto, o peito ás ondas duro
A luz, que o lá chamava, e o cá detinha.

Em fim mar cruel és, pouco seguro
Aos bons amores, lanças morto á praya
O triste moço, Hero do alto muro.

[1] Allude ao suicidio de Dido, motivado pela partida d'Enêas.

[2] Leandro, mancebo, natural d'Abydos, que afogou-se no Hellesponto indo ver sua amante, a formosa Herò.

Agora brando mar a furia caya,
Em quanto Floris vem; clara, e serena
Sobre estas ondas tua fronte saya.

Vós, Amores, voay, e hũa doce pena
D'essas pregay a Floris, com que ardendo
Sinta do fogo meu parte pequena.

Outros as bravas ondas vão rompendo.
Outros postos estem ao ferro, e fogo.
Meu Floris a sua Lidia estẽ cá vendo,

Saudoso d'Amor, brando a meu rogo.

—

MIRANDA[1].

EGLOGA IX.

ALCIPPO, ANDROGEO.

ALCIPPO.

Quanto tempo, ó Androgeo, não cantamos?

ANDROGEO.

Fugio-nos o prazer, e torna tarde.
Saudosos por elle suspiramos.

Vês o Mundo, que vay? vês que fogo arde
Por tanto campo lá, por tanta serra,
Que a nossa cá ameaça?

[1] Esta egloga é visivelmente consagrada á morte de Francisco de Sá de Miranda, de quem por vezes temos fallado.

ALCIPPO.

Deos a guarde.

ANDROGEO.

Mal nascidos Pastores, triste terra
Tanto tempo queimada, crueis mãos,
Contra vossas entranhas moveis guerra?

Tomay, Pastores, conselhos mais saõs.
Olhay o Lobo, que lá está em espreita,
E o melhor leva sempre dentr'as mãos.

Junto num corpo o gado por direita
Estrada, em sangue tinto hum só seguindo,
Que jornada fareis aos Ceos aceita!

Ir-se-vos-hia (eu o vejo) o mar abrindo,
Abaixando-se serras; que hervas, e agoas
Irieis, e que campos descobrindo!

ALCIPPO.

Não lembremos, Androgeo, tantas mágoas.
Corre o Mundo já assi trás seu mal cégo.
Ardem no peito d'ira vivas fragoas.

Móres rios lá vejo, não to nego,
Mais espaçosos campos; mas ditoso
Quem seu gado apascenta em bom socego.

Em quanto o nosso gado aqui mimoso
Bebe do doce Téjo a agoa corrente,
Não lhe queiramos bem mais deleitoso.

Vivamos, e cantemos lédamente,
E aquella divindade celebremos,
Que á fonte agoa nos dá, fruito á semente.

ANDROGEO.

E a que ouvidos me mandas que cantemos?

ALCIPPO.

De Marilia, de Delia, e das Amores.
Nem o pôvo nos ame, nem o amemos.

ANDROGEO.

Surdos ouvidos, barbaros Pastores,
Quam mal bebeis do Téjo as agoas claras!
Quam mal pisaes as bem nascidas flores!

ALCIPPO.

Quantos tu, claro Phebo, desemparas,
Venham buscar o teu divino lume
Nos brandos olhos dé duas Nimphas raras.

ANDROGEO.

Quem de Pindo subir ao alto cume
(Não posso erguer a voz; e a noite ao dia
Cantando ajuntey já, tudo he costume.)

ALCIPPO.

Arde em chãmas o peito, a lingoa he fria.
As lagrymas sam fogo, o rosto neve.
Quem juntamente assi me queyma, e esfria?

ANDROGEO.

Algum vento amoroso, brando, e leve
Ajude minha voz, e ma levante.
E parte della á branda Delia leve.

Alcippo, eu não posso ir mais por diante.
Foge-me a voz, carrega-se-me o sprito.
E não sey quem me manda que não cante.

ALCIPPO.

Eu vejo aquelle alto ulmo, Androgeo, escrito.
De fresco ferro está (vem ver) talhado.
Eis que todo tremeo, e soou hum grito.

ANDROGEO.

Algum segredo, Alcippo, aqui guardado
Está de Fauno, ou Nimpha; le.

ALCIPPO.

Divino
Verso he, e não de humana mão cortado.

ANDROGEO.

Nimphas sagradas, Nimphas, não sou digno
De ver vossos segredos : tu me ajuda,
Tu me sê, brando Apollo, hora benigno.

Aquella Lira, a cujo som se veo
Do Tybre, e d'Arno Apollo, a Neiva, e Lima,
Por quem verde era o campo, o rio cheo

Corria á voz da nova tosca rima,
Despois que o bom Miranda, em cujo seo
O sancto fogo ardeo, se foy acima,
Pendurou aqui Phebo; aqui guardada
Manda ser dos Pastores sempre honrada.

ALCIPPO.

Feriste-me a alma de hũa ponta aguda
Androgeo, he morto o nosso bom Miranda.

ANDROGEO.

Isto fazia a minha lingoa muda.

ALCIPPO.

O bom Poeta, e já a tua doce, e branda
Voz se calou; já por aqui nào soa,
Nem os ventos serena, o mar abranda?

ANDROGEO.

Ah, já aquella innocencia sancta, e boa
Do bom velho, aquella alta, e sam doutrina
Nos deixou : quam depressa o melhor voa !

ALCIPPO.

Ah sancto velho de mil annos digna
Era tua vida, e inda mil annos cedo.
Quem honra o campo? quem virtude ensina?

Já não do pé de Faya, ou do penedo
Muscoso te ouvirá o campo, e o vale
Cantar da terra, e Ceos o alto segredo.

O Rio seque, e o campo; Apollo cále.
Chorem as tristes irmãs, nem já aqui soe
Frauta, pois nenhũa ha, que a tua iguale.

Nem Pastor cante, nem Touros coroe.
Nem tenha Hera, ou Loureiro já verdura.
Nem Nimpha d'agoa saya, ou ave voe.

Perdeste Apollo já tua fermosura
Do teu poeta sempre tam cantada,
Perdeste, Amor, teu fogo, e tua brandura.

O doce, e grave Lira temperada
D'aquella mão, que assi te fez famosa,
Não consintas ser de outra mão tocada.

A nossa idade, que tu tam ditosa
Fizeste, te honre sempre, e louve, e ame,
Pois por ti será sempre gloriosa.

E quem ha já, que co som brando chame
As bellas Nimphas a lugar sombrio?
E pelo verde chão flores derrame?

Quem vestirá dos ulmos já o rio?
Quem cobrirá de sombra as claras fontes?
E os tenros Myrthos guardará do frio?

Aquelle som, que enchia d'herva os montes,
Que o gado derramado a si juntava,
E que os rios detinha nas suas pontes :

Aquelle som, que tam doce soava
Por toda a parte, ah já morreo contigo.
Que fará quem ouvir-te desejava?

Ah meu bom mestre, ah Pastor meu amigo[1],
Como minh'alma, e olhos se estendiam
Por ver-te, e o duro tempo foy-me imigo!

Mas inda que os meus olhos te não viam,
Cá te tinha minh'alma, e os teus bons cantos,
Lá me levavam, e de ti todo enchiam.

[1] Votava Ferreira respeitosa affeição a Sá de Miranda, a quem folgava de chamar seu mestre.

Day ao vosso Poeta tristes prantos
Téjo, Mondego, Douro, Lima, Odiana;
O Nilo, ó Gange, day-lhe lá outros tantos.

ANDROGEO.

Não pode a obrigação, Alcippo, humana
Fugir o bom Miranda, aos Ceos he ido.
Nunca do campo aos Ceos o passo engana.

Mas quando poderás ser esquecido?
Estar-te-ham Tygres, e Liões chamando.
Será de Tygres teu bom canto ouvido.

ALCIPPO.

Vejo vir nosso Sázio [1] lá chorando.
Sázio, que docemente assi pendias
D'aquella boca, e som suave, e brando!

Vive tu lá, Miranda, immortaes dias
Da coroa de Louro ido á da gloria :
E em quanto com tua luz de lá nos guias,

Recebe isto, que canto em tua memoria.

Aqui Neyva, aqui Lima triste chora,
Quebra seu arco Amor, Apollo a lira

[1] Parece que este Sazio é Francisco de Sá de Menezes.

Séca a fonte Hyppocrene, os Louros Flora.
O bom canto emmudece, Eccho suspira.
Mas no Ceo léda a innocente alma mora
Do bom Miranda, que de lá inspira
Sancto fogo de amor, e sancta paz,
Lá estás Miranda, aqui só terra jaz.

SEGADORES.

EGLOGA X.

FALCINO, SYLVANO.

AO SENHOR D. DUARTE[1].

No campo do Mondego ao meo dia
Dous segadores Falcino, e Sylvano,
Em quanto os outros jazem á sombra fria
No mais ardente Sol de todo anno :
Elles sós segam, e cantam a porfia
D'Amor, hum seus bens canta, outro seu dano,
Arde o Mundo, a Cygarra só responde.
Amor hora aparece, hora se esconde.

Inda daquella Nimpha saudoso,
Que no claro Mondego se banhava,

[1] Filho d'el-rei D. Manoel.

E tanto tempo trouxe em vão queixoso
O Pastor, que Serrano se chamava.
Que convertido em Cisne no amoroso
Seu fogo ardendo, o seu fim cantava,
Inda a busca o Amor menham, e tarde,
Ella o despreza, e em outro fogo arde.

Namorou-se o Amor dos seus amores
D'aquelle Pastor triste, e fez-lhe guerra.
Quem vio tam desiguaes competidores?
Amor contr'hum pastor, fogo co a terra?
Em fim choráram Nimphas, e Pastores
Serrano morto naquell'alta serra.
Ella o Amor fugio, que em vão a chama.
S'em vão Serrano amou, e elle em vão ama.

Dali o cruel ficou, segundo soa
Afrontado de si mesmo, e corrido.
Menos dizem que fere, e menos voa,
E assi do Mundo he já menos temido.
Fez de seu fogo em si hũa próva boa,
Sospirou de sua frecha em vão ferido.
Da sua divina força perdeo parte,
Com que vencia a Jupiter, e Marte.

Forçado da deshonra, e da vergonha
Ao bosque, ao campo, ao rio vay fugindo.
Ali vammente em seus amores sonha.
Ali em seu fogo s'está consumindo.

Contra a rustica gente sua peçonha
Mostra, e seu fraco arco está brandindo.
Outros dizem que agora he mais cruel,
Mais armado de fogo, mais de fel.

E por fazer hũa aspera vingança
Em castigo daquella offensa sua,
Faz quem mais ama, amar sem esperança,
E a mais fermosa Nimpha faz mais crua.
Cresce o amor, no mal não ha mudança :
Castiga em ti, cruel, a culpa tua.
Ou se ser desprezado te doe tanto,
Põem do teu fogo nellas outro tanto.

Alto Senhor, se a teus altos ouvidos
Chega o som baixo da çamponha [1] minha,
Seram meus versos tam engrandecidos,
Quanto pera os ouvires lhes convinha.
Outros mayores, que te são devidos,
Já os tentey em vão : que não sostinha
O peso do teu nome alto, e Real
Tam fraco ingenho, e voz tam desigual.

Já, Senhor, teu Andrade [2] se aparelha
Ao alto canto desta empresa dino;
Já com todas as musas se aconselha
Em que modo, em que som mais peregrino

[1] Flauta rustica.
[2] Pero d'Andrade Caminha, camareiro de D. Duarte.

Cante teu nome : e como colhe a Abelha
Da melhor flor o seu liquor divino,
Assi escolhe o melhor de Apollo, e Marte,
Para mostrar ao Mundo o grã DUARTE.

Tu por honra das Nimphas tam fermosas
Lilia, e Celia, que aqui são cantadas,
De Falcino ouve as queixas amorosas,
De Sylvano ouve as rimas namoradas.
E de Lilia, e de Celia desejosas
De cantar sempre, e sempre aparelhadas
Estão as Musas, e ellas inspiravam
A Falcino, e Sylvano o que cantavam.

SYLVANO.

Quem te não ama, Amor, não te conhece.
Quem se queixa de ti, de todo he cégo.
Com amor se semea, e madurece
O branco trigo, que eu cantando sego.
Com amor a agoa do Mondego cresce,
Com amor cantam Nimphas no alto pego.
Com amor cantarey os meus amores,
E vencerey cantando os segadores.

FALCINO.

Quem a Amor chama amor, o nome lhe erra.
E he mais cégo, quem lhe cégo chama.

Frechas, e fogo que são senão guerra?
D'onde, senão dos olhos lança a chama?
Não embebe tanta agoa a grossa terra,
Nem tanto a loura espiga a fouce chama,
Que eu mais agoa dos olhos não derrame,
E que mais polo Amor em vão não chame.

SYLVANO.

Se tu ó Celia aqui chegasses hora,
Logo eu desses teus olhos esforçado
Mais feixes destes segarey num'hora
Dos que Falcino tem hoje segado.
Não venhas, Celia, ah, não sayas fóra.
Que arde o Sol muito, está o campo abrasado,
E inda o Sol arderá mais, em te vendo,
Que por te ver, se vay assi detendo.

FALCINO.

Se a minha Lilia aqui hora viesse,
Não arderia o Sol quanto agora arde,
Que eu sei que antes os rayos encolhesse
Mudando a sesta núa fresca tarde.
E que ant'ella a sua luz escurecesse,
Roga, Sylvano, ao Sol, que hum pouco a guarde.
Verás, se Lilia vem, a differença,
Verás quem em amar, e em segar vença.

SYLVANO.

Pus-me a olhar a menham como sahia
Alva, e rosada, e tam resplandecente
Eis que por outra parte aparecia
Celia, abrindo ao Mundo outro Oriente.
Em quanto hũa fermosura, e outra via,
Conheci a differença claramente.
Perdoay, disse, Estrellas radiosas,
Inda as cousas mortaes são mais fermosas.

FALCINO.

Fugio-me Alma, já o sey, pera a fermosa
Lilia, ali a acolheita tem segura.
Que fizera se branda, e se amorosa
Lilia lhe fora assi, como lhe he dura?
Ou se a não avisára que enganosa
De Lilia era aquella fermosura?
Ila-hey buscar, e hey medo que fiquemos
Lá ambos. Dize, Amor, que aqui faremos?

SYLVANO.

Quem seu trigo semea em terra boa
Recolhe sempre o desejado fruito,
Quando Abril sua agoa branda coa,
E quando Mayo vem ventoso, e enxuto.

Não venha o máo Soão [1], que a espiga moa,
Nem muito frio o Sol, nem quente muito.
Assi a Amor tambem seus tempos vem,
E quem seus tempos lhe erra, não o tem.

FALCINO.

Eu semeey, Sylvano, em hora escura
Em parte, onde não chove, nem orvalha.
Enganou-me da terra a fermosura,
Nem semente colhi, nem grão, nem palha.
A Aristo nasce o trigo em pedra dura,
Que parece que ao vento o lança, e espalha.
Assi co Amor mais a ventura val,
O mal paga co bem, o bem co mal.

SYLVANO.

Lilia fala, Amor está falando.
Lilia ri, Amor tambem está rindo.
Lilia chora, Amor está chorando.
Lilia abre os olhos, está-os Amor abrindo.
Lilia canta, Amor está cantando.
Lilia vay-se, vay-se o Amor indo :
Nisto só desconformam : Lilia he dura;
O Amor dizem que todo he brandura.

[1] Vento de léste, muito calmoso.

FALCINO.

Nos cabellos de Celia o Amor se tece,
Nos seus olhos Amor seu fogo accende.
Amor na boca, e testa resplandece,
N'alva, e rosada face Amor se estende.
Amor nos brancos peitos lhe adormece.
Em tudo nella Amor se vê, e entende.
Mil amores consigo Celia traz.
Quem Celia ouvindo, ou vendo terá paz?

SYLVANO.

A Ceres he devida a sementeira.
As Rosas ao Verão : a Flora as flores :
A Bacho a vide : a Pallas a Oliveira.
A Abril o verde prado : a Mayo as cores.
A Lilia a fermosura verdadeira.
A Lilia as graças, a Lilia os Amores.
Os sospiros, e as lagrymas em sorte
A Amor coubérão : e a mim, por Lilia, a morte.

FALCINO.

O Sol o Inverno, o Sol o Verão traz,
O mesmo Sol noite, o Sol o dia.
Assi Amor faz guerra, Amor faz paz :
O mesmo Amor tristeza, e prazer cria.

O Sol a calma, o Sol a chuva faz,
O mesmo Sol a terra aquenta, e esfria :
Assi agoa co fogo ajunta Amor,
E lagrymas mistura, riso, e dor.

SYLVANO.

Se lagrymas não foram, todo ardêra,
E se não fora o fogo, todo em agoa
Por ti, ó Lilia, já me desfizera,
Assi por ti sou Lilia viva fragoa.
S'Amor a hum contrario outro não déra,
Quem tanto ardor sofrêra? quem tanta agoa?
Assi co agoa, e co fogo sou mais forte,
Assi passo por ti dobrada morte.

FALCINO.

Tu passas, ó Cygarra, a sésta ardente
Cantando á sombra dessas verdes ramas.
A noite fria dormes docemente :
Não te queixas d'Amor, nem seu bem amas.
Vives cantando; e como quem não sente,
Cantando morres, e tua morte chamas.
O ditosa Cygarra, se tu amasses,
Eu sey que nem dormisses, nem cantasses.

SYLVANO.

Quando mostrar-te quero o pensamento,
Lilia, que n'alma escondo, e o que queria;

As palavras se vão da boca em vento,
E de hum mortal suor a alma se esfria.
Arço[1] por ti, e em vão mostrá-lo tento.
Mas bem to mostra a minha covardia.
Se me calo, os meus fogos são mais fortes,
Assi mouro[2] por ti, Lilia, duas mortes.

FALCINO.

Pastores, buscaes fogo? vinde aqui,
Que mais fogo quereis, que o que staes vendo?
Fogo sou, desque a branda Celia vi :
E tudo quanto toco em fogo acendo.
Acendey vossas iscas, e fugi :
Não vos chegueis a mim, que ireis ardendo.
Arderá, se o tocar, o bosque logo.
Fugi, que quanto vejo, he calma, e fogo.

SYLVANO.

Falcino, a voz, e a fouce te enfraquece.
A ordem de segar levas errada.
A espiga, que ante os pés se te offerece
Deixas, e segas a que está arredada.
A mão te treme : o rosto amarelece.
Hum rego mal segaste, do outro nada.
Vay-te á sombra, Falcino, vay-te ao rio.
Que eu segarey cantando ao Sol, e ó[3] frio,

[1] Ardo.
[2] Morro.
[3] Ao.

FALCINO.

Bem pódes tu vencer na fouce, e braço,
Mas serás no amor de mim vencido.
Esses erros, Sylvano, eu não os faço,
Que não trago na fouce o meu sentido.
Mas tu, a quem Amor dá tanto espaço,
Não tens jornal tam grande merecido.
S'eu hoje Lilia víra, eu só segára,
Sem descansar, outra mayor seára.

Erguey-vos já, ó fracos segadores,
Que jazeis atégora á sombra fria.
Vinde ver como segam os amores
Na mór força da calma ao meo dia.
O doce Amor! quem sofre teus ardores,
Como do Sol o ardor não sofreria?
Amay, amigos, ser-vos-ha proveito.
Tereis o corpo ao Sol, e á neve affeito.

ANDROGEO.

EGLOGA XI.

Este ultimo favor só me concede
Rustica Musa, e dá-me hum novo canto,
Qual meu amor, a meu Androgeo pede.

A Androgeo meu, que eu amo, e me ama tanto
Meus versos dou : Filis fermosa os lea :
Filis de Androgeo abrande o fogo, e o pranto.

Léve ao mar clara, e doce sempre a vea
O Téjo, em quanto eu canto, e onda salgada
Não toque em sua dourada, e branca area.

Filis cruel, de Androgeo tam cantada.
Filis cruel, de Androgeo viva morte,
Té quando queres ser em vão chamada?

Amor nesses teus olhos se fez forte.
No brando peito teu pôs sua dureza :
Qual póde ser do triste Androgeo a sorte?

Em outro Mundo, em outra natureza
Vives, outro Ceo vês, outras Estrellas,
S'essa ingratidão chamas fortaleza

Olha, Filis fermosa, as Nimphas bellas,
Que não desprezam sempre os seus Pastores,
Que lhes tecem, e lhes dão frescas capellas.

Porque cria Abril hervas, Mayo flores,
Porque correm, ó Filis, agoas claras,
Se tu tens por vãos sonhos bons amores?

Tu desprezas Amor, tu desamparas
Assi, cruel, quem te ama? ah Filis dura!
Quanto outra foras, se tu em vão amáras!

Não basta ó Filis essa fermosura?
Não desses olhos teus o rayo claro?
Não dessa neve à tam rara brancura?

Inda a quem te vê queres que mais caro
Custe sua morte? e porque o desesperes
Que em ti, nem no Amor mesmo ache emparo[1]?

[1] Amparo dizemos hoje, seguindo a etymologia latina.

Filis, ou tu com as frechas do Amor feres,
Ou fere o Amor cos teus olhos fermosos.
Porque inda mais dureza ajuntar queres?

Ah movam-te, cruel, os saudosos
Gritos, ah movam-te os suspiros tristes,
Que não ousam mostrar-se inda queixosos.

Dizey montes, e valles o que ouvistes :
(Inda o som doce pelos ares voa)
Dizey qual aqui o triste Androgeo vistes.

Teu nome, que tam alto ao longe soa
Na doce voz de Androgeo, e doce cana[1],
Por quem tua fermosura se pregoa,

Teu raro sprito alçado em mais que humana
Voz, que amor cria, e espanto em toda parte,
Porque a quem tambem o canta tanto dana?

Filis, do meu Androgeo a melhor parte
Me tens roubado, e tu desconhecida
Vences inda em dureza o bravo Marte.

S'algũ'hora acertou de ser ouvida
De ti sua voz tam branda, ou se algũ'hora
Viste do mortal rosto a cor perdida.

[1] Flauta.

Verias bem, ó Filis, que não chora
A sua morte Androgeo, pois que te ama,
Mas a dor de deixar de ver-te hũ'hora.

Ditosa a morte, por ti, Filis, chama,
Os Pastores lhe chamam desditoso.
Filis cruel! que tal amor desama.

Vem o agreste Pan triste, e choroso
As frontes de pampilhos[1] coroado,
Androgeo, de quem andas, diz, queixoso?

De ti te queixa só, ou do teu fado.
Amor essas tuas lagrymas não sente,
Que nos olhos de Filis vês armado.

Nem lagrymas a Amor, nem a corrente
Ribeira farta o prado, nem á Abelha
O alecrim, nem Sol, e agoa á semente.

Vem outro, chora; vem outro, aconselha.
E tu, Androgeo, estás em teu perigo,
Qual ante o Lobo a paciente Ovelha.

Veo Venus, sorrindo-se consigo,
O riso he falso, esconde a dor no peito.
Androgeo, diz, consola-te comigo.

[1] Herva vulgar, especie de parietaria.

A quem devia Amor ser mais sogeito
Androgeo, que á mãy sua? pois tu sabes
Quanto mal o seu arco me tem feito.

Bem he que com tuas Musas não te gabes
Que resististe a Amor, a quem devendo
Ficas, que em tal amor, Androgeo, acabes.

A Venus o Pastor olhos erguendo :
Mãy cruel, diz, de filho tam cruel,
Quam léda estás a minha morte vendo!

Nem pera si a Abelha faz o mel.
Nem pera si a Ovelha sua lam cria,
Nem pera si Amor he amor, mas fel.

Mas pois est'alma a Filis se devia,
Filis a guarde : Filis em si a tenha,
Que essa he na morte a só minha alegria.

Venham aqui Pastores sempre, venha
O meu Alcippo; a fermosura cantem
De Filis, porque a vida inda sostenha.

E cortem versos, que soem, e espantem
Quantos despois vierem, vendo a crua
Morte de Androgeo, e quem os lêr, encantem.

Filis, eu morrerei : será essa tua
Vontade feita, verá o que deseja.
Se mal o Amor me mata, a culpa he sua.

A todos encuberta, e que se veja
Do triste Androgeo a triste sepultura
Nesta terra, que pisas, Filis, seja.

Filis, tu a pisas, não me será dura.

NATAL.

EGLOGA XII.

AO DUQUE D'AVEIRO D. JOÃO[1].

Se Pastores de Deos foram ouvidos,
De quem poderão já ser desprezados,
Clarissimo Senhor? bem recebidos
Sejam estes de ti, de quem cantados
Teus feitos virám ser, que engrandecidos
Deixarão nossos tempos, se seus fados
Chegarem a tanto bem, tu lhes darás
Novo sprito, voz nova, em que soarás.

A Deos cantam seus versos em memoria
Da honra, que hoje lhes fez; honram seu dia :

[1] Filho de D. Jorge, duque de Coinbra, e neto (por bastardia) d'el-rei D. João II.

Ditoso dia, em que se vio a gloria
Dos Ceos na terra, e em ambos alegria.
Devia-se outro verso a tal historia.
Mas quem igual no Mundo lho daria?
Não bastarám cantar Poetas mil.
E Deos ouve hoje a frauta pastoril.

JOÃO, SERRANO, CASTILIO.

Pastores, a quem hoje o grã MININO
Deos, e Homem, JESU se descobrio,
Cantay com novo sprito, e som divino.

Em vós, ó felicissimos, se vio
Quam baixas são a Deos as cousas altas,
Quam alta a humildade, e onde a subio.

Senhor, que por perdão de nossas faltas
Deceste hoje dos Ceos, e a baixa terra
Sobre todos os Ceos pões, e exaltas,

Senhor, que por só paz de nossa guerra
Vens alegre morrer; amor, e paz
Nos inspira, e perdoa ao Mundo, que erra.

Cantay, Pastores, cujo canto apraz
Aquelle grã MININO eterno, e sancto,
Que hoje em presepe entre dous brutos jaz.

Tu Castilio primeiro, siga o canto
Serrano. Eya Pastores, começay;
Cantay a Deos tal gloria, ao Mundo espanto.

CASTILIO.

Vem, grã MININO, Deos, e Homem say
Nova, e divina luz alumiar
O cégo Mundo, que perdido vay.

SERRANO.

Vem Cordeiro de Deos, vem-nos lavar
Com teu sangue innocente, e os máos enganos
Do falso Mundo vem desenganar.

CASTILIO.

Vem profecia já de tantos annos,
Esperança de justos, que te crêram
Sem te ver, a curalos de seus danos.

SERRANO.

Ditosas almas, que te conhecêram.
Ditosas bocas, que de ti faláram.
Ditosos livros, que de ti se enchêram.

CASTILIO.

Ditosos são : mas mais os que adoráram
Hum MININO por Deos, só, nu, chorando,
Que entre animaes em palha envolto acháram.

SERRANO.

O sanctas mãos aquellas, que tocando
Estão a Deos! ó claros olhos sanctos,
Que em taes trévas, tal luz estão olhando.

CASTILIO.

Aja nos altos Ceos, na terra cantos
De gloria, e paz; alegra-te ó Inferno,
Não aja agora em ti dores, nem prantos.

SERRANO.

Já se mostrou ao Mundo o VERBO ETERNO
Filho de Deos, já nos nasceo, já chora
MININO descuberto ao frio Inverno.

CASTILIO.

Não em leito real nasceo, não mora
Em paços de soberba, e de vam gloria,
Em feno jaz, ali o bruto o adora.

SERRANO.

O gloriosa nova, ó alta historia!
Ditoso o tempo, em que á terra o Ceo veo,
E ditosos os que honram tal memoria.

CASTILIO.

Este a terra fundou, e pôs no meo
Dos Ceos, criou o Sol, a Lua, e Estrellas,
Este he, de quem o Mundo todo he cheo.

SERRANO.

Este o homem formou de nada, e as bellas
Cousas todas, que vemos, sogeitou
A seus pés, como proprio Senhor dellas.

CASTILIO.

Por elle reinam Reys, elle criou
A mesma Mãy, que o cria; ó maravilha
Grande! era virgem, virgem, e mãy ficou.

SERRANO.

O MARIA ditosa, mãy, e filha
De Deos, esposa, e serva, hoje pariste
Deos teu pay, teu Senhor, que a ti se humilha.

CASTILIO.

O MARIA ditosa, pois já viste
O fruito do teu ventre promettido,
O que Eva nos tirou, restituiste.

SERRANO.

Onde quer que teu nome for ouvido,
Tudo se alegre, todos lédos cantem.
Seja nos Ceos, e terra engrandecido.

CASTILIO.

Teus segredos se cream, inda que espantem
A quem os não entende, Deos os faz,
A Deos por ti as almas se levantem.

SERRANO.

Mor milagre, mor prova hi, onde jaz,
Faz teu filho, e de Deos, que se pomposo
Viera, ali Pastores, e Reys traz.

CASTILIO.

Rey, que sentado estás no precioso
Estrado d'ouro, e prata, olha a pobreza
Do teu Rey, do teu Deos tam poderoso.

SERRANO.

Hoje se desprezou tua riqueza.
Hoje só se abateo teu alto estado.
Todo Mundo ante Deos he grã baixeza.

CASTILIO.

Quem vio hoje hum pastor tam levantado,
Que vê, e fala com Deos, porque confia
No que tanto dos Ceos foy desprezado?

SERRANO.

O rico estado aquelle, em que se fia
Seguramente hũa alma! aquelle he Rey
Que livre bebe o leite, e agoa fria.

CASTILIO.

Só alto, só ditoso chamarey
Quem desprezando a baixa, e pobre terra;
Aos Ceos seus olhos ergue, este honrarey.

SERRANO.

O Pastores ditosos, que da guerra
Do Mundo estaes tam livres, e dormis
Seguramente em valle, em campo, em serra.

CASTILIO.

O Pastores ditosos, que fugis
Da fortuna, de imigos, e seguros
Pisando esta herva verde aos Ceos vos is.

SERRANO.

Em choupanas vivey, os altos muros
Deixay a quem se teme : Deos vos ama,
Dá-vos fruitos gostosos, sãos, maduros.

CASTILIO.

Hoje quis Deos tomar a vossa cama
De palha, e feno : dormi meus Pastores
Seguros nella, a vós primeiro chama.

SERRANO.

Ajuntay-vos aqui vós Lavradores,
Que a terra revolveis co arado duro,
Chamay-vos hoje Reys, e Emperadores.

CASTILIO.

O rico desprezay, se o peito puro
Não tem, se mais seu ouro, que a Deos ve.
Humilde he vosso estado, mas seguro.

SERRANO.

Os que hi por Deos te adoram, Deos lhes dê,
MININO, grossos campos, bons pascigos,
Sequem-se á gente má, que te não crê.

CASTILIO.

Aos teus Pastores entre sy amigos
Corram as agoas claras, corram rios
De puro leite, sequem-se ós imigos.

SERRANO.

Pastores Christãos sois, não sois gentios,
Filhos de Deos, irmãos de Deos, poupay
Vosso sangue, de que já andais vazios.

CASTILIO.

Pastores, que chamais ao grã Deos pay,
Hoje irmão se vos fez, paz, e irmandade
Vos trouxe, e vos deixou, tal dom guarday.

SERRANO.

Torne este nosso tempo áquella idade,
Que tudo era sam paz, e puro Amor,
Sem meu, sem teu, sem muros, sem Cidade.

CASTILIO.

Tu, nosso bom João, merecedor
Eras daquelle tempo, e de outro estado.
Digno tambem de ti, tempo melhor.

SERRANO.

Tu, nosso bom João, serás alçado
Onde o sprito te leva, que conhece
O bem do campo, e foge o povoado.

JOÃO.

Amigos meus, tal canto não merece
Meu nome; a Deos cantay, e assi cantando
Vamos, em quanto o Sol desaparece.

Olhay como esta voz, que imos soltando
He doce, e alegre! olhay como responde
Tam clara a este verso Eccho, e o vai entoando!

Novos versos cantay, novos componde.
Temperay vossas Cannas[1] docemente.
Deos vo-las ouve, a Deos nada se esconde.

Gloria nos Ceos lhe seja, e Paz á gente.

[1] Flautas.

EPITHALAMIO

AO CASAMENTO

DA SENHORA D. MARIA, COM O SENHOR ALEXANDRE FARNES

PRINCIPE DE PARMA[1].

Estava Amor seu arco guarnecendo,
Em novo fogo as sétas temperando,
Cercado dos Amores, huns tecendo
A corda, outros a aljaba cruel dourando.
Pelos florídos prados vão colhendo
Outros mil flores, só de Amor cantando,
Mil flores, que todo anno ali florecem,
Das quaes ó filho, e á mãy capellas tecem.

Nunca vistas no Mundo, nem cheiradas
As flores são, que Amor pera si cria,
D'hũas o liquor faz, em que apuradas
As sétas ficam, quando as elle afia :

[1] Foi um dos mais famosos capitães do XVI° seculo, que muito se assignalou em Lepanto, sob o commando de D. João d'Austria.

D'hũas o liquor frio, em que banhadas
As outras são, quando as do fogo esfria,
Em todas cruel, em todas espantoso.
Inda mais nas segundas temeroso.

Ardem duas forjas; duas bigornas batem
Não os feos ministros de Vulcano,
Hũs fermosos Amores, que debatem
Sobre quem fará mais ao Mundo dano.
Ali os tiros, com que se combatem
Os duros peitos, ali a arte, e engano,
Ali os desejos, e temores suam,
Hũs corações abrandam, outros encruam.

Tempéra hũa agoa o chumbo, outra agoa o ouro,
Escolhe Amor dos tiros quaes lhe-aprazem.
Aqui está o seu poder, e seu thesouro,
Aqui os vencidos seus despojos trazem.
Hũs coroados vem de Myrtho, e Louro,
Outros miseramente mortos jazem.
Segundo a cada hum lhe coube em sorte
Assi ou vive em gloria, ou vive em morte.

Entrou a mãy : e vendo assi occupado
O filho em novas sétas, novo fogo,
Despois de o beijar, tendo-o abraçado,
Porque es, meu filho (diz) duro a meu rogo?
Té quando sofrerás tam desprezado
Andar teu nome, e eu trazida em jogo?

Pera quem tomas arco, ou a quem te armas,
S'ós teus mores imigos dás as armas?

Não ves qu'hũa MARIA [1] mais que humana
S'estima? e quebra as setas, que apontaste?
Outra Pallas ao Mundo, outra Diana,
Que nunca a amor nenhum a sogigaste?
Ou tu mesmo a temeste, ou se ella engana
Co favor, que tégora lhe mostraste;
Assi soberba vive em meu despeito,
E só Diana, e Pallas traz no peito.

Eu digo das duas filhas a primeira
Do Iffante [2] clarissimo excellente
Da clara mãy imagem verdadeira
Neta do Rey primeiro do Oriente.
Porque não farás tu que tambem queira
Acrescentar a luz resplandecente,
Com que o Mundo se faz mais rico, e claro
Co fruito de tal tronco ao Mundo raro?

Tambem te defendiam CATHERINA
Clarissima Princeza as castas Musas;
Em cujo choro d'alto assento dina
De Minerva te dava mil escusas:
Venceste em fim aquell'alma peregrina
Com a força, de que tu, se queres, usas,

[1] Filha d'el-rei D. Manoel.
[2] Infante.

Já ao seu sangue o seu amor juntaste,
E daquelle alto sprito triumphaste.

Porque consentirás que assi te offenda
Soberbamente a Irmam? meu filho estende
Pelo Mundo teu mando, não se entenda
Que quando alguem quizer se te defende.
Porque tal falta em ti se não comprenda,
Afia a séta, hum novo fogo acende:
Hum novo fogo, que aquella alma inflame,
E quanto ella he d'amar, tanto, e mais ame.

Não negue ao Mundo hũa esperança certa
Que já concebem do alto ajuntamento,
Quando SEBASTIAM a porta aberta
Mostrar das altas obras alto intento [1].
Não só com ajuda da fortuna incerta,
Mas do grande DUARTE, e d'outros cento
Do Real sangue, e das Irmãs se espera
Descobrir ind'ao Mundo hũa nova sphera.

Que veja os altos Reys, e Emperadores
Seu claro sangue, tam ditosas plantas,
Que a terra encheram de seu fruito, e flores
D'altas victorias, e os Ceos d'almas santas.
E que seria o Mundo sem amores?
Donde tantos Heróes, e donde tantas

[1] Allusão ás planejadas conquistas d'el-rei D. Sebastião

Clarissimas Princezas nasceriam,
Quantas do Real tronco floreciam?

Assi Venus falou : se tardei tanto,
(Responde o filho) ó mãy, foi por ter pejo
D'inda não descobrir no Mundo quanto
Convem pera alta empreza, que eu desejo.
Sempre me fez temor, e fez espanto
Aquelle Real sprito, que inda vejo
Fóra da geral sorte, altivo, e puro,
Frio a meu fogo, ás minhas sétas dùro.

Mas já tenho buscado, já sei onde
Entregue seu amor devidamente.
Hum alto sprito achey, que bem responde
Em tudo ao seu, em nada differente.
Em quanto o Sol descobre, e a noite esconde,
D'hum polo ao outro, do Téjo ao Oriente,
Não póde aver de amor tal igualdade
S'eu de duas fizer hũa vontade.

Lá onde os rayos seus Apollo esfria,
E da sua fermosura mais reparte,
Hum fermoso, e Real Principe se cria,
Em quem juntos se vem Apollo, e Marte.
Seu alto estado tem na Lombardia [1].
D'Alemanha governa a melhor parte,

[1] O ducado de Parma, hoje annexado ao reino de Italia.

Do altissimo sangue dirivado
Do summo Imperio, e mór Pontificado.

CAROLO Quinto a Mãy, PAULO Terceiro
O pay, lhe dão por seus progenitores,
Dous Monarchas do Mundo, hum verdadeiro
Padre da Igreja, exemplo ós socessores.
Outro Maximo Cesar, derradeiro
Dos que bem pareceram Emperadores,
D'OCTAVIO herdeiro, a quem Parma, e Plazencia
Em Real trono dão obediencia.

Est'he o novo ALEXANDRE, Real planta,
E da casa Farnes alta esperança,
Qu'inda tem com MARIA parte tanta
Do seu sangue, que os pays, e avós alcança.
Deu ao Mundo DUARTE a Rainha santa
MARIA, e o nome á neta por herança,
Maria, e JOANA irmãs os Reys d'Hespanha
Nos deram, de Panonia, e d'Alemanha.

Filhos das duas Irmãs, Carlo, e Duarte :
Hum MARGARITA [1] deu, outro Maria.
Margarita Alexandre, assi se parte
O sangue entr'elles, e genealogia.
Assi no Mundo todo tem igual parte;
Ambos netos de Reys sobrinho, e tia,

[1] Margarida d'Austria, filha natural de Carlos V.

Ambos dos Reys d'Hespanha os mais chegados,
E d'outros Reynos, d'outros Principados.

Quando em moço as tres Graças o criavam,
Disseras elle hum ser destes Amores.
Sómente as leves pennas lhe faltavam;
Arco, e coldre trazia, e passadores.
Já com seu medo as aves não voavam,
Cansa os monteiros, cansa os caçadores,
Per bravas matas, pelos bosques altos
Voar faz o ginete, e dar mil saltos.

Igual ao teu Adonis o fermoso,
Quando, mãy, o seguias na montanha,
Hora derriba o Porco temeroso,
Hora do Lião vence a força, e manha.
Tal ALEXANDRE a todos espantoso
Já alegra Italia, e Austria, e Alemanha,
Sprito generoso invicto, e grande,
Que nem perigo, ou medo ha, que o abrande!

Viveo sempre téqui livre, e seguro,
Sem nunca conhecer meu senhorio.
Escolhi do meu coldre hum aço duro [1],
Inda o peito achey duro, e o achey frio.
Apontei outro de metal mais puro
Em nome de MARIA, e eis que hum rio

[1] Uma setta.

Já d'amorosas lagrimas derrama
Dos olhos, que não vem inda quem ama.

Espantado entre si da força nova,
Espantado do fogo, em que a alma ardia,
Hora já hum exercicio, hora outro prova
Por enganar, se pode , a fantesia.
Elle se engana, a chaga mais renova,
A chaga, que abrio o nome de MARIA.
MARIA chama, Maria, ah sospira.
E para onde o Sol dece, os olhos vira.

Quem fez huma ferida tam secreta
Neste meu peito? (diz o moço ardendo)
Em que esphera, em que Ceo, em que planeta
Está este fogo novo, em que me acendo?
Senti o golpe duro, não vi a seta.
Nunca amor entendi, agora o entendo.
Chegou-me a suavissima peçonha,
Em qu'alma vive morta, e esperta sonha.

Ditosa vida, Amor, ditosa morte,
Ditoso este meu fogo, e meu cuidado;
Mais ditoso meu fado, e minha sorte,
S'em ti me tinha tanto bem guardado.
Empresta-me essas asas, com que corte
Este ar, que me tem cá eclipsado
O meu dia, e meu Sol, que do Occidente'
Me abre hum novo, e lucido Oriente.

Ah triste! quanto mar se mete em meo!
Quanto Ceo entre mim, e o meu desejo!
Quanto mais cresce o amor, cresce o receo
De nunca ver hum bem, que eu mais desejo.
Porque arte poderia, ou porque meo,
Assi como arço cá por quem não vejo,
A meus olhos fazer caminho aberto,
Que de tam longe me posessem perto?

Nestas imaginações se consumia
Aquelle sprito, e todo em amor brando;
Nos retratos occupa noite, e dia,
Mas mais viva em sua alma a está pintando.
Tanto pode a alta fama de MARIA!
Tanto as Graças, e as Musas vão cantando
Dos doẽs, que nella o Ceo largo reparte,
Que eu cuido, que fui nisto a menos parte.

Ajuntar quero, Mãy, estes amores.
Tu ajuda tambem: assi o Ceo manda.
Cá os suspiros ouço, e sinto as dores
De quem tam longe lá a sua alma manda.
De Myrtho coroada, e de alvas flores
Venus o Ceo serena, o vento abranda.
Ambrosia os seus cabellos spiravam,
E quanto os olhos viam, namoravam.

Ajunta ao carro os brancos Cisnes logo,
As ondas de Neptuno vay cortando.

Ardem as agoas em amoroso fogo,
D'Amor brandas Sereas vão cantando.
Os Amores em riso, em festa, em jogo
As Nereydas de flores coroando,
Mandam que no mar façam nova estrada,
E as ondas amansem á tornada.

Chegára já a MARIA a clara fama
D'aquelle Real Principe devido
Em tudo a seu amor, inda o não ama,
Mas já seu nome he della bem ouvido.
Assi d'ambos a Estrella os leva, e chama
Ao bem, que a ambos lhes tem Deos prometido,
A branda Deosa, que ella não conhece,
O peito brandamente lhe amolece.

Quantas vezes aos olhos lho presenta!
E quantas vezes suas grandezas canta!
Hora por hũa via, hora outra a tenta,
E já a novos cuidados a levanta.
O pensamento engana, a alma contenta.
E ella do que em si vê se peja, e espanta.
E quando mais duvída, e mais se enlea,
Então Amor espia, então saltea.

Forjava em tanto hũa séta venenosa
Amor, e por sua mão lhe pôs a herva,
Tres vezes a banhou n'agoa amorosa,
Tres vezes por sua mão lhe pôs a herva.

Ali s'escondè a chãma deleitosa,
Que cria amor, do desamor preserva.
Todo inflãmado em fogo se arma, e voa,
Ardendo fica o ar, e o coldre [1] soa.

Clarissima MARIA, olha que se arma
O Amor contra ti, a ti vay voando :
Alexandre, Alexandre, Parma, Parma
Os Amores com elle vão gritando.
Aqui não ha defensa, aqui não ha arma,
Obedece a quem vay já triumphando
Desse teu puro peito tam benigno
De que ALEXANDRE só pode ser digno.

Pôs toda a força Amor no arco, e tiro :
Soou o golpe, e ao desarmar o estalo,
Elle ouvio hum brandissimo sospiro,
Que declarou o mais, que eu hora calo.
Venceo, e retirou-se : e eu me retiro,
Que não sey o que escrevo, nem que falo.
Diga-o Amor, que a tudo foy presente,
E diga-o quem o encobre, e quem o sente.

Vem o Hyminêo nũa mão a facha acesa,
N'outra o annel do sancto ajuntamento.
Vergonhosa, e contente está a Princeza,
Contente, e honesta dá o consentimento.

[1] Aljava seria mais apropriado.

Eila em nova prisão, mas doce presa,
Vê-se em seu rosto seu contentamento.
E então mais resplandece a fermosura,
Que tam longe acendeo hũa chãma pura.

Batendo vay as asas a Alegria
A Real casa de prazer enchendo.
Naquella grã Cidade não cabia
O alvoroço do bem que estam vendo.
Viva ALEXANDRE, diz, viva MARIA,
Assi do Téjo ao Nilo vay correndo.
Recebe todo o Mundo a alegre nova,
Alegre o Mundo o louva, o Ceo o aprova.

Festeja o grande Rey sua tam amada
Tia, e mostra de amor aberto o peito;
D'altissima Raynha acompanhada,
Que por filha a estima em seu conceito.
Por quem podia ser feita, e tratada
Obra tam santa, tam illustre feito,
Senão por ti HENRIQUE [1] Iffante santo
Honra, e ornamento do purpureo Manto?

Vem as Nimphas do Téjo tomar parte
Da alegre festa, e suas danças guiam.
Com sua fermosura, graça, e arte
Venus, Graças, e Amores desafiam.

[1] O cardeal D. Henrique, que subio ao throno de Portugal depois da desastrosa morte de D. Sebastião.

As Nimphas favorece o grã DUARTE.
E as Nimphas parecia que venciam;
Nascem bandos de Amor, e do seu fogo,
Mas todos são de amor, de festa, e jogo.

Ali os dous clarissimos Senhores
Luz, e esperança á casa Real d'Aveiro,
Levam d'alegre festa mil louvores
Por juizo das Nimphas verdadeiro.
Ali amores se trocam por amores.
Diga-o Amor, que estava no terreiro,
Quantos fogos ali então se esfriáram,
E quantos outros novos se criáram.

Neste geral prazer já vejo mágoas
Já mil lagrymas vejo saudosas.
Eis que cortando vem salgadas agoas
Armada fróta, vélas amorosas.
Ardem d'huma parte, e d'outra em vivas frágoas
Duas almas, huma d'outra, desejosas.
Triste de quem sua alma parte, e arranca,
E dos olhos as fontes não estanca!

Clarissima ISABEL, Princesa santa,
De divinas virtudes raro exemplo,
Ditosa mãy de tam ditosa planta,
A quem a antiga Roma erguêra hum templo:
Quanta alegria, e saudade quanta
Igualmente hora em ti juntas contemplo!

Mas alegra-te mais, pois que já viste,
E inda verás mais bens, que os Ceos pediste.

Venus com aquella alegre companhia
Já prestes tem o seu carro fermoso,
Consigo em seu assento poem MARIA
Saudosa da mãy a leva ao esposo.
Ao Rey, á mãy, á patria se devia
Aquelle sentimento piadoso.
Mas entre tanto os Cisnes vão nadando,
E as lagrymas o Amor vay enxugando.

Sae sobre agoa Neptuno, honra, e obedece
A neta do grã Rey, que o mar abrindo
Lhe mostrou novo Mundo, e lhe offerece
Manso todo seu reyno, e a vay seguindo.
De dia o Sol, de noite resplandece
A clara Lua, a noite descobrindo,
Quantos MARIA vem, se alegram, e espantam
Nereydas, e Tritões; e assi lhe cantam.

NEREYDAS.

Amor, e que cousa ha tam féra, ou crua,
Que a filha á mãy arranques do seu seo,
E faças que já mais não seja sua,
E assi a entregues em poder alheo?
Como es Amor, s'esta crueza he tua?
Que mais faz o inimigo de ira cheo

Na entrada Cidade a saco dada?
Boa estrella te leve, hora dourada.

TRITÕES.

Amor, e que cousa ha mais piadosa?
Que o puro amor, com outro puro pagas,
E o doce fogo da chamma amorosa
Com outro fogo, e doce chamma apagas;
E que força he que a esposa vergonhosa
A mãy a tomes, e ao esposo a tragas?
Que mor bem ha, que hũa hora desejada?
Boa estrella te leve, hora dourada.

NEREYDAS.

Como o lyrio fermoso no cerrado
Horto, co brando Sol, co orvalho crece,
Nunca o gado o tocou, Pastor, arado,
Sombra, ou geada, ou vento não lhe empece.
Das moças he, e dos moços desejado,
Mas se o mão toca, séca, ou s'emmurchece.
Tal he a Dama antes que he casada.
Boa estrella te leve, hora dourada.

TRITÕES.

Como a Vide, que só nasce em deserto
Nunca já s'ergue, nunca fruito cria,

Cortada cáe do frio, e Ceo aberto,
Nem Lavrador a lavra, nem queria.
Mas se for junta a Ulmo, que está perto
Já o Lavrador a quer, já a lavraria.
Tal he a Dama, despois que he casada.
Boa estrella te leve, hora dourada.

NEREYDAS.

Leve o esposo a esposa promettida.
Quem lha póde negar? quem tal consente?
Quem pode, a prometteo; he-lhe devida
A filha á mãy, e Amor obediente.
Ajuntem-se duas almas nũa vida,
Este o principio foy da humana gente.
A cada hum sua estrella está guardada.
Boa estrella te leve, hora dourada.

TRITÕES.

Vivey Principes altos, cedo vejam
Os olhos, que vos amam, o que esperam.
Day Principes ao Mundo, que o bem rejam,
Quaes já vossos avôs, e pays lhe déram.
Outros Manueis, e outros Carlos sejam,
Honra do Mundo, quaes aquelles eram.
Será de vós sua alta estrella herdada.
Boa estrella vos leve, hora dourada.

Lá te levam, Senhora, forças grandes.
Não valem contra Amor nenhuns reparos.
Mas móres foram as forças, que de Frandes [1]
Acendêram em ti fogos tam claros.
Sempre de ti alegres novas mandes.
Sempre conformes sede spritos raros,
Almas ditosas, almas bem trocadas
Em versos immortaes sejais cantadas.

[1] Provincia de Belgica.

HISTORIA

DE

SANTA COMBA[1] DOS VALLES.

A D. JORGE MARQUES

DE TORRES NOVAS,

E A D. PEDRO DINIS

SEU IRMÃO.

Do barbaro Tyranno os crueis amores,
A alta constancia da Pastora santa
Honra da serra, gloria dos Pastores
Humilde, e alegre minha Musa canta:
Altos Heróes, Reys, Emperadores,
Cuja soberba fama o Mundo espanta,
Confessem quanto menos he sua gloria,
Da que COMBA ganhou em tal victoria.

Vós castissimas Nimphas de Diana
De Louro, Palma, e flores coroadas,

[1] Ou Colomba, virtuosa pastora das margens do Tamega.

Em quanto de Hyppocrene a fonte mana,
E de Comba as victorias são cantadas,
(Não vos invoco a fabula profana)
Cõ as Musas em choréas concertadas
Cantay comigo : e day-me hũa voz, que soe
Por todo Mundo, onde COLOMBA voe.

Clarissimos Senhores, verdadeiro
Ramo do Real tronco, e lume novo
Dessa casa illustrissima d'Aveiro
Irmaõs iguaes áquelles de hum mesmo Ovo :
Qu'inda estrellas sereis no derradeiro
Ceo Impirio [1] : a quem de amor me movo,
Posto que indigno de chegar a tanto,
Offerecer meu baixo, e humilde canto.

Quando hũa hora virá, que algũa parte
Do muito, que de vós o Mundo espera,
(Que a tudo nenhum ingenho basta, ou arte)
Cante, que se ouça desta á outra sphera.
Quando vos coroará sua mão Marte,
E que eu de Phebo coroado de Hera
Faça que mais que em ouro, marmor, cedro
Vivam o grande JORGE, e o grande PEDRO.

Ouvi da Virgem sancta o claro feito,
Vede d'Amor os tiros desprezados,

[1] Ou Empyrio.

Sua aljaba quebrada, arco desfeito,
Seus temerosos fogos apagados.
D'hum brando, virginal, pastoril peito
Foram dous máos Tyrannos triumphados,
Hum Cupido perverso, outro hum Rey Mouro
Que seu intento punha em força, e em ouro.

Não tem forças Amor, que nós lhas damos.
Temer-se faz de nossa covardia,
Nós do seu fogo, e sétas o armamos,
Nós lhe damos do Mundo a Monarchia.
Ah quam mal a vontade cativamos
A quem de si não tem força, e valia!
S'a experiencia pôde fazer próva,
Nem derradeira esta he, nem será nova.

No tempo, que a infiel barbara gente
Da misera Hespanha occupava a terra,
E o sangue derramava cruelmente
Dos poucos, que escapáram da impia guerra,
Hũa moça bellissima, e innocente
Passava a vida na mais alta serra,
Que entre Tamaga [1], e Tua [2] hojo parece,
Onde o Sol, em nascendo, resplandece.

Em brava fraga, e penedia dura
Andava a moça o gado pastorando,

[1] Rio de Portugal, na provincia de Tras-os-Montes.
[2] Outro rio no mesmo reino e provincia.

Nada do Mundo sabe, e nada cura,
Aos Ceos o sprito, e olhos levantando.
Maior que humana he sua fermosura
Que os Tygres, e Lioẽs vay amansando;
E para onde quer que olha o Tojo, e Cardo
Em flores se convertem, em Lyrio, e Nardo.

Em seus olhos se via hũa gravidade,
Que até as Féras movia a acatamento,
E no fermoso rosto hũa magestade,
Que indicio dava d'alto nascimento.
Cabellos douro, na florida idade,
Nem Sol a queima, nem a corta o vento,
Prudencia de Serpente; e o dom da Pomba
Lhe deu entre todos nome de COLOMBA.

Nem tal Diana foy, nem tal Minerva,
Nem tal pareceo Venus a fermosa.
Ond'ella quer, ali a fresca herva
Nasce, e hũa fonte clara, e graciosa.
Qual na montanha a fugitiva Cerva
Dos crueis caçadores temerosa
A cada sombra, a cada vento treme,
Tal a Pastora o Mundo foge, e teme.

Quantos cuidados vãos, quantas vãs dores,
A que sempre mostrou surdos ouvidos,
Criava entre Pastoras, e Pastores
De ciumes, d'inveja, e amor nascidos!

Chea era a serra de competidores,
Cheo todo ar de queixas, e gemidos,
Cheo das frautas, que só COMBA soam.
Ouve-as o vento, e assi co vento voam.

Ah qu'outro pensamento, outro cuidado,
Outros amores guarda COMBA n'alma.
I[1], Pastores, curar do vosso gado,
Fugi da noite o frio, e do Sol a calma.
Outrem lhe tem o seu amor roubado.
Que hũa coroa lhe dará de palma,
Sois rusticos, sois baixos, sois indinos
D'olhados serdes d'olhos tam divinos.

Não se temia a moça das requestas[2]
Vãs dos pastores, que passava em graça.
Via seus baylos[3], via suas festas,
Mas nada qu'em seu peito assento faça.
Temia mais os montes, e as florestas,
Onde o Rey Mouro sempre andava á caça,
Que só sem sua vista, da sua fama
Por ella ardia em amorosa chama.

Conta-se que reynava hum grã Rey Mouro
Entre Tamaga, e Tua, e que occupava
Toda a terra de Lamas, rico d'ouro
Rico do grosso gado, que criava.

[1] I por ide.
[2] Supplicas, instancias.
[3] Bailes.

Em cada serra tinha hum grã thesouro
Junto do muito, que ós Christãos roubava,
Eram os lavradores seus cativos,
Só por este Tyranno os deixar vivos.

Foy o cruel pagão, e monstruoso
(Segundo aquellas gentes fama dão)
Grande, membrudo, e como usso velloso [1],
E hũa orelha d'Asno, outra de Cão.
A todos feo, a todos espantoso,
Chamado era de todos Orelhão.
Pode com tudo Amor por sua brandura
Naquella féra monstruosa, e dura.

O que de gado tinha, e de riqueza
Mandára prometter à Virgem santa,
Que Raynha a fará, e em grand'alteza
A porá, qual nunca outra teve tanta.
Tanto mais cresce a ira, e a pureza
No peito constantissimo, e o levanta
Mais firme ao Ceo, temendo em toda a parte
Que ou por força lha levem, ou por arte.

Chora a Pastora, chora seu perigo :
Mal passa a noite, pior passa o dia.
Não sabe onde terá seguro abrigo,
Mais que o seu gado, sobre si vigia.

[1] Urso coberto de pello

A cada tronco, ou pedra vê o imigo.
Das sombras, e dos ventos se temia.
Não que temor da morte a tente, ou torça,
Mas porque teme do Tyranno a força.

No mais alto da serra, no mais duro
D'hum moço seu Irmão acompanhada
Fazendo da montanha forte muro,
Toda anda em seus amores enlevada.
Levay-me, meu esposo, deste escuro
Bosque (cantava) ond'ando salteada.
Chamay a vossa esposa, que vos ama,
Por vós suspira, a vós só chora, e chama.

Ay amor meu, ay saudade minha,
O minha desejada fermosura!
Se pera vos eu ver, Senhor, convinha
Passar perseguição tam forte, e dura:
Inda me sosterá, quem me sostinha:
Vosso amor só me esforça, e me assegura.
Doce por Vós me he a aspereza, e a serra,
Té que me deis victoria desta guerra.

Qu'hymnos vos cantarey, ou que louvores
Novos, meu alto esposo, e meu Senhor,
Que hũa moça criada entre pastores
Quisestes cativar ao vosso amor?
Ah dita minha grande! ah meus amores,
Promettido vos tenho fruito, e flor;

Não sou minha, meu Deos, toda sou vossa.
Fazey que pera vós guardar-me possa.

Isto COMBA cantava; o Irmão tangia.
Em ambos hũa alma ha, pura, e singella.
Hora hum começa, hora outro respondia :
Divinas vozes eram delle, e della.
Ditoso gado, que a tal som pascia!
Ditosos olhos, que podéram vella!
Lionardo as mais das vezes guia o gado.
Ella enlevada fica em seu cuidado.

Cresce em tanto o fogo, em que o Mouro arde
Quanto mais se vê della desprezado.
Não ha passo, nem fonte, que não guarde,
Noite, e dia vigia, e anda emboscado.
Hum só momento lhe parece tarde
De a ter consigo, ou de se ver vingado;
Que tal o seu desejo, e seu amor era,
Qual entrar pode em hũa besta fera.

Cansado de cercar o valle, e o monte,
Em fogo igual d'amor, e d'ira ardendo,
Ao longo da clara agoa, que de hũa fonte
Por entre altos penedos vay rompendo,
Apeou-se; e lavando mãos, e fronte,
De cá, e de lá o corpo revolvendo,
Contra si, contra Amor, contr'os Ceos se ira,
Hora COMBA ameaça, hora a sospira.

Ah Pastora cruel! (diz) quem cuidára
Que tanto em mim podesse cousa algũa,
Que por força, ou por manha me escapára,
De quanto cá se vê abaixo da Lua?
Inda nos Ceos, inda no Inferno entrára,
Que não ha contra mim força nenhũa.
E tu me foges só? tu te me escondes?
Não m'ouves? nem me vês? nem me respondes?

Mostra-me hũ'hora esse fermoso rosto,
E veja eu, o que vem serras, e montes.
Não quero, ou peço mais que este só gosto,
Nem de t'eu ver ha, porque assi te afrontes.
Olha, Pastora, no que me tens posto.
O peito he hũa frágoa, os olhos fontes.
Isto te peço só, isto só desejo,
Que veja o fogo, em que arder me vejo.

Que dano temes só da minha vista?
Nunca a ninguem Reaes olhos empecem.
Não ves qu'em fim nada ha que me resista?
E não ves quantos ante mim estremecem?
Deixa-te, COMBA, deixa-te ser vista,
Poderey com estes fogos, que em mim crecem.
Mas se tanto arço só polo que ouvi,
Que será, triste, vendo o que não vi?

Se tu me vês, se, o que mais quero, m'amas,
Todas minhas riquezas e manadas

Serám teu dote, e estes campos de Lamas,
Ovelhas, que não podem ser contadas.
Mas s'inda mais desprezas minhas chamas,
Que tu acendeste, em ti serám apagadas.
Não poderás tu ser tam dura, ou forte
Que em ti não ache vida, ou ache morte.

Se tanto esta alta serra te deleita,
Aqui levantarey hũs Paços de ouro.
E quanta terra em roda vês sogeita
Te será, e mais sogeito este Rey Mouro.
Aceita meu amor, Pastora, aceita
Tam rico reyno, tam rico thesouro.
Tu viverás isenta na tua ley :
E eu em teu nome me chamarey Rey.

E se tam dura fores a meu rogo,
Desprezadora de meus ricos doẽs,
Vingarey tua soberba com tal jogo,
Que antes me queiras dar mil coraçoẽs.
Arderás, como eu arço, em bravo fogo.
Essas tuas carnes comerám Lioẽs.
Ah nescia moça! pois não amas, teme :
E s'ati mesma não tens odio, vê-me.

Eu sou teu Rey, tu és minha cativa.
Sê tu senhora, que eu serey cativo.
Não t'he melhor seres Raynha, e viva,
Que ardere, cruelmente em fogo vivo?

Que proveito te traz ser assi esquiva?
Tam feo te pareço, ou tam esquivo?
Inda não ha tal Dama, ou tal Raynha,
Que não s'honrasse muito de ser minha.

Tu rustica, tu pobre, e tu perdida.
Eu grande Rey de antiga geração.
D'hũa parte he meu sangue delRey Mida,
D'outra parte de Armenia do grã Cão[1].
Olha os sinaes, de que he ennobrecida
Minha cabeça, quam soberbos são.
E tu minha cativa, e vil pastora.
De teu Rey te desdenhas ser Senhora?

Ouvia acaso COMBA dentr'as matas
Os rogos, e ameaças de Orelhão,
Escondida, e quieta entre hũas latas[2],
Onde passava as séstas do Verão.
Se tu, grã Deos, as forças crueis não atas,
Fracas as forças de hũa moça são.
Ella treme, e s'encolhe, e aos Ceos sospira.
E inda até então a elRey não víra.

Chegára ali a moça na alta sésta,
Banhar-se, como sóe, nũa fonte clara
Despois de vigiar serra, e floresta,
Que pisada de gente não topara.

[1] Os reis d'Armenia se apppellidavão de *hans*, nome que os Portuguezes mudárão em *cão*.
[2] Ou antes, latadas.

Ali mais que Diana, mais que Vesta
Seu castissimo corpo refrescára,
A cuja vista o Sol, que antes ardia,
Tempera o fogo, e faz mais claro o dia.

Parece-lhe estar queda mais seguro.
Força o alento, quanto ella mais pode.
Fazem as matas o lugar escuro.
Nem vento as abre, por mais que as sacode.
Vós, meu Deos (dizia ella) sois meu muro,
Vossa grandeza aos miseros acode.
Escondey-me, Senhor, que me não veja
Quem vossa honra profanar deseja.

E se vós sois, meu bom Senhor, servido,
Que aqui o meu amor com sangue apure;
Muito ha que vo-lo tenho offerecido,
Nem este meu desterro mais não dure.
Meu peito de vós só fortalecido
Que perigo ha, de que se não segure?
Em vosso nome, em vosso esforço armada
Quebrarey do Rey mouro a lança, e espada.

Ouvio o Ceo o humilde, e sancto rogo.
Abrio-se c'um som doce, e rayo claro.
Eis já COMBA esforçada, eyla arde em fogo,
Em fogo d'alto sprito ao Mundo raro.
Já o seu medo tem por riso, e jogo.
Já tem certo o remedio, certo o emparo.

Sáe dentr'as matas contra o mouro irosa,
E assi mais divina, e mais fermosa.

Qual a casta Diana de sua fonte
Afrontada sahio contra Acteão,
Quando elle acaso a vio, andando a monte,
E Cervo o fez corrido do seu Cão:
E inda, por mais que a fabula vam conte,
Mores os fogos de COLOMBA são;
Nem tanto a honra propria ella estimava,
Quanto a de Deos, que o Mouro blasfemava.

Tal se lhe mostra, tal se poem diante:
Mouro barbaro, diz, e donde tanta
Vam soberba te vem, que te levante
Contra Deos, que os soberbos vence, e espanta?
Não vás por tua vam porfia avante.
Ajunta á tua crueza inda outra tanta.
Busca generos mil de cruel morte,
Que mais do que és cruel, he Comba forte.

Ah, cégo! que não vês a fermosura
Do meu esposo, nem a sua grandeza!
Qu'he eterna, immortal, e sempre dura,
E o Mundo todo ant'elle he vil baixeza.
Tu és a mim a mais baixa creatura,
Qu'eu hoje sey em toda a redondeza.
Vê pois se serey eu tam enganada
Que o bom, e o tudo deixe polo nada.

Qual fica o lavrador, que andava perto
D'onde cahio o rayo temeroso,
Qu'o antigo Carvalho deixa aberto,
Queimado, e negro, e a todos espantoso :
Elle esmorece, e cáe, e tem por certo
Qu'abrasado he do fogo riguroso,
E quando acorda, e s'ergue, inda mal foge.
E nos ouvidos inda o som lhe róge[1].

De tal maneira o barbaro Tyranno
Vendo da sancta Virgem o claro rayo,
Que reluzia do seu mais que humano
Rosto, attonito esteve, e c'um desmayo.
De coração vencido ouvio seu dano,
Aos peitos lança as mãos, e rasga o sayo[2].
E ó Ceos cruelissimos, exclama,
Vi o meu fogo, e a minha cruel chama.

Não pode mais dizer, e vay-se a ella
Confiado nas forças de seus braços.
Mas tempo lhe não dá a casta donzella,
Cos pés rompe da serra os embaraços.
Mouta[3] a não tróva[4], nada trava[5] della.
E elle cuida que fica preso em laços.

[1] Diriamos hoje *ruge*, no sentido de fazer ruido.
[2] Especie de casacão usado pelos guerreiros.
[3] Pequena matta, formada de arbustos.
[4] Perturba.
[5] Pega, agarra.

Salta a cavalo, a grossa lança aferra,
E assi gritando vay pela alta serra.

Ten-te, fermosa COMBA, ten-te, e espera.
Que não com ira, com amor te sigo.
Por mais que digas, homem sou, não féra,
E por meu mesmo tenho o teu perigo.
Estar-te vendo, e ouvindo só quisera.
Que não pódes fazer-me teu inimigo.
Lá me levas nos olhos alma, e vida
Qu'ao mesmo risco vay offerecida.

Ah tu só és a féra, tu só és a dura
Mais que os rochedos desta brava serra!
Mais que morte, cruel tua fermosura,
Que o meu amor pagas com odio, e guerra:
Ah não corras, cruel! que a tua brandura
Não he pera sofrer tam agra terra.
Não faças tal estrago de hũs cabellos,
Que nunca mereceo o Sol de vellos.

Em que perigo levas esses olhos,
Em que eu da vida só tenho a esperança!
Como rompem tuas plantas mil abrolhos,
Que cad'hum da minh'alma sangue lança!
Espera hum pouco: e volve-me os teus olhos,
De ti, e de mim não faças tal vingança.
Espera hum pouco, e vê-me de mais perto,
Que se estiveres queda, eu estarey certo.

COMBA pela alta fraga vay voando.
Nada acha, que lhe faça impedimento.
Das palavras do Mouro não curando,
Olhos no Ceo, cabello solto ao vento.
Algum sprito a vay encaminhando,
Algum sprito lhe dá força, e alento.
Muda-se-lhe a aspereza em cham planura
E abranda-se a seus pés a pedra dura.

Não com tanto fervor, e pressa tanta
Daphne fugia o Pastor mais fermoso,
Até se converter na verde planta,
De qu'elle inda se mostra saudoso;
Nem tam ligeira corria Athalanta
No seu páreo cruel, e perigoso,
Nem tras ellas ardendo em mor fogo hiam,
Hyppomanes, e Apollo que as seguiam.

O Mouro a cada passo a redea volta.
A cada passo acha ante si hum penedo.
Hora trota, hora vay de volta, em volta
Rodeando hora o mato, hora o rochedo.
Aceso todo em ira a redea solta,
Fere o cavallo, á morte perde o medo.
Mudado o amor em odio, enresta a lança
Pera a banhar em COMBA, que já alcança.

Tu Virgem sancta, tu Pomba divina
Por quem Deos cousa fez de tanto espanto,

Tu mesma o inspira, e canta, que não he dina
A minha Musa de subir a tanto.
A ti o ingenho, a ti o sprito se inclina.
De lá dos Ceos me venha hum novo canto,
Com que eu o alto milagre teu não dane
Nem do teu nome a honra mal profane.

Já a pastora chegava ao alto cume
Da serra, onde he mais alta a penedia,
Dond'o olho abaixo olhando, perde o lume,
E entr'ella, e elRey só a lança se metia.
Já lhe chega o Tyranno, e já presume
Que nem em terra, ou Ceo lhe escaparia.
Quando COMBA gritou : ó rocha alta, onde
Venho buscar abrigo, em ti me esconde.

O maravilha grande! abrio-se a pedra.
Obedeceo á Sancta a rocha dura,
Obedeceo á Sancta, e abrio-se a pedra,
E defendeo-a da cruel ventura.
Tambem a lança do Mouro abrio a pedra,
Ao pé fica assinada a ferradura,
Ao pé da rocha, onde hoje inda parece,
E na pedra a lançada se conhece.

Tanto que em si a recolheo, cerrou-se
A dura rocha, assi de Deos mandada.
Blasfemou o Tyranno, e assi indinou-se,
Que foy pera meter por si a espada.

Mas vio Lionardo o barbaro, e vingou-se
No innocente sangue, em que banhada
Foy a lança cruel, e o sancto moço
Estripado lançou ali num poço.

Estava hũa cova ali d'agoa encharcada,
Que do Inverno só se recolhia :
Nunca despois secou, nem foi minguada,
E clarissima, e pura he hoje em dia.
Por muitas experiencias aprovada,
Agoa fresca em tam alta penedia
Sempre igual, sempre clara Inverno, e Estio.
Nunca tal fonte deu, nem tal deu rio.

Senhores, conto o que meus olhos víram.
Vi os sinaes da pedra milagrosa.
Bebi a sancta agoa : e outros, que o sentiram,
Agoa sancta lhe chamam, e preciosa.
Isto os vivos ós[1] pays, e avôs ouviram.
Historia divina he, não fabulosa.
Os templos, e os altares dão boa próva.
E com milagres mil o Ceo o aprova.

Ali vem mil cruzes, ali vem mil votos.
Chuva hora levam, hora o Ceo sereno.
Não espanta a alta serra os seus devotos,
Nem cansa o velho, nem o moço pequeno.

[1] Aos.

Dos vezinhos lugares, e remotos
Vem os Pastores pedir agoa, e feno.
Ali offerecer vem brancas pombas
Os moços Lionardos , Moças Combas.

E a fertil, e cham terra, que occupava
Aquelle monstruoso, e cruel pagão,
Que outros claros Senhores esperava,
Inda se chama Lamas de Orelhão.
Ditosa terra, que Sanctos criava,
E ditosos tambem seus povos são,
Que ós inclytos Marquezes obedecem,
De cujo tronco plantas taes florecem.

Sanctissima Pastora mal cantada
Nestes meus versos do teu nome indinos,
Seja minha ousadia perdoada,
Não podem mortaes dar versos divinos.
Tu lá estás n'alta Gloria coroada.
Nós cá na terra te cantemos hynos.
Recebe o que de ti ao Sol, e á Lua,
Saudoso cantava ao som de Tua.

FIM DO I° VOLUME.

ERRATA.

A' pag. 108, linha 1ª do soneto XLI , em vez de *A Guia*, lêa-se *Aguia*.

TABOADA DESTE LIVRO.

TOMO I.

DOS SONETOS.

A

B

C

D

E

P

Q

R

S

T

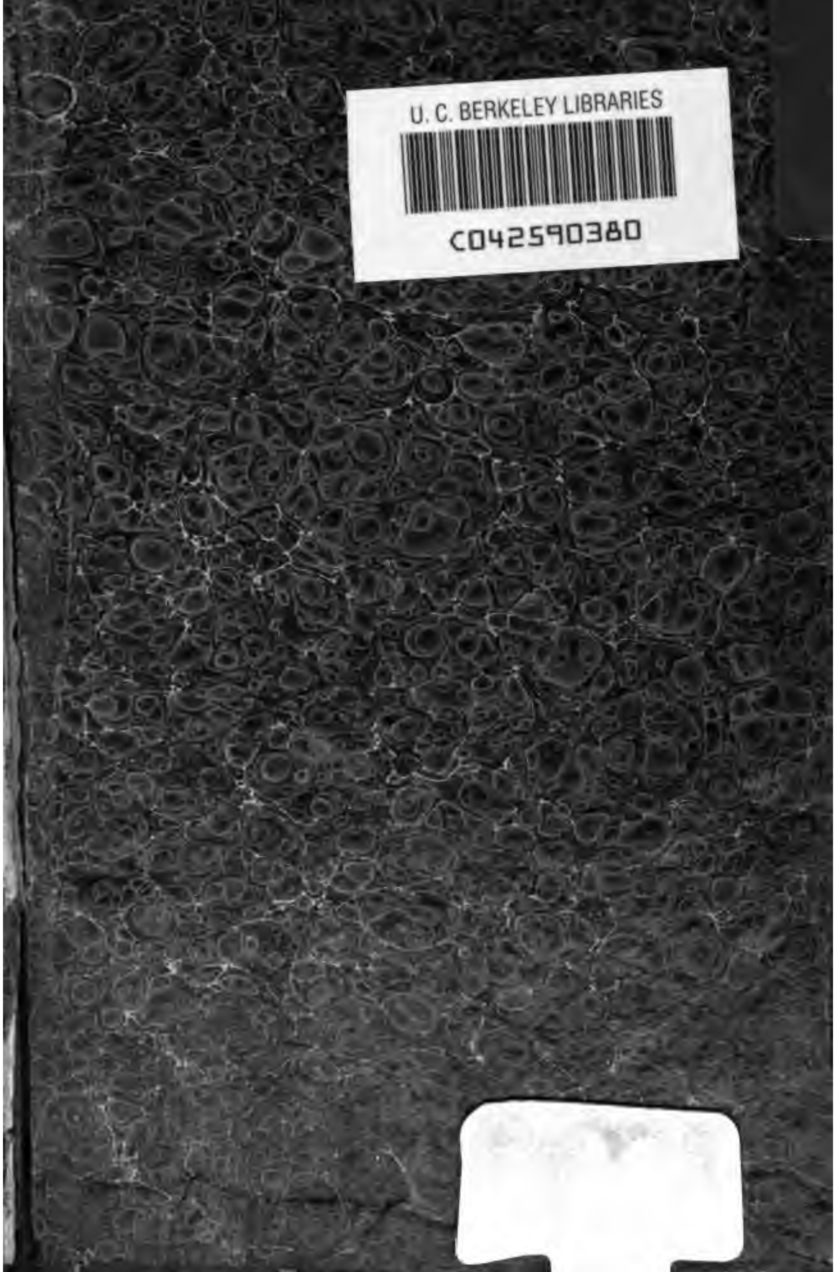
V

DOS EPIGRAMMAS.

DAS ODES.

DAS ELEGIAS.

DAS EGLOGAS.


U. C. BERKELEY LIBRARIES
C042590380

